

Por trás da mágica: Bastidores do sucesso ‘Wicked’ revelam de voo monitorado dos EUA a erros que fãs lembram com carinho

SEGUNDO CADERNO



Terremoto espalha mortes e caos na Colômbia

Menos de dois meses depois do sismo que provocou destruição na Venezuela, tremores de magnitude 7,4 atingiram a Colômbia. O epicentro foi na pequena San José de Palmar, mas o terremoto se fez sentir em cidades grandes como Medellín, Pereira e Manizales (foto). No fim da noite de ontem, eram mais de 130 mortes confirmadas, número que deve aumentar. A tragédia se torna o primeiro desafio do novo presidente Abelarado de la Espriella, que tomou posse na sexta-feira.

PÁGINA 19

VERBAS FEDERAIS

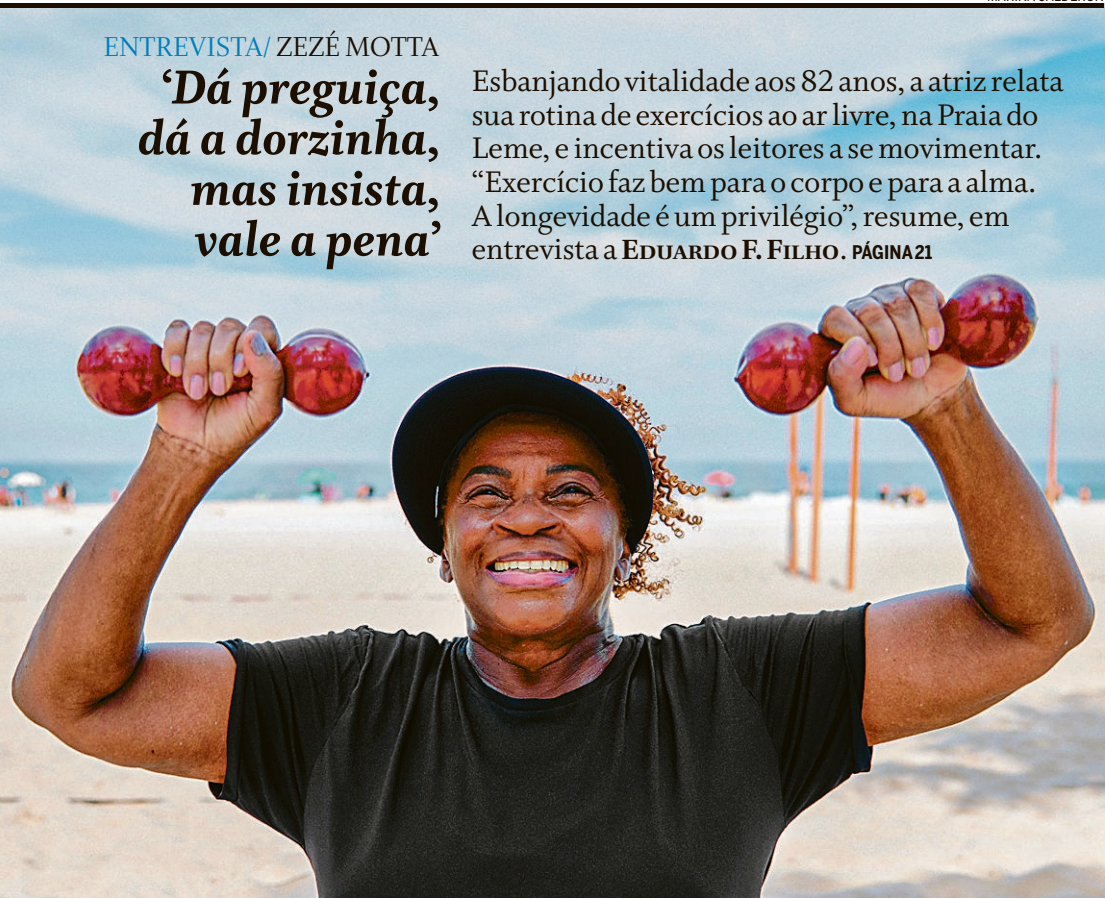
Gastos financeiros do governo crescem e ampliam pressão na dívida pública

Despesas com fundos e crédito subsidiado, que não entram na conta do arcabouço fiscal, superam 1% do PIB e quase igualam, no primeiro semestre, valor total de 2025

A despesa financeira do governo federal no primeiro semestre chegou a R\$ 149 bilhões, equivalente a 1,09% do PIB e quase o de todo o ano passado (R\$ 161 bilhões), informa **FABIO GRANER**. Essa alta ajuda a pressionar a dívida pública, cujo crescimento tem preocupado especialistas e o mercado. Os dados foram calculados pela consultoria

BRCG. Compõem a despesa financeira operações como aportes em fundos garantidores, repasses para o BNDES e outros bancos em programas de crédito —incluindo o Minha Casa, Minha Vida, o combate às enchentes no Rio Grande do Sul e ao tarifaço dos Estados Unidos. Tais recursos não entram na conta da regra fiscal.

PÁGINA 15



ENTREVISTA/ ZEZÉ MOTTA

‘Dá preguiça, dá a dorzinha, mas insista, vale a pena’

Esbanjando vitalidade aos 82 anos, a atriz relata sua rotina de exercícios ao ar livre, na Praia do Leme, e incentiva os leitores a se movimentar. “Exercício faz bem para o corpo e para a alma. A longevidade é um privilégio”, resume, em entrevista a **EDUARDO F. FILHO**.

PÁGINA 21

ELEIÇÕES 2026

COBERTURA DO GLOBO

Nas páginas e nas telas, uma imersão no conteúdo eleitoral

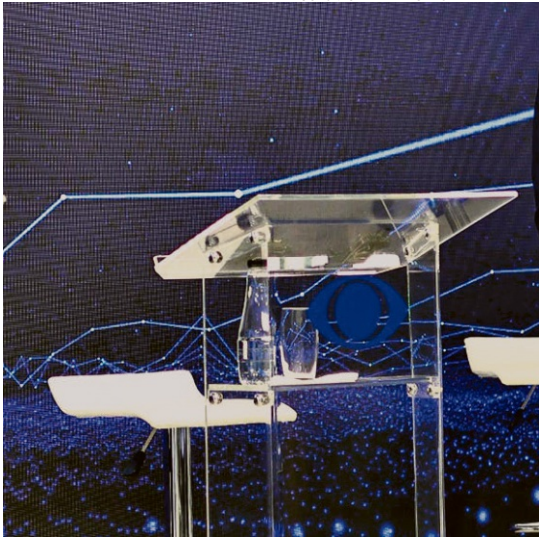
Com debates, sabatinas, videocast, colunistas em texto e em vídeo, newsletters e conteúdos interativos, a cobertura eleitoral do GLOBO terá seções novas e quadros tradicionalmente conhecidos do (e)leitor. Conheça o calendário eleitoral e a grade de atrações preparada.

PÁGINA 12



Cadeira vazia, risco calculado

LUCAS VICENTE ANTUNES/BAND PARANÁ



Candidatos líderes das pesquisas abusam da tática de fugir de debates e sabatinas. Entenda os prós e contras e por que as redes sociais fizeram a estratégia se intensificar.

PÁGINA 4

Fachin vai propor lei para limitar salários de magistrados

Presidente do STF enviará texto ao Congresso neste ano. Em 2025, 67 mil membros do sistema de Justiça receberam acima do teto.

PÁGINA 17

Rio tem 70 voos panorâmicos de helicóptero por dia e problemas na fiscalização

Crescimento desse tipo de turismo liga alerta de especialistas. Voos são “autocoordenados”, sem monitoramento permanente do cumprimento das regras oficiais.

PÁGINA 24

MERVAL PEREIRA

Como as oligarquias se ajudam para manter privilégios

PÁGINA 2

THOMAS TRAUMANN

Pesquisa diz que eleitor prefere senador que entregue obras

PÁGINA 8

MÍRIAM LEITÃO

Debate dispensa cadeira voando, provam Tarcísio e Haddad

PÁGINA 16

Com Republicanos neutro, Motta declara apoio a Lula

Presidente da Câmara, que teve relação tensa com o governo durante seu mandato, elogia o presidente, muito popular na Paraíba.

PÁGINA 9

‘Mapa dos fuzis’ expõe avanço de facções em Norte e Nordeste

Apreensões de arma de grosso calibre explosivo em estados como Bahia, Pará e Ceará, mostra estudo do Instituto Sou da Paz.

PÁGINA 13

TEMPO DE JOGO

Brasileirão adota pacote de regras ‘anticera’

CBF e clubes das séries A e B aprovam normas para cobranças de lateral, tiro de meta e atendimento médico. Medidas entram em vigor já no sábado.

PÁGINA 27

Opinião do GLOBO

Não pode haver retrocesso na reforma tributária

Flávio e Caiado cometem erro grave ao sugerir revisão do modelo de impostos aprovado em 2023

São irresponsáveis as promessas de campanha dos candidatos à Presidência Flávio Bolsonaro (PL) e Ronaldo Caiado (PSD) de revisar a reforma tributária. Aprovada em 2023, a unificação dos impostos sobre o consumo deu um primeiro passo para acabar com o pandemônio tributário que sempre caracterizou o Brasil, complicando a vida das empresas e afugentando investidores. Foi resultado de amplo consenso no Congresso, depois de décadas de debates e embates. E previu um período de transição de dez anos, para que todos consigam se adaptar à nova estrutura de impostos. Obviamente, deixou muitos insatisfeitos que, em ano eleitoral, fazem pressão sobre os candidatos para tentar deter os avanços.

Em maio, Rogério Marinho, coordenador da campanha de Flávio, defendeu pausa de um ano na implementação para discutir pontos centrais do novo modelo de impostos. No mês passado, Daniella Marques, principal porta-voz econômica da campanha, criticou a reforma tributária em encontro com investidores. Ante a reação negativa, disse que a ideia não era revogá-la, mas

aperfeiçoá-la. No início do mês, Caiado afirmou que revisaria alguns pontos. A chance de qualquer revisão resultar em legislação melhor que a aprovada no Congresso é ínfima. Ninguém pretende reduzir a lista de exceções e isenções que infelizmente contribuirá para elevar a alíquota dos demais produtos. O verbo empregado — “pausar”; “aperfeiçoar”; “revisar” — pode mudar, mas a intenção é uma só: beneficiar grupos de interesse contrários à reforma.

Há décadas a profusão de tributos e regulamentos municipais, estaduais e federais faz do Brasil uma anomalia planetária no que diz respeito ao pagamento de impostos. Apenas para cumprir a lei, as empresas têm de manter um contingente de funcionários sem paralelo no mundo, tantos são os conflitos ou mudanças de regra. Um exemplo basta para entender: na indústria de cosméticos, a taxa cobrada de perfumes é 42%, de água-de-colônia 12% e de desodorantes ainda menor. Na tentativa de driblar essa distinção sem nexo, o mercado brasileiro criou categorias insólitas, como o “deo perfume”.

A barafunda de normas e alíquotas distorce as decisões sobre investimentos. As empresas se veem mais preocu-

padas em obter incentivos tributários, como isenções ou cortes, do que com mão de obra mais preparada, a proximidade de mercados consumidores ou logística. O escasso capital brasileiro acaba aplicado de forma ineficaz, e a roda da economia gira travada.

Com a reforma aprovada em 2023, cinco impostos (PIS, Cofins, ICMS, ISS e IPI) foram unificados num imposto de valor agregado com dois componentes: CBS (da União) e IBS (compartilhado por estados e municípios). Foi criado também um Imposto Seletivo, sobre produtos nocivos à saúde e ao meio ambiente. O resultado final foi imperfeito porque grupos de interesse fizeram fila no Congresso na tentativa de entrar nas listas de exceções. Mas é muito melhor que a situação de hoje.

O prazo de transição estipulado para a implementação só termina em 2032, e qualquer atraso representará perdas para todo o país. Por isso causa consternação que candidatos à Presidência proponham o retrocesso. O Brasil tem inúmeros outros problemas a resolver, e não faz sentido reverter avanços já conquistados. A adaptação pode ser dolorosa para alguns setores ou entes federativos, mas não pode haver recuo.

É preciso rever decisão favorável a escolas de medicina com nota baixa

Liminar da Justiça põe as finanças das faculdades acima da saúde da população

A Justiça precisa rever com urgência a liminar da desembargadora Maria do Carmo Cardoso, presidente do Tribunal Regional Federal da 1ª Região (TRF-1), suspendendo punições impostas pelo Ministério da Educação (MEC) a faculdades com baixo desempenho no Exame Nacional de Avaliação da Formação Médica (Enamed). Em seu despacho, ela afirmou que as sanções tinham “inequívoco potencial de gerar prejuízos graves e de difícil reparação às instituições”. É uma lástima que não tenha tratado com a mesma consideração os riscos e as consequências irreparáveis para a saúde da população decorrentes da atuação de médicos formados por faculdades com nota aquém do mínimo exigido.

A qualidade dos cursos de medicina no Brasil é alarmante. Como demonstrou o Enamed, menos de 60% dos alunos prestes a terminar o curso alcançam o nível de proficiência. Quase um terço não adquire formação básica. Dos 351 cursos

avaliados, 107 ficaram em patamar considerado insatisfatório.

Desde a década passada, o país viu o número de vagas em cursos de medicina mais que dobrar, passando de 50 mil por ano. A expansão teve aspectos positivos. Além de aumentar a quantidade de profissionais numa área carente de pessoal, promoveu desconcentração geográfica, com mais vagas oferecidas fora das capitais. Com três médicos por mil habitantes, o Brasil tem hoje proporção superior à de Japão ou Coreia do Sul. Infelizmente, a proliferação de profissionais não foi acompanhada de regras mínimas para garantir a qualidade do ensino.

Foi justamente para buscar resolver esse problema que o MEC instituiu o Enamed. O edital do exame prevê punições às faculdades com desempenho abaixo do aceitável. Entre as sanções estão congelamento ou corte de vagas, além da suspensão de programas federais, como o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies). Mesmo antes da di-

vulgação dos resultados, em janeiro, representantes das faculdades entraram na Justiça para tentar barrar o anúncio. Fracassaram, mas depois voltaram à carga. No caso julgado no TRF-1, a desembargadora considerou haver indícios de violação aos princípios da legalidade. Para ela, o exame comprometeu a previsibilidade das regras, pois os critérios para as sanções foram divulgados depois que ele havia sido realizado.

A situação é inquietante. Médicos encarregados de tomar decisões de vida ou morte chegam ao mercado de trabalho sem condições mínimas de exercer a profissão. Para resolver o problema, um exame identificou as instituições de ensino de onde mais saem tais profissionais, e o MEC anunciou sanções para que promovam as melhorias necessárias. Em vez de fazer o esperado, elas buscaram subterfúgios legais para que tudo ficasse na mesma — e a Justiça demonstrou mais preocupação com as finanças das faculdades que com a saúde da população.

Artigos

oglobo.globo.com/opinioao/
cartas@oglobo.com.br

MERVAL PEREIRA



blogs.oglobo.globo.com/merval-pereira
editoria.artigos@oglobo.com.br



Reação à altura

Diz-se que a vida imita a arte, mas não é preciso ser artista, apenas um sensível observador, para fazer da arte um reflexo da realidade da vida. O jurista Joaquim Falcão foi premonitório em seu livro recém-lançado “A oligarquia dos poderes”, ao constatar que os interesses particulares dos integrantes dos três Poderes se sobrepõem aos públicos, provocando o que chama de “mal-estar social”. O cidadão comum não tem certeza sobre como as autoridades estatais se relacionam e negociam entre si.

Foi esse mal-estar que produziu uma reação cívica à tentativa de oligarcas do Judiciário de interferir no concurso para professor doutor na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), a maior e mais importante universidade pública do Brasil. Criada em 1934, a USP é líder em produção científica na América Latina e destaque em rankings mundiais. O concurso foi anulado porque o candidato vitorioso, Rafael Campos Soares da Fonseca, filho do ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ) Reynaldo Soares da Fonseca, anexou a seu memorial acadêmico cartas de recomendação assinadas por autoridades do Judiciário, incluindo ministros do STF como Gilmar Mendes, Dias Toffoli, Edson Fachin e André Mendonça. Havia também cartas dos ministros do STJ, colegas de seu pai, Ribeiro Dantas e Gurgel de Faria, e outra do procurador-geral da República, Paulo Gonet.

Houve manifestação contrária da comunidade acadêmica, sob a alegação de que as declarações de ministros do Supremo e do STJ poderiam interferir no julgamento da banca examinadora — mesmo antes de a celeuma se tornar pública, um dos examinadores deu nota zero ao candidato devido a essa interferência —, e uma concorrente pediu oficialmente a anulação da prova. A instituição concluiu que o uso das cartas violou os princípios de impessoalidade, o tratamento dos candidatos de forma igualitária e a isonomia.

A Faculdade de Direito da USP anulou o concurso no dia 6 e deverá realizar um novo processo seletivo para preencher a vaga. A defesa do candidato nega pressão sobre a banca e informou que pode apresentar recursos administrativos na instituição. Esse caso é exemplar de como as oligarquias dos três Poderes se ajudam mutuamente para manter o *statu quo*, outro aspecto da vida institucional brasileira abordado por Joaquim Falcão em seu livro. As “parentelas”, conforme sua definição, se encontram e combinam atuações e reciprocidade, sobretudo, segundo o autor, nas festas na capital, classificadas por ele de “amalgamas da oligarquia dos Poderes”.

A reação da USP também é exemplar de como a sociedade civil, vítima desse conluio dos poderosos, pode reagir a esses retrocessos institucionais, garantindo a higidez de sua atuação. O mesmo enfrentamento vem acontecendo nos Estados Unidos, onde o governo Donald Trump tem pressionado as grandes universidades para que adiram ao modo “trumpista” de ver o mundo, tentando limitar a liberdade de manifestação e pensamento dentro dos *campi* universitários. Até na China é possível discutir nas universidades temas que não são publicáveis em jornais e revistas controlados pelo governo comunista.

Os avanços autoritários não se limitam ao meio jurídico, mas se estendem por várias instituições privadas, inclusive no campo esportivo. A sensação de poder cada vez maior faz com que o Supremo seja um *player* político relevante, a ponto de o presidente Lula ter sido flagrado combinando um cafezinho com o ministro do Supremo Alexandre de Moares, que acabou sendo o intermediário de um encontro de apaziguamento entre o presidente do Senado, Davi Alcolumbre, e o próprio Lula.

Concurso para professor da USP é exemplo de como oligarquias dos três Poderes se ajudam mutuamente

GRUPO GLOBO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE: João Roberto Marinho
VICE-PRESIDENTES: José Roberto Marinho e Roberto Irineu Marinho

O GLOBO
é publicado pela Editora Globo S/A.

DIRETOR-GERAL: Frederic Zoghbi Kachar
DIRETOR DE REDAÇÃO E EDITOR RESPONSÁVEL: Alan Gripp
EDITORES EXECUTIVOS: Leticia Sander (Coordenadora), Alessandro Alvim, André Miranda, Flávia Barbosa, Luiza Baptista e Paulo Celso Pereira
EDITOR DO IMPRESSO: Miguel Caballero
EDITOR DE OPINIÃO: Helio Gurovitz

Rua Marquês de Pombal, 25 - Cidade Nova - Rio de Janeiro, RJ
CEP 20.230-240 • Tel.: (21) 2534-5000 Fax: (21) 2534-5535

Princípios editoriais do Grupo Globo: http://glo.bo/pri_edit

EDITORES
Política e Brasil: Thiago Prado - thiago.prado@oglobo.com.br
Rio: Rafael Galdo - rafael.galdo@oglobo.com.br
Economia: Luciana Rodrigues - luciana.rodrigues@oglobo.com.br
Mundo: Leda Balbino - leda.balbino@sp.oglobo.com.br
Saúde: Adriana Dias Lopes - adriana.diaslopes@sp.oglobo.com.br
Segundo Caderno: Marcelo Balbino - balbino@oglobo.com.br
Esportes: Thales Machado - thales.machado@oglobo.com.br
Fotografia e vídeo: André Sarmento - asarmento@oglobo.com.br
Home e redes sociais: Tiago Dantas - tiago.dantas@oglobo.com.br
Audência: Gabriela Goulart - gab@oglobo.com.br
Acervo e Qualificação: William Helal Filho - william@oglobo.com.br

SUPLEMENTOS
Boa Viagem: Marcelo Balbino - balbino@oglobo.com.br
Rio Show: Inês Amorim - ines@oglobo.com.br
Ela: Marina Caruso - mcaruso@oglobo.com.br
Bairros: Milton Calmon Filho - miltonc@oglobo.com.br

SUCURSAIS
Brasília: Thiago Bronzatto - thiago.bronzatto@bsb.oglobo.com.br
São Paulo: Mauricio Xavier (interino) - mauricio.xavier@sp.oglobo.com.br

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
www.portaldassinante.com.br ou pelos telefones: 4002-5300 (capitais e grandes cidades) 0800-0218433 (demais localidades) WhatsApp: 21 4002 5300 Telegram: 21 4002 5300

ASSINATURA MENSAL
com débito automático no cartão de crédito, ou débito automático em conta-corrente (preço de segunda a domingo) para RJ, MG, SP e ES: R\$ 199,90 (O Globo não faz cobranças em domicílio)

VENDAS EM BANCA
Dias úteis: RJ, SP, MG e ES: R\$ 7,00
Domingos: RJ, SP, MG e ES: R\$ 10,00
Carga tributária aproximada de 20%

O GLOBO não entra em contato para cobrança de multa ou renovação da assinatura. Desconsidere qualquer contato a respeito desses temas. Para ter O GLOBO em seu ponto de venda, escreva para vendasavulsas@edglobo.com.br

FALE COM O GLOBO:
Geral (21) 2534-5000 **Classifone** (21) 2534-4333
Assinaturas 4002-5300 ou oglobo.com.br/assine

AGÊNCIA O GLOBO DE NOTÍCIAS: Venda de noticiário: (21) 2534-5595 Banco de imagens: (21) 2534-5777 Pesquisa: (21) 2534-5201

PUBLICIDADE Noticiário: (21) 2534-4310 Classificados: (21) 2534-4333 Jornais de Bairro: (21) 2534-4355 Missas, religiosos e funéreas: (21) 2534-4333 Plantão nos fins de semana e feriados: (21) 2534-5501



A marca do mundo
florestal responsável

Leia aqui a Declaração
Conjunta ao FSC



_ SEG _ Carlos Alberto Sardenberg _ Demétrio Magnoli (quinzenal) _ Miguel de Almeida (quinzenal) _ Irapuã Santana (quinzenal) _ Preto Zezé (quinzenal) _ Ana Paula Araújo (quinzenal)
_ TER _ Merval Pereira _ Pedro Doria _ Fernando Gabeira _ **QUA** _ Vera Magalhães _ Elio Gaspari _ Bernardo Mello Franco _ **QUI** _ Merval Pereira _ Malu Gaspar _ Julia Dualilbi
_ SEX _ Vera Magalhães _ Pablo Ortellado _ Bernardo Mello Franco _ **SÁB** _ Thaís Oyama _ Flávia Oliveira _ Eduardo Afonso _ **DOM** _ Merval Pereira _ Dorrit Harazin _ Bernardo Mello Franco

PEDRO DORIA



blogs.oglobo.globo.com/opiniao
coluna@pedrodoria.com.br



O problema Discord

No último dia 22 de julho, uma menina de 13 anos foi encontrada morta em Naviraí, cidade em Mato Grosso do Sul. Ela tirou a própria vida numa transmissão ao vivo, por um servidor do Discord. Na semana seguinte, a primeira-dama Janja Lula da Silva pediu o banimento da plataforma do Brasil. É o tipo de frase que tem surgido com alguma frequência. O Discord, que sempre aparece nas notícias quando ligado a alguma atividade criminosa, começa a soar a gente demais como um ambiente do submundo. Não é. Mas existe uma razão para quem comete crimes o escolher para isso.

O Discord é uma empresa pequena e privada, com sede em San Francisco, na Califórnia. Nasceu para atender a uma necessidade bastante particular de quem joga videogames on-line, acompanhado de amigos. Quem joga assim, noite adentro, vendo a mesma tela de jogo, precisa também conversar. A plataforma Discord oferecia uma solução. Não importa que jogo você esteja jogando, permite criar um ambiente de voz aberto para todos os jogadores conversarem, não importa em que canto do mundo estejam. Depois, a plataforma evoluiu. Ganhou espaço para conversas por chat, como num grupo de WhatsApp. Os assuntos podem ser organizados por tópicos, como em fóruns ou no Reddit. E é possível transmitir vídeo ao vivo.

Mas, porque nasceu como plataforma para gamers, o Discord tem uma diferença de arquitetura grande para quem o compara a uma rede social. Quem entra no Facebook, no X ou no Instagram vê o mundo lá dentro. A maioria dos perfis é pública, e somos apresentados a uma imensa quantidade de conteúdo. O Discord, não. É baseado em servidores fechados. Cada um pode abrir um servidor gratuitamente. Só entra quem for convidado.

Uma estrutura assim faz do Discord um bicho único na internet. Permite conversas como WhatsApp, permite transmissões ao vivo em vídeo como Instagram ou YouTube, mas apenas para quem foi convidado. A empresa se financia vendendo assinaturas — são duas modalidades, uma a US\$ 3, a outra a US\$ 10. Não oferecem muito. Os usuários



podem usar uma gama maior de figurinhas para se comunicar numa, têm melhor qualidade de áudio e vídeo na outra. Isso faz dessa uma empresa bastante pequena para os padrões do Vale do Silício. A arquitetura impõe outra dificuldade: como cada servidor é fechado ao mundo, aberto apenas a quem tem acesso, moderar conteúdo se torna bastante mais complexo.

Sim, esses ambientes privados tornam a plataforma atraente para quem deseja cometer crimes. Mas o comando da empresa não tem uma postura de confronto como Elon Musk, do X, ou Pavel Durov, do Telegram. Quando as autoridades os convocam, eles aparecem. Respeitam ordens judiciais. Sua dificuldade é de outra natureza. A plataforma cresceu muito, cresceu muito rápido e cresceu particularmente no Brasil. O país é o segundo em importância no Discord.

Não cresceu apenas em razão de crime ou de jogos. Qualquer um que deseje montar uma comunidade sobre qualquer tema, de jogo de botão a criação de abelhas, descobrirá rapidamente que sua melhor opção a baixo custo é o Discord. Um sem-número de pequenas empresas, principalmente as com cultura digital, usa Discord como seu sistema de comunicação interno. A proibição geral da

plataforma criaria um pesadelo instantâneo para incontáveis startups brasileiras. No Discord, não há algoritmo empurrando desinformação, não tem bilionário trumpista. Há um espaço de conversas, e essas conversas refletem quem deseja tê-las. São milhões se divertindo, trabalhando, explorando o mundo.

Isso não quer dizer que o sistema do Discord não tenha pendências por resolver. As principais são duas. Primeira: controle maior de idade de quem está lá dentro — não é possível controle absoluto; afinal, adolescentes sempre encontram válvulas de escape, mas é possível controlar mais. E a outra: muitas plataformas são mais capazes de interromper as conversas entre crianças, adolescentes, com adultos fora de sua esfera imediata de contato —o Discord deixa os menores expostos demais a esse assédio.

Nós não proibimos prédios com escritórios e apartamentos trancados a chave só porque, num ambiente privado, crimes possam ocorrer. Então não deveríamos proibir uma plataforma digital por ela se basear em ambientes privados, não públicos. A privacidade ainda é necessária para todos nós. E, sim, é em privado que crimes ocorrem. Mas ninguém manda demolir prédios depois dos crimes por negligência da equipe de portaria.

FERNANDO GABEIRA



blogs.oglobo.globo.com/opiniao
editoria.artigos@oglobo.com.br



O Brasil não está só

Um autor argentino que nos visitou recentemente mandou mensagens para os amigos, lamentando os ataques de Milei a autoridades brasileiras. Segundo ele, essas patacoadas não representam grande parte do país.

Não há dúvida de que nem todos na Argentina aprovam a forma como Milei expressa suas posições. Assim como não deve haver dúvida de que os Estados Unidos não apoiam, em sua maioria, as escaramuças diplomáticas que o governo Trump usa contra o Brasil.

Para começar, as próprias tarifas aplicadas ao Brasil e a outros países sofrem grande resistência interna. Vinte e cinco estados americanos entraram na Justiça condenando a decisão de Trump de taxar sob o argumento de que os países não combateram adequadamente o trabalho forçado. Os estados governados por democratas consideram a taxação contrária à lei.

Nas escaramuças diplomáticas, o Brasil não está só. A revogação do visto da embaixadora Maria Luiza Ribeiro Viotti é apenas uma decisão arbitrária entre muitas que os Estados Unidos vêm tomando.

A França sofre o mesmo tipo de pressão. O embaixador Aurélien Lechevallier não consegue receber o *agrément* de Trump. A razão: a delegação francesa criticou um voto americano na ONU, contrário à renovação do mandato do alto comissário de Direitos Humanos, Volker Türk. Os Estados Unidos votaram com Rússia, Coreia do Norte e Nicarágua, e os franceses fizeram aquele clássico comentário: quem te viu, quem te vê.

O caso mais grave aconteceu com o embaixador da África do Sul nos Estados Unidos. Ebrahim Rasool fez postagens no X criticando o movimento de supremacia branca. Associou as críticas de Trump à África do Sul, por suposta perseguição aos brancos, à tentativa de enfraquecer um país que luta contra o supremacismo.

Aqui no Brasil, o país examina o *agrément* para o embaixador de Trump, Daniel Perez. O Brasil se apoia na Convenção de Genebra, e Trump há muito deu um pontapé em todas as regras internacionais. Ele mesmo declarou que se orienta pela própria cabeça, e não por convenções internacionais.

Estamos falando uma língua diferente de Trump. Mas não estamos sós. Neste momento, toda a querela com o governo americano fortalece a campanha de Lula. É razoável que seja usada como trunfo eleitoral.

Mas eleições passam. E Trump continua por lá, possivelmente tentando eleger Vance ou Marco Rubio. É preciso pensar nesse longo prazo e nas inúmeras dimensões preparatórias que ele pede. Soberania transcende a palanques e discursos inflamados.

Neste momento, já é necessário compreender que não estamos sós, ampliar relações comerciais, alianças políticas e contar com mudanças nos Estados Unidos. Por meio de uma simples alteração na correlação de forças nas eleições de novembro, Trump pode perder uma das Casas do Parlamento. E não mais será o mesmo. Não terá paz para isso.

ARTIGO

Democracia tem de se defender

ROGÉRIO SOTTILI



Há muito tempo a democracia deixou de ser apenas uma questão interna dos países. Eleições nacionais passaram a integrar uma disputa global entre projetos políticos que atravessam fronteiras. De um lado, democracias que procuram preservar instituições, direitos e regras do jogo. De outro, uma extrema direita transnacional articulada, que compartilha estratégias, mobiliza redes de desinformação e busca influenciar processos eleitorais ao redor do mundo.

O autoritarismo aprendeu a operar internacionalmente e hoje atua de forma coordenada para enfraquecer instituições democráticas. As fronteiras continuam existindo para os Estados, mas deixaram de existir para aqueles que pretendem corroer a democracia.

O Brasil tornou-se terreno estratégico de uma disputa mundial. O resultado da próxima eleição interessará aos brasileiros, evidentemente, mas seus efeitos serão sentidos muito além do país.

Quando o governo Trump anuncia um novo tarifaço contra o Brasil, estamos diante de uma ação política destinada a produzir instabilidade às vésperas do período eleitoral. Quando autoridades americanas afirmam que acompanharão atentamente nossas eleições, não fazem uma observação

protocolar. Sinalizam que o processo eleitoral brasileiro passou a estar no centro da disputa política internacional.

Não por acaso, senadores democratas do Comitê de Relações Exteriores dos Estados Unidos acusaram o governo Trump de promover teorias conspiratórias sobre o processo eleitoral brasileiro e advertiram que desacreditar eleições de outros países corria a confiança na democracia e a própria credibilidade internacional dos Estados Unidos. Pela primeira vez, a defesa da integridade das eleições brasileiras tornou-se objeto de um

Eleições nacionais passaram a integrar uma disputa global entre projetos políticos que atravessam fronteiras

embate político dentro das próprias instituições americanas.

O governo Trump também decidiu associar o Brasil à prática de terrorismo, ampliando ainda mais o grau de tensão política e diplomática.

O objetivo é reforçar um ambiente de deslegitimação que visa a ampliar a instabilidade e enfraquecer a confiança nas instituições brasileiras.

Cresce também a mobilização de redes transnacionais da extrema direita para lançar dúvidas sobre a legitimidade do sistema eleitoral. O roteiro é conhecido. Primeiro, desacreditam as instituições. Depois, desacreditam o resultado. Se necessário, desacreditam a própria democracia. E, assim, se cria o terreno fértil para todo e qualquer tipo de instabilidade.

Essa é a grande transformação do nosso tempo. As democracias já não são ameaçadas apenas por tanques nas ruas ou rupturas explícitas. São enfraquecidas lentamente pela combinação entre desinformação organizada, pressão econômica, ataques às instituições e erosão da confiança pública.

O mundo inteiro reconhece que o Brasil tem um sistema eleitoral confiável. Mas acreditar que isso basta seria subestimar a natureza da disputa que enfrentamos. Nenhuma democracia está imune quando a ofensiva contra ela ultrapassa fronteiras.

É justamente por isso que a defesa da soberania brasileira diz respeito a todos aqueles que compreendem que eleições livres constituem um princípio consagrado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos como fundamento da legitimidade dos governos. Parlamentares, universidades, organizações da sociedade civil, imprensa e lideranças democráticas de todo o mundo precisam afirmar, com clareza, que a escolha do futuro do Brasil pertence exclusivamente aos brasileiros.

Num mundo onde o autoritarismo aprendeu a agir internacionalmente, a democracia também precisa aprender a se defender de forma articulada. A soberania brasileira está em disputa porque, hoje, defender eleições livres em qualquer democracia é defender a própria ideia de democracia.



Rogério Sottili é diretor executivo do Instituto Vladimir Herzog



ZONA DE CONFORTO

Dinâmica das redes e fator vidraça levam candidatos na liderança a evitar debates e sabatinas no 1º turno



Estratégia. Lula no “Meteoro Brasil”: petista opta por entrevistas a podcasts enquanto coloca em xeque ida a debates

ELEIÇÕES 2026

CAIO SARTORI
caio.sartori@oglobo.com.br

Às vésperas do início da campanha, os principais candidatos à Presidência e a governos estaduais têm se ausentado de debates e sabatinas, em movimento que marca uma mudança na estratégia eleitoral. Ao mesmo tempo que evitam o confronto direto, passaram a ser recorrentes as participações em podcasts e outros programas voltados às redes sociais em que enfrentam cenários mais amigáveis.

No domingo, três líderes das pesquisas nos estados faltaram ao encontro da Band: Eduardo Paes (PSD), no Rio; Sergio Moro (PL), no Paraná; e Daniel Vilela (MDB), em Goiás. Ontem, o presidencial Flávio Bolsonaro (PL) não compareceu à sabatina da GloboNews, seguindo o que fez o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) na semana passada. Os dois têm ampla vantagem sobre os demais candidatos ao Planalto.

EFEITO MARÇAL

Antes incomum, a prática reflete a percepção nas campanhas de que, em tempos de redes sociais e outras formas de comunicação, o mais conveniente para manter o controle é evitar ambientes que podem ser críticos, observa o cientista político Hilton Fernandes, professor do Laboratório de Opinião Pública e Mídias Digitais da FESPSP. Assim, o debate público acaba empobrecido.

— Os candidatos podem focar em ambientes mais favoráveis, com debatedores que não vão tocar em temas delicados ou negativos para os candidatos — afirma o pesquisador. — É justamente a facilidade de divulgar conteúdos próprios na internet que deixa muitos

candidatos à vontade para evitar debates, sabatinas e outras situações em que não têm o controle.

Enquanto coloca em xeque a participação no primeiro debate televisivo, o da Band, Lula, por exemplo, deu entrevista recentemente ao podcast “Meteoro Brasil”. Flávio, por sua vez, foi ao “Market Makers”. O embate entre os presidenciais na emissora está agendado para o dia 23, mas pode acabar esvaziado.

No passado, diz Fernandes, não participar de encontros criava mais efeitos negativos, enquanto hoje a produção massiva de conteúdo digital acaba compensando a ausência. Ele pontua ainda como a mudança no perfil de candidatos impactou a dinâmica. Políticos como Pablo Marçal, cuja postura na eleição paulistana de 2024 foi paradigmática, suscitaram novos riscos aos demais concorrentes.

— Com o aparecimento de candidatos extremistas que se aproveitam da internet para se apoiar em desinformação, agora há o risco de confronto entre quem pretende fazer um debate sério e outros que usam o espaço para oportunismo, como ocorreu nas últimas eleições municipais — avalia. — Neste cenário, os debates fi-

cam ainda menos interessantes para quem quer tratar de temas relevantes para os eleitores.

Professor de marketing político, Marcelo Vitorino pondera que não existe uma explicação única para todas as ausências. É comum, contudo, que cenários com muitas candidaturas fragmentadas e um líder com ampla vantagem sejam mais propícios a faltas.

— Se um debate tem 120 minutos, eu, se sou líder das pesquisas, calculo que vou ter uns 15 de fala, enquanto os demais vão passar os outros 105 me atacando. Vou virar vidraça. Esse candidato vai ser atacado de qualquer jeito, mas é diferente quando está presencialmente, com sua imagem lá — avalia. — Sem dúvida é horrível não ter o debate para produzir cortes nas redes, mas a discussão interna é se perde mais indo ou indo e sendo “espancado” publicamente.

Os encontros televisivos, diz Vitorino, ainda são essenciais aos candidatos em eleições mais apertadas, nas quais a margem para a vitória está reduzida. Por isso, ganham especial protagonismo em segundos turnos. Ao mencionar os casos do domingo passado, vê o de Vilela, em Goiás, como o mais ar-



Entrevista. Flávio no “Market Makers”: presidencial do PL repetiu Lula e não compareceu à sabatina da GloboNews



“Sem dúvida é horrível não ter o debate para produzir cortes nas redes, mas a discussão interna é se perde mais indo ou indo e sendo ‘espancado’ publicamente”

Marcelo Vitorino, professor de marketing político

“Agora há o risco de confronto entre quem pretende fazer um debate sério e outros que usam o espaço para oportunismo”

Hilton Fernandes, cientista político professor da FESPSP

riscado, dado que a vantagem dele nas pesquisas é menor que a de Paes e Moro.

Marqueteiro que hoje prepara a campanha presidencial de Ronaldo Caiado (PSD) e as estaduais de Mateus Simões (PSD), em Minas Gerais, e Douglas Ruas (PL), no Rio, Paulo Vasconcelos divide a avaliação sobre participar ou não de um debate em dois níveis: o “fi-

losófico e democrático” e o “do marqueteiro”.

— O nosso mundo, dos marqueteiros, está pensando em efeitos imediatos, de perda de votos. Às vezes, faltar não rende um efeito negativo, mas a longo prazo, para o currículo e para a democracia, é algo muito ruim — avalia.

Se um candidato é pouco conhecido e não representa o alvo principal dos adversários, diz, participar faz parte do processo de se apresentar ao eleitorado:

— O Douglas, por exemplo, foi ao debate da Band para dizer “estou aqui” ao eleitorado de direita, seja no ao vivo ou por meio dos cortes.

CASO DE 2006

Há 20 anos, deixar o próprio púlpito vazio em um debate era atípico. Quando Lula decidiu que não iria ao encontro da TV Globo antes do primeiro turno — decisão comunicada em cima da hora —, foi duramente criticado pelos adversários. Entre eles, estava o hoje aliado e atual vice-presidente da República, Geraldo Alckmin (PSB), então no PSDB.

Naquele momento, o petista lidava com uma crise motivada pela tentativa de compra, por parte de quadros do PT, de um dossiê contra tucanos. Ao longo do

segundo turno, Lula usou o horário eleitoral para admitir que foi um erro não ter participado do encontro realizado pela TV Globo.

— Não tenho medo de enfrentar este debate, é melhor fazer isso do que varrer o lixo para debaixo do tapete. Todos vocês sabem o aproveitamento que eles estão fazendo do grave erro cometido por alguns petistas que tentaram comprar um dossiê — disse.

Outro motivo que as campanhas costumam citar para justificar o “bolo” dado em debates é a duração do período eleitoral, hoje mais curto. Até o pleito de 2014, o tempo era mais que o dobro dos atuais 45 dias.

Ao justificar sua ausência, na véspera do debate, Paes disse que foi orientado pela sua equipe jurídica a desmarcar a presença na Band. A justificativa seria o fato de o período oficial de campanha, que começa no dia 16, ainda não estar vigente. Procurado pelo GLOBO para falar sobre a falta ao debate, Paes não retornou.

Ontem, manhã seguinte ao debate, o ex-prefeito do Rio publicou nas redes um vídeo de uma entrevista em que fala de segurança pública, o que ilustra a estratégia de usar outros canais para compensar a não participação na TV.

Moro divulgou um vídeo para anunciar a ausência por entender “que o encontro havia se transformado em um ‘jogo combinado’ entre PT/PDT e PSD/MDB. “A decisão foi evitar uma dinâmica de ataques coordenados e priorizar uma discussão séria sobre os problemas e o futuro do Estado” disse, em nota.

Já Vilela, que foi atacado por adversários, afirmou que não participaria do debate em razão de compromissos anteriormente agendados. Ontem, ele foi a uma sabatina na imprensa local.



Paraná. Púlpito vazio de Moro entre Requião Filho e Sandro Alex no 1º debate



Rio. Alvo no confronto, Paes, que lidera com folga a disputa, não compareceu

Crime organizado causa prejuízo bilionário no setor de combustíveis

Fiscalização ostensiva integrada e medidas punitivas são consideradas essenciais para reduzir sonegação, eliminar concorrência desleal e melhorar ambiente de negócios



Operações recentes revelaram organizações criminosas infiltradas na cadeia produtiva

© BETTY IMAGES

Fortalecer a fiscalização, aprofundar e integrar investigações e fechar as brechas para sonegação e inadimplência são medidas essenciais para enfrentar o avanço do crime organizado no setor de combustíveis. Intensificados nos últimos anos, esses delitos causam prejuízos bilionários para as empresas e o poder público, além de gerarem incertezas para o consumidor final.

As práticas ilícitas são facilitadas, entre outros fatores, pela alta circulação de dinheiro em espécie, pela longa cadeia produtiva (da extração à venda ao consumidor), pela lavagem de dinheiro e pelo alto potencial de lucro que envolve as atividades relacionadas aos derivados do petróleo e ao etanol.

Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública apontam que o mercado ilegal de combustíveis e lubrificantes proporciona ao crime organizado uma receita anual de R\$ 61,5 bilhões. O Instituto Combustível Legal (ICL) calcula perdas anuais de R\$ 29 bilhões, sendo R\$ 14 bilhões em sonegação e inadimplência e R\$ 15 bilhões em fraudes operacionais, como furto, roubo, descaminho, adulteração de produtos e manipulação de bombas.

— O combate aos crimes no setor de combustíveis exige uma atuação integrada e permanente que envolve diversos agentes — União, estados, agências reguladoras, órgãos de fiscalização, Ministério Público, PGEs e forças de segurança”

Emerson Kapaz
Presidente do ICL

dos mecanismos de rastreamento e fiscalização — afirma o presidente do ICL, Emerson Kapaz.

Entre as medidas de prevenção mais importantes para o combate às fraudes está a mudança no modelo de cobrança de impostos sobre combustíveis. Para a gasolina e o diesel foi implementado o regime monofásico, que concentrou a cobrança dos tributos federais e estaduais em um único elo, na produção ou importação, com alíquota única nacional, em R\$/lt. Essa forma de cobrança substituiu o modelo plurifásico, em que os impostos são recolhidos em várias etapas da cadeia, como produção e distribuição.

Entretanto, para o etanol hidratado, foram implantados apenas os tributos federais (PIS e Cofins), faltando o tributo estadual (ICMS). A cobrança concentrada em apenas uma etapa da cadeia, de preferência na produção, com alíquota única, em R\$/lt, é fundamental para redução da sonegação e da inadimplência, já que o Fisco passa a fiscalizar um número bem menor de contribuintes, sem diferenças de alíquotas entre

estados. Também fortalece a concorrência leal em um dos setores mais estratégicos da economia, o que abre caminho para empresas mais sólidas e competitivas, mais investimentos, e dá ao consumidor final a garantia de acesso a produtos e preços confiáveis.

ALÍQUOTAS DIFERENTES EM CADA ESTADO

A reivindicação de todos os elos do setor é que o modelo monofásico para o etanol hidratado seja antecipado, eliminando de imediato as vendas interestaduais fictícias e o passeio de nota entre estados.

— No caso do etanol hidratado, a antecipação da monofasia para os tributos estaduais representa um avanço importante para tornar o ambiente concorrencial mais equilibrado, reduzir a sonegação e aumentar a eficiência da arrecadação, sem elevar a carga tributária — complementa Kapaz.

Em nota, a Receita Federal reitera a importância da monofasia tributária, e aponta outros desafios: “Ao concentrar a tributação em poucos agentes econômicos, como refinarias e importadores, reduzem-se o número de contribuintes e, consequentemente, os espaços para a criação de estruturas artificiais voltadas à sonegação fiscal. Além dos aprimoramentos tributários, é fundamental avançar em medidas que aumentem a rastreabilidade dos fluxos financeiros. Isso passa por uma progressiva redução da utilização de dinheiro em espécie e pelo incentivo ao uso de meios eletrônicos de pagamento, como cartões, transferências bancárias e sistemas digitais. Quanto maior a utilização de instrumentos financeiros rastreáveis, maior a capacidade

dos órgãos de controle de acompanhar a circulação dos recursos, identificar inconsistências patrimoniais e financeiras e desarticular estruturas voltadas à fraude, à sonegação e à lavagem de dinheiro”.

Operações conjuntas entre Receita Federal, Ministério Público, forças de segurança, Agência Nacional do Petróleo (ANP) e outros agentes públicos têm revelado que organi-

zações criminosas estão infiltradas em várias etapas da cadeia produtiva do setor de combustíveis, com adulteração de produtos, lavagem de dinheiro, utilização de empresas de fachada e de fintechs para ocultação patrimonial.

“Nos últimos anos, a ANP vem aprimorando suas ferramentas de inteligência e intensificando a investigação e o mapeamento de grupos econômicos

que atuam no mercado de combustíveis e são suspeitos de irregularidades. Com base nessa atuação, realizou diversas atuações, interdições e revogações de autorização de agentes regulados, incluindo atividades de importação, produção, formulação, distribuição e revenda de combustíveis, biocombustíveis e outros produtos”, informou a ANP em nota.

IDENTIFICAÇÃO DE DEVEDORES CONTUMAZES

Além da monofasia tributária, outro passo importante é a lei que permite a identificação e a punição dos devedores contumazes: pessoas ou empresas que usam a sonegação e a inadimplência como modelo de negócio, para obter vantagem sobre os concorrentes que obedecem às normas tributárias. Segundo o ICL, a dívida ativa do setor ultrapassou os R\$ 215 bilhões.

Empresa tipificada e enquadrada como devedora contumaz perde o direito a benefícios fiscais e fica proibida de participar de licitações públicas e de pedir recuperação judicial. A lei está em vigor no âmbito federal e precisa ser regulamentada por estados e municípios.

— A discussão sobre mecanismos legais voltados para tipificação, caracterização e punibilidade ao devedor contumaz é mais uma evolução preventiva. São medidas que reduzem vulnerabilidades exploradas por organizações criminosas que utilizam a fraude tributária e operacional como fonte permanente de financiamento — diz o presidente do ICL.

A Secretaria de Estado de Fazenda do Rio de Janeiro (Sefaz-RJ) informa que uma ampla reestruturação nas estratégias de combate à sonegação fiscal, inclusive no setor de combustíveis, fortaleceu as áreas de fiscalização, inteligência e planejamento. “Sem elevação de tributos, as medidas resultaram em um crescimento de 77% na arrecadação de ICMS do setor de combustíveis no segundo trimestre deste ano, na comparação com o mesmo período de 2025: a receita passou de R\$ 1,3 bilhão, entre abril e junho do ano passado, para quase R\$ 2,4 bilhões”, informa a Secretaria.

No transporte de combustíveis, houve aumento nos valores de autos de infração em junho deste ano, comparado ao mesmo mês do ano passado: de pouco mais de R\$ 300 mil para quase R\$ 1,8 milhão. A Sefaz-RJ também notificou 1.750 postos para que façam o cadastramento e prestem informações sobre movimentação e venda de combustíveis.

OS PREJUÍZOS DO CRIME NO SETOR



A receita anual do crime organizado infiltrado no setor de combustíveis e lubrificantes é estimada em **R\$ 61,5 bilhões.**



O prejuízo anual chega a **R\$ 29 bilhões:** R\$ 14 bilhões em sonegação e inadimplência e R\$ 15 bilhões em fraudes operacionais.



A dívida ativa no setor de combustíveis é de **R\$ 215 bilhões.**

MEDIDAS IMPORTANTES

Monofasia tributária

- ▶ É a cobrança do imposto sobre combustíveis uma única vez, na fase de produção ou importação, com alíquota única de mesmo valor, em R\$/lt, em todo o território nacional. Substitui a plurifasia, em que a cobrança é feita em diversos elos da cadeia, como produção e distribuição.
 - Essa medida reduz brechas para fraude fiscal; facilita a fiscalização, pois há menos contribuintes envolvidos; elimina as vendas interestaduais fictícias e simuladas; fortalece empresas que atuam dentro da lei; aumenta a competitividade, pois dificulta atuação de empresas fraudulentas e inadimplentes; e favorece a segurança jurídica e a atração de investimentos. Mais garantia para o consumidor final.
- ### Devedor contumaz
- ▶ A nova lei busca identificar e punir empresas que utilizam a sonegação e a inadimplência reiterada como modelo de negócio, com vantagens sobre os concorrentes que cumprem as normas tributárias.

Acusação de trava do governo federal a empréstimos pauta campanhas em SP

Em primeiro debate, Tarcísio reclamou que pedidos de financiamento a instituições estrangeiras estão parados na Casa Civil; Haddad respondeu que o estado foi o mais beneficiado com abatimento da dívida

ELEIÇÕES 2026

HYNDARA FREITAS
hyndara.freitas@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

Reclamações sobre supostas travas do governo Lula na liberação de empréstimos para a cidade e o estado de São Paulo pautaram o debate da Band no domingo entre o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) e o ex-ministro da Fazenda Fernando Haddad (PT). O tema também virou pivô de troca de acusações entre integrantes do governo federal e estadual, e contamina até a disputa presidencial, já que passou a ser encampada por Flávio Bolsonaro (PL) nas últimas semanas.

No caso do estado, as reclamações envolvem desde a recusa do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) de financiar a Linha 6 (Laranja) do metrô até a demora na aprovação de trâmites necessários para pegar empréstimos com bancos estrangeiros para obras na área de transporte. Já em relação ao município, o prefeito reclama de travas da Casa Civil, que deveria remeter ao Senado o pedido de três empréstimos, que somam R\$ 3,5 bilhões, para comprar ônibus elétricos e fazer unidades de saúde.

Tanto o Ministério da Fazenda quanto a Casa Civil negam demora e afirmam que os processos seguem os trâmites regulares, enquanto o presidente do BNDES, Aloizio Mercadante, divulgou uma nota semana passada destacando o papel do banco em grandes obras do governo paulista e comparando os valores com o total liberado na gestão Bolsonaro.

PATERNIDADE DE OBRAS
Durante o debate de domingo, Tarcísio e Haddad discutiram em vários momentos sobre a “paternidade” de grandes obras em São Paulo. O petista reclamou que o governador estaria escondendo o apoio do governo federal em projetos de expansão do metrô e obras rodoviárias, por exemplo, quando Tarcísio trouxe à baila a questão dos empréstimos.



Disputa. Um das reclamações de Tarcísio é sobre a recusa do BNDES de financiar a Linha 6 do metrô; Mercadante destaca papel do banco em obras do governo paulista

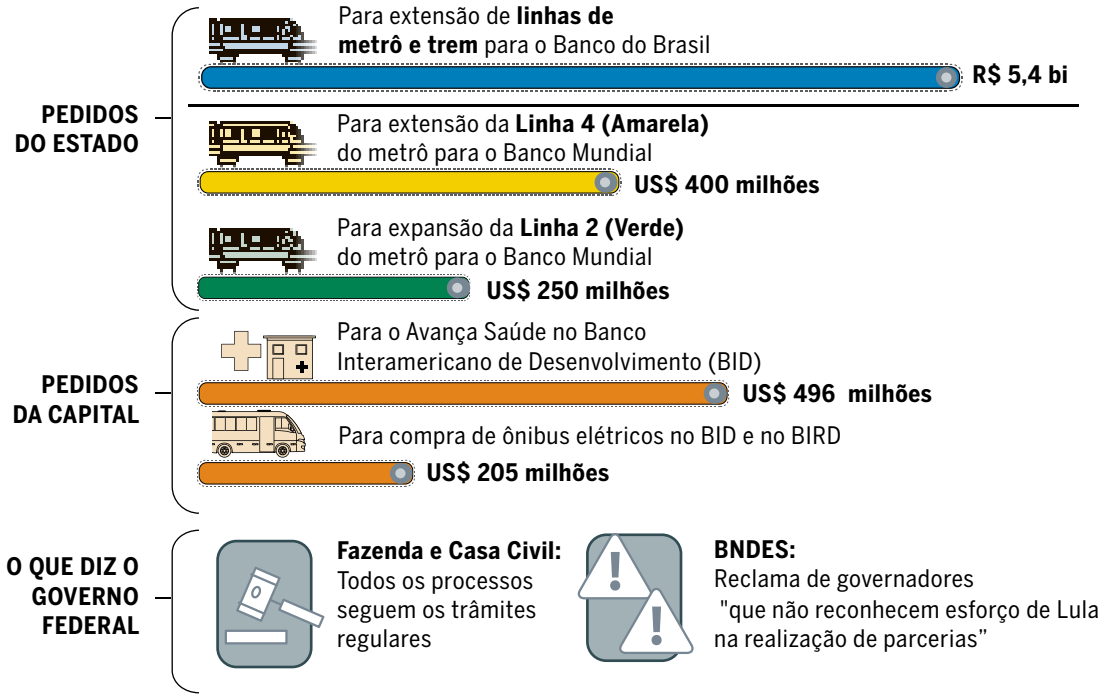
— Se a visão é republicana, por que os nossos financiamentos com o Banco Europeu de Investimento e com o Banco Mundial estão travados na Casa Civil? Por que eles não foram enviados para o Senado? Por que o nosso financiamento com o Banco do Brasil para fazer a extensão da Linha 5 até o Jardim Ângela e a duplicação (da Rodovia Tamoios) Caraguá-Ubatuba está travado na Fazenda há meses? — indagou o governador.

Haddad evitou responder exatamente sobre o tema, e comparou os investimentos do governo Lula com os da gestão Bolsonaro em São Paulo. Ele mencionou que o estado foi o mais beneficiado com o Programa de Plano Pagamento de Dívidas dos Estados (Propag).

— Negar o que o governo federal está fazendo por SP, em entrevista, não é uma prática bonita. Parceria é para ser reconhecida — afirmou. — Então você não recebeu nada? Eu estou te perguntando. Você recebeu R\$ 128 bilhões de abatimento de serviço da dívida. Se você somar tudo o que todos os governadores receberam, não dá o que você recebeu de desconto de juro — disse Haddad, que também culpou Tarcísio por demorar a aderir ao Propag.

Um dos empréstimos a

Nunes e Tarcísio reclamam de ‘travas’ em empréstimos



que Tarcísio se refere foi ao Banco Mundial, no qual a União atuaria como garantidora. Foi um pedido de empréstimo de 250 milhões de dólares para a extensão da Linha 2 (Verde) e outro de 400 milhões de dólares para a extensão da Linha 4 (Amarela), feito em janeiro do ano passado.

No caso de empréstimos de estados com instituições estrangeiras, a União precisa atuar como uma espécie de “fiadora” e o Ministério da Fazenda avalia, por meio de análises técnicas e orçamentárias, se o ente tem ca-

pacidade fiscal e financeira de contrair a dívida. Após aprovações internas, envia o processo para a Casa Civil, onde o presidente da República assina a formalização do pedido e o encaminha para o Senado — a quem cabe autorizar pedidos de empréstimos de entes federativos com instituições financeiras estrangeiras.

Neste caso, a Fazenda deu parecer favorável ao empréstimo e remeteu o processo à Casa Civil em setembro de 2025, e lá ficou parado. Em fevereiro deste ano, o Banco Mundial enviou

uma carta ao governo estadual informando que, caso os trâmites no governo federal não se encerrassem até abril, período do fechamento fiscal, o processo teria de ser iniciado do zero.

Foi o que ocorreu: o ministro da Fazenda, Dario Durigan, assinou um despacho em março informando sobre o aval, e pedindo que o processo fosse encaminhado ao Senado pela Casa Civil. Mas isso não foi feito. O estado já informou ao Ministério da Fazenda que vai pedir os 400 milhões de dólares pa-

ra algum banco nacional. O Ministério da Fazenda nega demora, e afirmou em nota que “as operações de crédito relativas ao estado de São Paulo seguem o trâmite regular”, e a “análise da operação foi iniciada em novembro de 2025 e, desde então, houve troca de informações entre o Tesouro Nacional e o governo estadual para complementação da documentação exigida pela legislação”. A pasta afirma que “historicamente, o período eleitoral eleva a demanda por esse tipo de operação, o que impacta o volume de processos em análise”.

QUEIXAS DE NUNES

As queixas de Tarcísio são compartilhadas pelo prefeito da capital, Ricardo Nunes (MDB), que alega que a Casa Civil está travando a liberação de empréstimos junto ao Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (Bird) e ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

O município protocolou, entre janeiro e abril de 2025, três pedidos no Ministério da Fazenda. A Fazenda já deu o aval para a operação, mas desde abril os pedidos estão parados na Casa Civil à espera do encaminhamento ao Senado.

O prefeito enviou ofícios para o Senado e para o Tribunal de Contas da União (TCU) no último dia 23, alegando “inércia” e “injustificação da retenção administrativa”. O pedido de empréstimo vence em 25/8. Em entrevistas recentes, o prefeito tem dito que a cidade “está sendo perseguida pelo governo Lula”.

O Ministério da Fazenda informou que já encaminhou o caso à Casa Civil que, por sua vez, afirmou apenas que “todos os processos submetidos à análise seguem os trâmites administrativos e técnicos previstos”.

Após um encontro com o prefeito e o governador há duas semanas, Flávio Bolsonaro disse em entrevistas que a gestão Lula estava fazendo um “boicote” ao estado e ao município. No dia seguinte, Mercadante, presidente do BNDES, divulgou nota na qual diz que o estado é o ente público com o maior número de financiamentos na instituição e que o banco aprovou R\$ 163,5 bilhões em operações de crédito para o estado e capital durante sua gestão, “valor 78,6% superior ao aprovado nos quatro anos do governo anterior”.

Mercadante acusou “falta de reciprocidade de alguns governadores que não reconhecem publicamente o esforço do governo Lula na realização de parcerias”.

Haddad promete Boletim de Ocorrência por WhatsApp

Em plano de segurança apresentado ontem petista propõe ‘mapa do crime’ gerado a partir de inteligência artificial

SAMUEL LIMA
samuel.lima@oglobo.com.br
SÃO PAULO

O ex-ministro da Fazenda e candidato ao governo de São Paulo, Fernando Haddad (PT), antecipou suas propostas de segurança pública ontem, com promessas para um sistema de registro de boletins de ocorrência pelo aplicativo de mensagens WhatsApp e um “mapa do crime” abastecido com os documentos mediante análise por inteligência artificial (IA).

— Vai dar uma efetivida-

de, inclusive, para aquilo que não é usado hoje da maneira mais eficaz, que são as câmeras que estão instaladas e não têm atrás de si um instrumento de processamento de dados que dê condições às polícias de agir. Se não fizer essas conexões, não vai conseguir efetivamente garantir a recuperação do espaço público pela cidadania — afirmou o candidato do PT.

As duas propostas foram acompanhadas de vídeos produzidos para a campanha eleitoral em rádio, TV e



redes sociais, que tem início oficialmente no próximo domingo. Num deles, um homem envia um áudio pa-

ra a polícia, recebe pedidos de complementação e termina o atendimento com o boletim de ocorrência e um

número de protocolo. Outro apresenta um desses “mapas de calor”, áreas com maior registros de determinados crimes, em uma central de operações.

De acordo com o petista, o plano de governo, que deve ser protocolado na Justiça Eleitoral de maneira obrigatória para disputar o cargo de governador, contém outros dois eixos, voltados para o combate ao crime organizado “no andar de cima”, inspirado nos resultados da Operação Carbono Oculto, e a proteção a grupos vulneráveis contra

violência doméstica.

No caso do crime organizado, Haddad promete criar um gabinete institucional no Palácio dos Bandeirantes com representantes de órgãos federais, como Receita e Polícia Federal, além do Ministério Público. Em relação aos crimes contra mulheres, jovens e idosos, defende ofertar um canal mais eficiente em escolas e postos de saúde para emitir “pontos de atenção” de possíveis vítimas para serem investigados.

Entre as propostas também estão a criação de um “placar da segurança”, com divulgação trimestral de dados e uma agência antifacção para integrar órgãos estaduais e federais no combate ao crime organizado.

APRESENTADO POR



No início de julho, o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) reabriu uma investigação que avalia a prática de exclusividade parcial nos contratos firmados entre a 99Food e restaurantes parceiros. O assunto havia sido concluído dias antes, em 25 de junho, com o relatório, assinado pelo superintendente-geral e pelo superintendente adjunto do órgão, recomendando o arquivamento ao apontar para “a insubsistência dos indícios de infração à ordem econômica”.

A reabertura tem como objetivo avaliar se há necessidade de aprofundar a análise feita pela Superintendência-Geral com base na escuta dos restaurantes.

Como afirma Bruno Rossini, diretor sênior de comunicação da 99, a empresa considera as iniciativas do conselho como válidas, especialmente quando o mercado de delivery passa por um novo momento, de crescimento e diversificação de players, depois de anos de monopólio e estagnação.

— A nossa expectativa neste momento, e temos muita confiança nisso, é que o Cade mantenha sua decisão de arquivamento da investigação e siga estimulando um ambiente mais dinâmico, competitivo e equilibrado para o mercado de delivery, reconhecendo a validade de todas as negociações que estão acontecendo no setor e os frutos disso: o crescimento do mercado como um todo.

COMPETIÇÃO TAMBÉM SE CONSTRÓI COM INVESTIMENTOS

Para Marcio de Oliveira Junior, ex-conselheiro do Cade e consultor da Charles Rivers Associates, o efeito de rede está diretamente relacionado com o sucesso da parceria entre apps de delivery e estabelecimentos.

— Essas plataformas funcionam em um modelo de duas pontas, ligando consumidores e restaurantes. Por conta do efeito de rede, a eficiência do negócio exige balancear ambos os polos. Assim, a adesão dos clientes é puxada pela oferta de restaurantes, e a presença dos estabelecimentos é motivada pelo volume de consumidores.

Os acordos entre restaurantes e plataformas costumam exercer um papel importante, na avaliação de Junior.

— Esse não é um mercado de entrada fácil. É intensivo em capital, tem margens baixas e grande complexidade logística. Os acordos de exclusividade têm uma racionalidade econômica e são o instrumento para romper essa barreira de entrada e viabilizar a competitividade.

CRESCIMENTO NO MERCADO DE DELIVERY COLOCA ACORDOS DE EXCLUSIVIDADE EM PAUTA

Especialistas avaliam o impacto de uma eventual decisão do Cade sobre o setor de entrega de comida



Rafael Bachette Maia, fundador e proprietário da rede Don Raffaello Pizzaria

IMAGEM: G. LAB

“A nossa expectativa neste momento, e temos muita confiança nisso, é que o Cade mantenha sua decisão de arquivamento da investigação e siga estimulando um ambiente mais dinâmico, competitivo e equilibrado para o mercado de delivery, reconhecendo a validade de todas as negociações que estão acontecendo no setor e os frutos disso: o crescimento do mercado como um todo”

BRUNO ROSSINI, diretor sênior de comunicação da 99

“Esse é um mercado intensivo em capital, tem margens baixas e grande complexidade logística. Os acordos de exclusividade têm uma racionalidade econômica e são o instrumento para romper essa barreira de entrada e viabilizar a competitividade”

MARCIO DE OLIVEIRA JUNIOR, consultor da Charles Rivers Associates

crescimento, inclusive em outras indústrias, segundo a economista.

— Isso fica muito intuitivo quando olhamos, por exemplo, para as plataformas de streaming, que entregam conteúdos diferentes. Se todas tivessem exatamente o mesmo catálogo, o estímulo para o usuário assinar mais de um serviço ou migrar entre eles seria muito reduzido.

PARCERIAS QUE IMPULSIONAM O CRESCIMENTO DOS RESTAURANTES

Com 310 lojas ativas em 70 cidades de 20 estados do Brasil, a Fábrica de Bolo Vó Alzira firmou em julho de 2025 um contrato de exclusividade parcial com a 99Food. O delivery representava 18% das vendas, com aproximadamente 80 mil pedidos mensais. Atualmente, responde por 32% do total — e já são mais de 100 mil pedidos por mês, conta Bruno Salles, diretor de operações da rede.

— A nossa expectativa, no cenário mais positivo, era a de que a 99Food respondesse por 20% das nossas vendas por delivery. O resultado foi muito mais expressivo, com 50% do total das entregas acontecendo pelo aplicativo. Agora, as vendas à distância representam nossa principal frente de crescimento.

O modelo de negócios, firmado em comum acordo entre a marca e a plataforma, foi benéfico para a rede, conforme Salles.

— Os acordos de exclusividade precisam ser analisados do ponto de vista dos resultados para os empreendedores. Tivemos acesso a investimentos que ajudaram a impulsionar e acelerar as nossas iniciativas e, assim, ganhamos mais mercado e melhoramos a estrutura de operação.

Para Rafael Bachette Maia, fundador e proprietário da rede Don Raffaello Pizzaria, de São Paulo, o livre-arbítrio para os donos de restaurantes negociarem diretamente com as plataformas é fundamental.

— Nossa parceria vai além da exclusividade parcial e foi uma escolha estratégica também para a nossa marca. O foco é crescer junto.

Foi impulsionado pela parceria com a 99Food que Maia decidiu ampliar suas operações em uma nova direção e abriu uma rede de hamburguerias.

— Entrei no app no final de agosto de 2025 e, em menos de um ano, dobramos de tamanho. Saltamos para 20 operações, abrindo praticamente uma loja por mês. Essa parceria foi a oportunidade de negócio que nos fez lançar a hamburgueria Don Raffaello.

ACESSO DE NOVOS PLAYERS

Rossini, da 99, declara que outros setores já passaram por esse debate, em ocasiões em que o Cade se manifestou a favor dos acordos de exclusividade.

— O que aconteceu em outros mercados, como o de bebidas e academias, sobre os quais o conselho já se debruçou, são precedentes importantes. Os restaurantes que entram nesse tipo de acordo comercial com um aplicativo de entrega recebem investimentos para reinvestir no próprio negócio.

Por conta disso, a 99 busca expandir o setor de delivery no Brasil, de forma que restaurantes aumentem sua rentabilidade, entregadores conquistem mais oportunidades de ganhos, e consumidores tenham acesso a preços mais justos, segundo o diretor.

— Para o consumidor, a concorrência se traduz em preços mais acessíveis e mais eficiência. As plataformas passam a entregar os pedidos com mais agilidade, garantindo que a refeição chegue quente e dentro do prazo — finaliza Rossini.

Em um mercado mais dinâmico e diversificado, donos de restaurantes encontram novas formas de ampliar suas operações, conquistar clientes e fazer seus negócios crescerem



GETTY IMAGES

THOMAS TRAUMANN



O eleitor quer mais obras e menos likes

Principal aposta do bolsonarismo para conquistar pela primeira vez a maioria do Senado, a defesa do impeachment de ministros do STF é considerada prioritária por apenas um de cada dez eleitores, revela inédita pesquisa Genial/Quaest. Na avaliação majoritária de todos os segmentos de gênero, região, idade, escolaridade e renda, a prioridade para os eleitores na escolha do voto para senador é trazer emendas e obras para o estado. Nacionalmente, 31% dos eleitores querem um senador de entregas. Empatados em segundo lugar na margem de erro como o motivo de escolha do candidato a senador, segundo a pesquisa, estão ser apoiado pelo presidente Lula, votar pelo fim da escala 6x1 e ser independente da polarização. Só depois dessas possibilidades é



que aparecem o voto pró-impeachment no STF e o fato de o candidato ser indicado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro. A sondagem sugere que a palavra de ordem da direita contra o STF está hoje restrita a ex-eleitores de Bolsonaro (25% destes acham o impeachment prioritário) e à elite de eleitores com ensino superior (16%) e com renda acima de cinco salários mínimos (16%). Mesmo entre segmentos tradicionais do bolsonarismo, a preferência não é pela pauta ideológica, mas por senadores que tragam recursos para seus estados, como os eleitores evangélicos (35% priorizam obras) e da região Sul (41%). Ser o candidato indicado por Lula assegura o voto de 26% dos eleitores do Nordeste e 24% dos eleitores com mais de 60 anos. Para 22%

dos eleitores com menos de 34 anos, o item mais importante é o fim da escala 6x1. Quando se monta o combo de eleitores que preferem candidatos apoiados por Lula e contra a escala 6x1 versus os indicados por Bolsonaro e defensores do impeachment no STF, temos um recorte do que pode vir a ser o debate desta campanha por 54 vagas no Senado: **Nordeste (18 novos senadores)** • 31% obras e emendas • 38% pró-Lula e fim da 6x1 • 12% pró-Bolsonaro e impeachment **Sudeste (8 novos senadores)** • 30% obras e emendas • 24% pró-Lula e fim da 6x1 • 20% pró-Bolsonaro e impeachment **Sul (6 novos senadores)** • 41% obras e emendas

• 20% pró-Lula e fim da 6x1
• 22% pró-Bolsonaro e impeachment
Centro-Oeste/Norte (22 novos senadores)
• 28% obras e emendas
• 26% pró-Lula e fim da 6x1
• 26% pró-Bolsonaro e impeachment
A pesquisa empurra o bolsonarismo para a realidade. Nos cortes da internet, o radicalismo contra o STF rende likes e engajamento, mas é aplauso de eleitores já conquistados. Pode eleger um deputado (que, aliás, não vota em eventual processo de impeachment de ministro do STF), mas para uma vaga no Senado é preciso mais. Enquanto a esquerda colocou o pé no chão com a bandeira do fim da escala 6x1, a direita segue atrás de seus fantasmas ideológicos e perde a chance de falar de problemas reais do cotidiano. Faltando menos de dois meses para as eleições, a campanha para o Senado ainda está engatinhando. Na pesquisa de julho em dez estados, a Genial/Quaest revelou que a maioria dos eleitores admitia mudar seu voto. Na Bahia, o estado com o voto mais garantido, 51% podiam trocar de candidato. No Paraná, 68%. Parte disso tem a ver com a ignorância sobre as regras. Na pesquisa nacional de agosto, apenas um terço dos eleitores sabem que são duas as vagas de senador em disputa por estado. Sem uma campanha de esclarecimento da Justiça eleitoral, o número de votos nulos e brancos por não saber que nesta eleição são dois senadores por estado pode subverter a vontade popular.

A policialização da eleição

A disputa entre o ministro do STF André Mendonça e o diretor-geral da Polícia Federal, Andrei Rodrigues, sobre o controle dos inquéritos sobre o Master e o INSS pode transformar uma eleição politizada em policializada. As investigações do Master podem mostrar para onde, de fato, foram os mais de R\$ 60 milhões doados pelo banqueiro corrupto Daniel Vercaro para Flávio Bolsonaro. O inquérito do INSS pode mostrar se o filho do presidente Lula, Fábio Luís Lula da Silva, participou do esquema de fraude contra aposentados do INSS liderado por Antônio Carlos Camilo Antunes, o “Careca do INSS”. Quem controlar o ritmo das ações policiais e da divulgação do rumo das apurações pode, no limite, ajudar a escolher

quem será presidente a partir de 2027. Indicado por Jair Bolsonaro, Mendonça acredita que Rodrigues, nomeado por Lula, está atrasando as apurações envolvendo o filho do presidente e apressando as que atingem Flávio. Rodrigues acha a mesma coisa do ministro, só que com a preferência invertida. O advogado-geral da União, Jorge Messias, e o ministro da Justiça, Wellington Lima e Silva, se reuniram com Mendonça na quinta-feira para um armistício. Uma nova reunião, agora com a presença de Rodrigues, deve ocorrer nesta semana. A disputa de Mendonça para controlar a PF é o capítulo mais intenso de uma série de ações politizadas de ministros em período eleitoral. Na terça-feira, os

ministros Alexandre de Moraes e Cristiano Zanin patrocinaram o primeiro encontro em quase quatro meses entre os presidentes Lula e Davi Alcolumbre — mediação que nunca esteve na descrição das tarefas do STF. O Supremo ainda não marcou o julgamento sobre a sucessão para governador do Rio. Como o ministro Flávio Dino só devolveu o seu pedido de vista em 30 de junho, o julgamento deve ser pela continuidade do governador interino, o desembargador Ricardo Couto, até a eleição direta em outubro. A demora do julgamento inviabilizou a eleição indireta, o que ajudaria a campanha do candidato bolsonarista, Douglas Ruas.

A falta que faz um sonho

Candidato a presidente pela sétima vez, Lula tem potenciais de voto diferentes no 1º e no 2º turno, sugere pesquisa qualitativa do Projeto Plaza Pública. No 1º turno, além da rejeição histórica, Lula é julgado, principalmente, pela insatisfação geral com a atual situação econômica. No 2º turno, no entanto, eleitores que não gostariam de votar nele acabam o escolhendo pelas deficiências que enxergam em Flávio Bolsonaro. —O teto de Lula é sustentado pelo fato de Flávio ser percebido como pior. Os eleitores, mesmo os que votaram em Bolsonaro, reconhecem em Lula um passado de avanços sociais. Há mais críticas do que elogios sobre o presente. Mas o problema principal é que Lula não vende um futuro —explica o coordenador da pesquisa, o psicólogo Eduardo Sincofsky, diretor da Plaza Pública. O risco para Lula, diz a pesquisa, é se apegar aos ganhos do passado e perder para a oposição a apresentação de um futuro de país. Falta um sonho para os eleitores de Lula. A pesquisa, feita com longas entrevistas com 20 eleitores arrependidos de Lula e Jair Bolsonaro do Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Joinville e Recife, mostra que a fadiga de material de Lula é real, mas por enquanto menor que a da família Bolsonaro.

LULA PERDE O SEU FILTRO

Nos últimos 11 anos, existiam duas formas de conversar por telefone com Lula. A mais recente e difícil é por meio da primeira-dama Janja, que odeia interromper o pouco tempo que o casal tem isolado. O mais antigo e eficiente era através de Marco Aurélio Santana Ribeiro, o Marcola. Mestre em ciências políticas, 40 anos, Marcola era o filtro do poder, bajulado por ministros e empresários que só por meio dele poderiam chegar ao presidente. Não mais. No dia 3, o repórter Nino Guimarães, do jornal digital Poder360, revelou que a lobista Roberta Luchsinger pagou contas pessoais de Marcola por mais de dois anos. Em nota oficial, ele disse ter devolvido R\$ 249 mil, que seria o valor emprestado com juros.

Marcola contou o episódio a Lula só em julho. Segundo duas pessoas próximas, a reação do presidente foi de desapontamento. Na semana seguinte, ele foi demitido e transferido para a campanha. Com a divulgação do caso, deixou a campanha. Não voltará ao governo. Por três anos e meio, Marcola ocupou uma sala de 30 metros quadrados no Planalto, a única com um corredor ligado ao gabinete do presidente. Através dessa sala, é possível chegar ao presidente sem precisar de agenda ou passar pelas secretárias e ajudantes de ordem. Foi a tática usada em 2024 por Guido Mantega quando levou o banqueiro Daniel Vercaro para uma audiência marcada com Marcola, que terminou com a presença de Lula, de dois ministros e um diretor do BC.



QUER LER ESTA COLUMNA ANTES? LEIA O QR CODE AO LADO E SE INSCREVA NA NEWSLETTER

Alvo da PF pede ao Senado apuração de vazamento de foto

Imagem em celular de Weverton exibe deputados na piscina de investigado

RODRIGO CASTRO
rodrigo.oliveira@infoglobo.com.br

Alvo da Polícia Federal no caso do INSS, o senador Weverton Rocha (PDT-MA) pediu que a Mesa do Senado adote providências diante de vazamentos de materiais extraídos de seu celular funcional, apreendido em dezembro passado. O vice-líder do governo enviou um ofício ao presidente da Casa, Davi Alcolumbre (União-AP), neste final de semana, após a divulgação de uma foto do parlamentar na piscina, ao lado de outros políticos, no rancho do advogado Willer Tomaz. No registro, revelado pela re-

vista Piauí e referente a um encontro em abril de 2023, aparecem nomes como os deputados Arthur Lira (PP-AL), Elmar Nascimento (União-BA), Paulo Azi (União-BA) e Juscelino Filho (PSDB-MA), além do deputado cassado Alexandre Ramagem (PL-RJ). Weverton é investigado no âmbito da Operação Sem Desconto desde o ano passado. Na nova fase recém-deflagrada, os investigadores miram um suposto esquema de lavagem de dinheiro proveniente de fraudes no INSS por meio de empresas ligadas a Tomaz. Segundo o ofício, a veiculação de mensagens e fotografias pessoais expõem “indevidamente” parla-

mentares que não são investigados e sugere uma instrumentalização seletiva de material sigiloso. O documento cita que a divulgação viola a intimidade, o sigilo dos autos e a presunção de inocência, o que pode configurar crime de violação de sigilo funcional. O senador pleiteia que a Mesa determine que a Advocacia do Senado acione André Mendonça, relator do caso no Supremo Tribunal Federal, além da Procuradoria-Geral da República e da Corregedoria da Polícia Federal para que se apure a origem dos vazamentos. Rocha quer ainda a preservação de provas e o envio de



Pool party. Deputados na casa de Willer Tomaz (ao centro, de barba), suspeito de lavar dinheiro desviado do INSS

um requerimento de informações ao Ministério da Justiça para indicar as medidas para coibir vazamentos. O parlamentar também pede que a comissão competente e a Ouvidoria do Senado sejam comunicadas em defesa das prerrogativas dos membros da Casa expostos. Em nota, Tomaz repudiou a divulgação da fotografia, registrada durante evento particular em sua propriedade, “sem relação com sua atividade profissional ou com os fatos noticiados”. O advogado disse que não é investigado por fraudes previdenciárias no âmbito do inquérito que apura desvios do INSS.

Com Republicanos neutro, Motta declara apoio à reeleição de Lula

Presidente da Câmara afirma que petista converge com o que o partido na Paraíba acredita ser o melhor para o Brasil

ELEIÇÕES 2026

LETÍCIA PILLE
leticia.pille@bsb.oglobo.com.br
BRASÍLIA

O presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB), afirmou ontem que o seu partido, na Paraíba, apoiará o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) na eleição de outubro. A decisão ocorre depois de a direção nacional do Republicanos, que vinha sendo cortejada pelo senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), adversário direto de Lula, optar pela neutralidade na disputa nacional e liberar os diretórios estaduais para escolherem o candidato que pretendem apoiar.

A declaração foi dada por Motta no evento de posse da desembargadora Giovanna Mayer no Tribunal Regional Eleitoral do estado. O deputado afirmou que aguardava a definição da direção nacional para tornar público o posicionamento.

— A tendência aqui na Paraíba é caminhar com o

presidente Lula. Nós iremos declarar esse apoio porque é o presidente que converge com aquilo que pensamos ser o melhor para o país — afirmou Motta.

O apoio de Motta a Lula era esperado. A Paraíba é um dos estados em que o presidente e o PT mantêm forte presença eleitoral. Desde 2002, quando Lula foi eleito pela primeira vez, o estado dá vitória à esquerda no segundo turno das disputas ao Planalto. Em 2006, o petista teve 75% dos votos dos paraibanos contra o seu atual vice, Geraldo Alckmin, à época no PSDB; em 2022, alcançou 67% contra

“Nós iremos declarar esse apoio porque é o presidente que converge com aquilo que pensamos ser o melhor para o país”

Hugo Motta, presidente da Câmara dos Deputados

Jair Bolsonaro (PL).

Além disso, Motta trabalha para eleger seu pai, Nabor Wanderley, ao Senado, e busca apoio do petista. Lula, no entanto, não deve pedir voto para Wanderley. Em junho, Lula já havia gravado um vídeo declarando apoio ao senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB), que busca a reeleição; e faria o mesmo para o ex-governador João Azevêdo (PSB), o que teria deixado Motta incomodado.

ANO DE DIÁLOGO

Na ocasião, o presidente do PT, Edinho Silva, negou mal-estar. Ele afirmou que os nomes do presidente para concorrer ao Senado no estado são aliados históricos de Lula e que a informação nunca foi omitida: “Mas não significa que ele não respeite o Nabor, que não possa debater o futuro com o Nabor”, ponderou o dirigente petista à época.

A aproximação entre Motta e Lula vem sendo construída ao longo do último ano, período em que o deputado adotou uma pos-



Convergência. Motta em cerimônia: Republicanos apoiará Lula na Paraíba após partido liberar diretórios estaduais

tura de diálogo com o governo e deu sinais de sintonia com algumas das pautas defendidas pelo Palácio do Planalto. Dentre elas esteve a discussão sobre o fim da escala 6x1, tema que Motta ajudou a impulsionar no Congresso.

Na véspera de o Republicanos anunciar que ficaria neutro na disputa presidencial, integrantes da cúpula da legenda, assim como do Podemos, se reuniram com Lula. As duas siglas vinham sendo cortejadas por Flávio. Motta participou do encontro, que contou ainda com Edinho Silva e com José Guimarães, ministro da Secretaria de Relações Institucionais.

Aliados de Motta disseram que a reunião não teve como objetivo discutir eventual apoio de Lula, do PT e do governo federal à reeleição do parlamentar na presidência da Câmara, a partir de 2027. Mas afirmam que política é feita de gestos, e a costura da neutralidade, que favoreceu Lula, passou também pelas mãos de Motta. Nesse sentido, defendem esse apoio em retribuição. Um parlamentar próximo do presidente da Câmara disse que já estão sendo feitas negociações com deputados e partidos a favor da reeleição de Motta, em fevereiro.

Quatro pessoas, entre participantes e interlocutores, disseram que o presidente do partido, Marcos Pereira, também esteve no encontro. Ele nega. Na convenção do Republicanos, Pereira afirmou à imprensa que apesar do posicionamento de neutralidade da sigla, ele “pessoalmente” irá colaborar com a campanha de Flávio Bolsonaro e disse que o partido “só não emprestará o tempo de televisão”. Procurado, Motta não respondeu. Isolado, o senador chegou a oferecer a vice em sua chapa para Republicanos, PP, União Brasil e Podemos, mas sem sucesso. Na quarta, anunciou o deputado bolsonarista Alfredo Gaspar (PL-AL) como seu companheiro de chapa.

A SUA INTELIGÊNCIA MOVE A CIÊNCIA

Toda grande descoberta começa com uma pergunta. E se sua ideia se juntasse à inteligência artificial para criar soluções que mudam a vida das pessoas? A nova edição do **Prêmio Jovem Cientista** convida estudantes e pesquisadores de todo o país a desenvolver projetos que explorem o potencial da IA na resolução de problemas reais da nossa sociedade. **Participe.**

Inscrições até 14 de agosto

Saiba mais em
JOVEMCIENTISTA.CNPQ.BR

APRESENTA

PARCEIRO

Fundação Roberto Marinho

PARCEIRO DE MÍDIA

EDITOR4 GLOBO

Futura

INICIATIVA

CNPq

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

GOVERNO DO BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

Caiado quer promotor que mira PCC de ministro

Em evento para apresentar plano de combate à violência, candidato do PSD diz que pretende convidar o promotor Lincoln Gakiya, principal investigador do crime organizado em São Paulo, para ocupar a pasta da Segurança se chegar ao Planalto

ELEIÇÕES 2026

RAFAEL GARCIA
rafael.garcia@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

O candidato do PSD à Presidência, Ronaldo Caiado, afirmou ontem, em São Paulo, que pretende convidar o promotor de Justiça Lincoln Gakiya para assumir o Ministério da Segurança, caso seja eleito ao Planalto em outubro. O ex-governador de Goiás admitiu que não conversou sobre a ideia com o promotor do Ministério Público de São Paulo (MP-SP), conhecido por investigar a estrutura do crime organizado no estado, mas afirmou que admira sua atuação, que descreveu como “determinada” e “resiliente”.

— Talvez seja um dos homens que mais admiro pelo combate que ele tem durante uma vida. Ele é a pessoa mais determinada no combate ao crime organizado no Brasil. Então quero que assuma esse ministério — afirmou Caiado num evento de lançamento de seu plano de segurança.

Procurado pelo GLOBO, Gakiya não quis comentar a declaração de Caiado. Principal nome do combate ao Primeiro Comando da Capital (PCC), o promotor já foi alvo de vários planos de assassinato e atua sob forte proteção policial à frente do Grupo de Atuação Especial contra o Crime

Organizado (Gaeco) do MP-SP em Presidente Prudente, no interior de São Paulo. Ao longo de mais de duas décadas de atuação, Gakiya se tornou o maior especialista na estrutura do crime organizado e também o maior inimigo do PCC.

O promotor foi responsável, por exemplo, pela transferência das lideranças do PCC para presídios federais em 2019, mesmo sem contar com o apoio formal da cúpula do MP-SP e do então governador João Dória, que temia uma reprise do terror dos atentados do PCC de 2006. Gakiya decidiu agir sozinho para isolar a cúpula do PCC no sistema penitenciário federal. Protocolou o pedido de transferência de Marcola, chefe da facção, e de outros 21 líderes, ato que ele mesmo classifica como seu “decreto irreversível de morte”.

ESTRELA DE XERIFE

A citação de Gakiya, que não tem histórico de participação em campanhas políticas, foi uma forma encontrada por Caiado de chamar a atenção para suas propostas na área de segurança pública, tema caro ao eleitorado de direita que disputa com Flávio Bolsonaro (PL), Ro-



MARCO ANKOSQUI/29-4-2026



Dez pontos. O ex-governador Ronaldo Caiado (PSD) exhibe estrela de xerife na apresentação de seu plano de segurança

meu Zema (Novo) e Renan Santos (Missão). Na sede do PSD em São Paulo, o ex-governador apresentou slides com dez pontos de um plano que chamou de “Operação Reconquista”, em referência à promessa de retomar territórios dominados pelo crime. O logo do programa foi exibido dentro de uma estrela de xerife. O texto completo não foi distribuído aos jornalistas. Um folheto impresso para o público resumiu

Gakiya. Promotor virou referência no combate ao crime

apenas oito dos dez tópicos apresentados por Caiado.

Além da criação de uma pasta específica para a segurança, atualmente atribuição do Ministério da Justiça, entre os tópicos apresentados estavam medidas como redução da maioria penal para 16 anos e a criação de uma lei para enquadrar facções no crime de terrorismo doméstico. Ele também sugeriu uma “Polícia da América do Sul” para intensificar a colaboração entre países do continente no combate ao crime transfronteiriço.

Se chegar ao Planalto, Caiado promete aumentar de 5 pa-

ra 40 o número de presídios federais no país. Questionado sobre como superar restrições orçamentárias para fazer isso em quatro anos de mandato, afirmou que empregaria uma tecnologia de construção de centros de detenção modulares, com blocos pré-fabricados, que já teria sido usada em instalações do gênero em Goiás. O plano dele é usar essas unidades federais para separar “soldados” do crime organizado de seus líderes, que ficariam em ambientes isolados.

— O terrorista, o faccionado mais temido do Brasil hoje é aquele que está preso, por-

Plano de Zema foca de retirada do país dos Brics a privatização

Por outro lado, programa quer desestimular permanência no Bolsa Família

RAFAELA GAMA
rafaela.gama@oglobo.com.br

Candidato à Presidência do Partido Novo, o ex-governador de Minas Gerais Romeu Zema propõe mudanças no Bolsa Família para desestimular o acesso ao programa e nas regras trabalhistas e previdenciárias ao mesmo tempo que prevê que cada brasileiro receba um “investimento” de R\$ 1 mil ao nascer. Essas são as principais propostas do programa de governo do político, lançado na semana passada, que mistura ideias de cunho liberal na economia com endurecimento de leis contra a criminalidade. O documento foi classificado como “implacável” por sua campanha.

Na disputa pelos eleitores de direita, Zema propõe a privatização de todas as empresas estatais, algo que teve dificuldade de fazer em Minas, com a justificativa de que seria uma forma de “reduzir o espaço pa-

ra escândalos de corrupção e garantir maior eficiência no uso dos recursos públicos e mais competição na economia brasileira”. Na política externa, promete tirar o Brasil do Brics (grupo de emergentes do qual faz parte a China) e abandonar o que chama de “alinhamentos ideológicos”, orientando cada iniciativa diplomática pelo retorno comercial ou de investimentos.

REFORMA DA PREVIDÊNCIA

O ex-governador tenta destacar seu passado empresarial com ideias como a criação de um regime alternativo à Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), baseado na livre negociação entre o empregador e o trabalhador. Zema também defende uma nova Reforma da Previdência, que, diferentemente do texto aprovado em 2019, incluía militares e trabalhadores rurais nas mesmas regras do regime geral. A idade mínima para aposentar, hoje

de 65 anos para homens e 62 para mulheres, passaria a subir automaticamente quando houver aumento da expectativa de vida da população.

A principal inovação do plano de governo de Zema é o programa “Sócios do Brasil”, com depósitos de R\$ 1 mil “para cada brasileiro ao nascer”. O dinheiro seria “aplicado em fundos de ações” e só poderia ser sacado pelo titular aos 18 anos, para “estimular desde cedo a formação de patrimônio e educação financeira”.

Contra o endividamento, Zema sugere a facilitação da portabilidade de crédito com o uso do Open Finance (sistema do Banco Central que permite autorizar o compartilhamento de dados financeiros entre diferentes bancos) “para que o cliente possa comparar propostas com maior facilidade e levar suas dívidas para bancos com juros menores”, o que já é tecnicamente possível.

Crítico contumaz do Bolsa



Privatização. Zema, do Novo propõe em seu plano a venda de todas as estatais

AS PRINCIPAIS IDEIAS DO PROGRAMA

‘Sócios do Brasil’ Ao nascer, cada brasileiro receberia R\$ 1 mil aplicados em fundos de ações, que só poderiam ser sacados aos 18 anos. A ideia é estimular educação patrimonial e financeira.	Bolsa Família Adultos aptos seriam cortados por recusa de oferta de trabalho. Só permaneceriam no programa trabalhando ou fazendo curso de qualificação. Saída voluntária daria bônus de R\$ 5 mil.	Reformas Regime alternativo à CLT permitiria livre negociação entre firma e trabalhador. Nova Reforma da Previdência elevaria idade mínima para a aposentar com alta na expectativa de vida.

que o Estado é obrigado a dar proteção a ele, e, de dentro, ele passa a comandar o crime que acontece fora da prisão — afirmou Caiado. — Se a prisão não for um isolamento completo, ela passa a ser um quartel-general do crime.

Ele propôs a criação de um fundo para reunir recursos e bens apreendidos de criminosos para ajudar a financiar ações do governo na segurança, que funcionaria separado do Orçamento, como um dinheiro “extra”. Também listou o “confisco de bens de quem matar mulheres” e o combate à corrupção política.

‘PODER DE CONVENCIMENTO’

Sobre tornar facções criminais organizações oficialmente classificadas como de “terrorismo doméstico”, Caiado admitiu que precisará do Congresso para essa e outras de suas propostas para a segurança, mas afirmou que tem “tranquilidade” de que terá “poder de convencimento” sobre os parlamentares e também sobre os governadores.

— Em hora nenhuma eu estaria invadindo prerrogativas dos estados — disse o ex-governador, lembrando que também foi deputado e senador. — Na verdade, vou propor uma mudança constitucional para que os governadores, como eu sofri muito com isso, possam ter a capacidade de legislar na parte de crimes também.

Família, Zema promete mudar as regras de permanência no programa se chegar ao Planalto. Uma das ideias é exigir que adultos aptos para o trabalho tenham benefícios cancelados se recusarem ofertas de trabalho do poder público. Só poderiam ficar no programa se estiverem trabalhando, matriculados no programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) ou cursando algum tipo de qualificação profissional, com exceções para quem é responsável pelos cuidados de crianças, idosos ou pessoas com deficiência. O documento também prevê um bônus de R\$ 5 mil às famílias que se desligarem voluntariamente.

Inspirado no modelo de encarceramento em massa do presidente Nayib Bukele em El Salvador, alvo de denúncias de violação a direitos humanos e processuais, Zema sugere a construção no Brasil de “presídios de segurança máxima, em regiões remotas e isoladas, com um regime diferenciado de detenção e estrutura capaz de conter terroristas e isolar os membros das facções”. E prega a redução da maioria penal para 16 anos e a autorização excepcional de prisão para jovens ainda mais novos envolvidos em crimes graves ou reincidentes.

PF faz buscas sobre relação de fundo de previdência de AL com Master

EDUARDO GONÇALVES
eduardo.goncalves@bsb.oglobo.com.br
BRASÍLIA

A Polícia Federal (PF) fez ontem uma operação para investigar suspeitas de fraudes financeiras envolvendo duas aplicações do Instituto de Previdência dos Servidores Públicos de Maceió (Iprev) em le-

tras financeiras do Banco Master, que somaram R\$ 97 milhões entre 2023 e 2024. Os agentes cumpriram oito mandados de busca e apreensão em endereços de ex-dirigentes do instituto alagoano e pessoas ligadas a uma consultoria que intermediou as operações.

As medidas, incluindo blo-

queio de bens de investigados, foram autorizadas pelo ministro do STF André Mendonça. São parte da Operação Compliance Zero, que apura indícios de irregularidades em investimentos de fundos de previdência estaduais e municipais no banco liquidado de Daniel Vercaro, que está preso.

A PF quer “esclarecer as circunstâncias do processo de credenciamento, de cotação, de análise de risco, de governança e de tomada de decisão que antecederam os investimentos”, segundo nota da corporação. A operação apura a possível prática dos crimes de gestão fraudulenta, “sem pre-

juízo da apuração de outros delitos conexos”, diz o texto.

Segundo as investigações, não havia justificativa técnica para os investimentos, e a entidade responsável pelas aposentadorias de funcionários públicos da capital alagoana ignorou as próprias diretrizes ao aprovar as operações finan-

ceiras consideradas de “risco elevado” e “liquidez reduzida”.

Em nota, o Iprev afirmou que colabora com as investigações e que “os atos relacionados aos investimentos observaram os ritos legais e administrativos aplicáveis”. Também alegou que seu patrimônio cresceu de cerca de R\$ 400 milhões, em 2021, para mais de R\$ 1,6 bilhão, garantindo capacidade de pagamento de aposentados e pensionistas.

Flávio descarta palanque com Cleitinho, e direita se reorganiza em Minas

Com a manutenção de candidatura do PL, disputa no 1º turno terá três nomes do campo; campanhas reveem estratégias

ELEIÇÕES 2026

LUÍSA MARZULLO E
RAFAELA GAMA
politica@oglobo.com.br
BRASÍLIA E RIO

O senador e candidato à Presidência Flávio Bolsonaro (PL) disse ao senador Cleitinho Azevedo (Republicanos) que gostaria de apoiá-lo na disputa pelo governo de Minas Gerais, mas avisou que a decisão do partido será por manter a candidatura de Flávio Roscoe (PL). Segundo interlocutores, os dois conversaram depois da reviravolta que recolocou Cleitinho na corrida pelo Palácio Tiradentes e acertaram que, apesar de seguirem em palanques distintos no primeiro turno, estarão juntos caso apenas um dos candidatos avance para a segunda etapa da eleição mineira.

A entrada do senador na disputa, após idas e vindas, forçou a direita a recalcular a rota, já que, agora, três postulantes disputam o voto do campo: Cleitinho, Roscoe e o atual governador, Mateus

Simões (PSD). Interlocutores de Simões preveem um ajuste na estratégia de campanha, mas isso não inclui ataques ao senador.

—Do meu lado, será foco integral nas entregas e proposta de avanços — disse Simões ao GLOBO.

O objetivo da campanha de reeleição é tornar Simões conhecido a partir da propaganda eleitoral gratuita na TV e no rádio. A estimativa é que Simões tenha até 3 minutos e 40 segundos, uma vez que conseguiu atrair para a sua coligação o apoio da federação União-PP.

Cleitinho é tratado pelo entorno de Flávio como aliado da candidatura presidencial e lidera a corrida pelo governo. Segundo a pesquisa Quarest mais recente, divulgada em 28 de julho, o senador aparece com 35% das intenções de voto, enquanto Roscoe, lançado pelo PL na reta final das convenções, marca 2%. Simões chegou a 6%.

Antes de o PL decidir pelo nome de Roscoe, o Republicanos havia decidido vetar a candidatura de Cleitinho e

chegou à convenção nacional sem apresentá-lo como postulante. Na véspera, o senador e o presidente da legenda, Marcos Pereira, gravaram um vídeo em que Cleitinho anunciava a desistência da disputa. No dia seguinte, porém, ele voltou atrás, disse ter sido “tocado pelo Espírito Santo” e passou a pressionar publicamente o partido para rever a decisão.

NO LIMITE DAS CONVENÇÕES

Foi durante essa indefinição que o PL decidiu se proteger. Flávio explicou a Cleitinho que lançou Roscoe porque chegou ao fim do prazo das convenções sem garantia de que o Republicanos efetivamente teria o senador como candidato ao governo. O temor era atravessar a eleição presidencial sem um palanque próprio no segundo maior colégio eleitoral do país.

Ao ter seu nome lançado na semana passada, Roscoe afirmou que sua candidatura tinha como objetivo manter a direita “coesa” no estado. Naquele momento,



Precaução. O PL de Flávio resolveu manter candidatura no estado sob risco de nome de Cleitinho ser questionado

Michelle vai gravar para horário eleitoral do enteado

- > A ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro (PL-DF) começará a participar da campanha de Flávio Bolsonaro (PL) a presidente fazendo uma gravação para o horário eleitoral gratuito para rádio e TV. Também há planos para confecção de material impresso em que os dois aparecerão juntos.
- > Michelle fará ainda de agendas de sua própria campanha ao Senado pelo DF, com exposição controlada, devido aos cuidados com o marido, Jair Bolsonaro, e encontros de bastidores.
- > A movimentação

ocorre enquanto aliados de Flávio tentam convencê-la a fazer sua primeira aparição pública ao lado do enteado. A campanha quer Michelle no ato que abrirá oficialmente a corrida eleitoral de Flávio, domingo, na Praia de Copacabana, no Rio, seu berço político. A orla tem um simbolismo por já ter sido palco de manifestações em apoio ao ex-presidente.

> A opção por um ato aberto também funcionará como um primeiro teste da capacidade de Flávio de levar às ruas a base política construída pelo pai. (Letícia Pille e Luisa Marzullo)

Cleitinho estava fora da disputa e as tentativas anteriores de construir uma candidatura única do campo haviam fracassado. A volta do senador à corrida, poucos dias depois, mudou novamente o tabuleiro.

A volta de Cleitinho, porém, não levou o PL a retirar Roscoe. Além da necessidade política de manter uma estrutura própria, o QG de Flávio passou a considerar também o risco de questionamentos jurídicos sobre a maneira que a candidatura do Republicanos foi formalizada. A avaliação é que não seria seguro desmontar o palanque do PL e concentrar toda a estratégia estadual numa postulação que ainda pode ser contestada. Cleitinho foi oficializado após o prazo limite das convenções.

TRANSIÇÃO ENERGÉTICA



Hidrogênio verde: promessa, aposta estratégica ou hype?

TRANSMISSÃO
Hoje, às 11h

Acompanhe nas nossas redes

O GLOBO | Valor

CONVIDADOS



Isabela Santos
Coordenadora do H2UPPP Brasil na GIZ Brasil



Paulo Emilio Valadão de Miranda
Diretor-presidente da Associação Brasileira do Hidrogênio e professor da Coppe



MEDIAÇÃO
Ana Lúcia Azevedo
Repórter especial do GLOBO

Acesse e assista



Patrocínio

Realização



VALE

O GLOBO

Valor ECONÔMICO

PARA TODOS OS PÚBLICOS ELEIÇÃO TERÁ NOVIDADES EM VÍDEO E TEXTO

Com novidades em texto, vídeo e conteúdos interativos, O GLOBO apresenta a partir de hoje uma série de projetos especiais para a cobertura das eleições de 2026. O pacote inclui lives com editores e colunistas para analisar pesquisas eleitorais, novas newsletters e reportagens aprofundadas sobre o impacto de questões como violência, economia e religião na hora do voto. Além disso, o “Fora da bolha”, videocast especial para as eleições que estreou na última sexta-feira, debaterá semanalmente os principais temas da campanha com leveza e diferentes pontos de vista, e responderá a perguntas de eleitores.

A cobertura contará com o lançamento de uma ferramenta de inteligência artificial do GLOBO, o “Na cabeça do candidato”, que vai compilar discursos e entrevistas dos postulantes à Presidência. Com a ferramenta, os leitores poderão perguntar e pesquisar o que cada candidato pensa (e diz) sobre diversos assuntos, ajudando a desvendar as posições dos protagonistas da disputa pelo Planalto.

FORMATOS VARIADOS

Além da ferramenta de IA, O GLOBO apresentará novas versões de conteúdos interativos que fizeram sucesso em campanhas anteriores. O teste “Qual é o seu perfil ideológico?” permitirá aos leitores, a partir de uma série de perguntas, entender melhor seu próprio posicionamento político. As perguntas foram feitas com a consultoria do pesquisador Emerson Cervi, coordenador do grupo de pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública da UFPR.

Já o teste “Com qual candidato você mais se identifica?” é uma oportunidade para o leitor conhecer postulantes ao Legislativo e ao Executivo em três estados (Rio, São Paulo e Minas) que mais se aproximam da sua visão.

Para garantir que os principais acontecimentos da disputa cheguem aos leitores, a cobertura do GLOBO contará com diferentes formatos que abarcam as redes sociais, o site do jornal e a edição impressa. Os colunistas Lauro Jardim, Vera Magalhães, Malu Gaspar e Bernardo Mello Franco e o editor de Política e Brasil, Thiago Prado, publicarão vídeos nas redes em dias específicos, de segunda a sexta, expandindo temas abordados em suas respectivas colunas e newsletters.

Vera também compõe, com Thiago e os editores executivos Flávia Barbosa e Paulo Celso Pereira, a mesa do “Fora da bolha”, disponível semanalmente no YouTube, em plataformas de áudio e no site do GLOBO. A colunista estará à frente ainda de lives no site do jornal, semanalmente, para analisar debates e a di-

vulgação de pesquisas. Essas lives começam nesta sexta, com a divulgação dos números da primeira pesquisa Quatest encomendada pela TV Globo e pelo jornal OGLOBO sobre a corrida presidencial.

As novidades em formato de vídeo da cobertura eleitoral do GLOBO incluem ainda a série “Volta a fita”, nas redes do jornal, que vai relembrar momentos icônicos de debates, jingles e propagandas.

Outra aposta que volta à cobertura eleitoral, após ter estreado nas disputas municipais de 2024, é o cardápio de newsletters — boletins enviados por e-mail aos leitores, mediante inscrição no site. O cardápio contará com o reforço da “Pergunta da semana”, nova newsletter em que editores e colunistas responderão a uma questão que se impôs no noticiário da campanha.

Assegundas, a newsletter de Thomas Traumann trará uma análise sobre o que deve pautar o noticiário ao longo da semana. Na quarta-feira, Felipe Recondo traz bastidores do Judiciário, com cada vez mais impacto no xadrez eleitoral. E a “Jogo Político”, assinada pelo editor Thiago Prado, passará para um novo dia, às sextas, com bastidores e informações exclusivas sobre o poder.

O time de colunistas do GLOBO segue contando às terças, alternadamente, com os pesquisadores Mauricio Moura, do instituto Ideia, e Renato Meirelles, do Locomotiva, interpretando o que as sondagens qualitativas e quantitativas relevam da eleição.

DEBATES E SABATINAS

OGLOBO realizará ainda, em parceria com o Valor Econômico e a rádio CBN, sabatinas com candidatos à Presidência da República e ao governo de São Paulo, Minas, Distrito Federal e Rio — este último em parceria também com o jornal Extra. Além disso, haverá debate com os principais concorrentes ao Senado no Rio e em São Paulo. Os encontros contarão com os postulantes com melhor desempenho em pesquisas de intenções de voto, e serão transmitidos ao vivo na rádio, nas redes sociais e no site do jornal.

Os principais nomes ao Senado do Rio e São Paulo também serão entrevistados pelo colunista Bernardo Mello Franco, em vídeo, disponibilizado no site e redes sociais.

A cobertura contará também com reportagens especiais sobre assuntos que impactam o cenário eleitoral. Recortes exclusivos de pesquisas de opinião serão o ponto de partida para matérias sobre como a violência e as mudanças no mercado de trabalho se refletem no eleitor. Outras reportagens tratarão da transição religiosa em curso no país, com o crescimento da parcela evangélica, os impactos ambientais no país a reboque da expansão das big techs, entre outros temas contemporâneos.

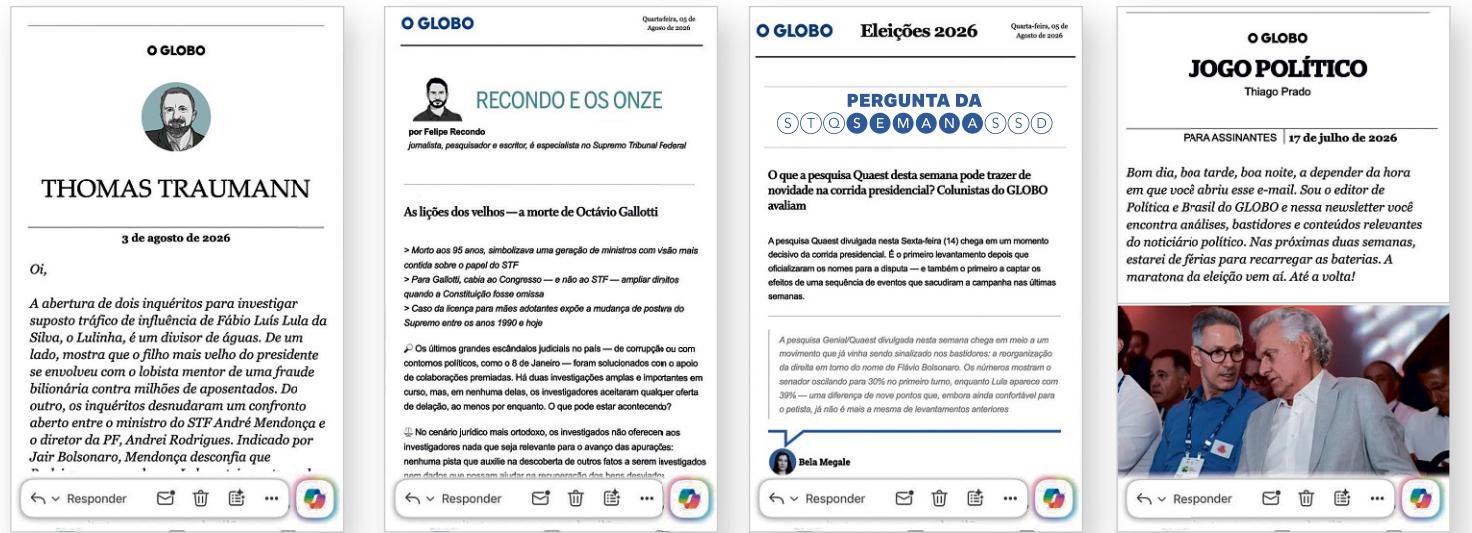
VÍDEOS E REDES

Disponível no YouTube e em plataformas de áudio todas as sextas, o videocast “Fora da Bolha” debaterá os principais temas da campanha de forma leve, descontraída e com diferentes pontos de vista. Todos os dias, colunistas e editores analisam, nas redes, o que vem chamando atenção na corrida eleitoral



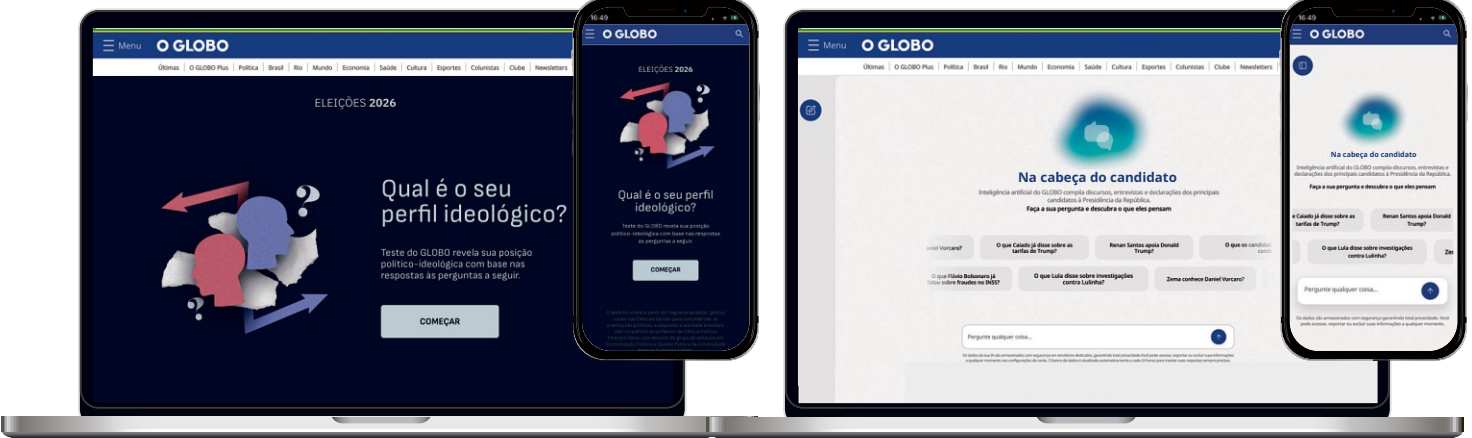
NEWSLETTER

Os boletins serão enviados por email, em dias específicos. Lançada para a campanha, a newsletter “Pergunta da semana” terá editores e colunistas respondendo à questão que mais movimentou o noticiário eleitoral. Para se inscrever, basta acessar o site do GLOBO



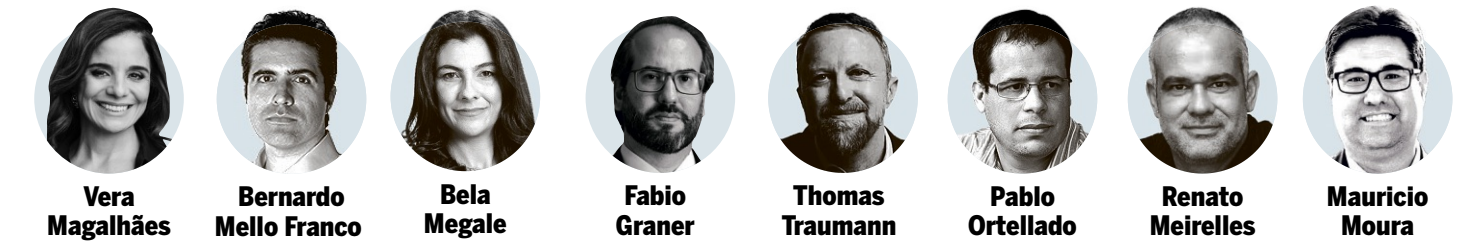
CONTEÚDOS INTERATIVOS

Respondendo a uma série de perguntas, os leitores poderão descobrir seu perfil ideológico e também os candidatos que mais combinam consigo. Já a ferramenta “Na cabeça do candidato”, inteligência artificial que compila discursos dos candidatos, ajuda a mostrar o que eles pensam sobre vários assuntos



COLUNISTAS

Opiniões e análises sobre as eleições serão publicadas todos os dias, no site e na edição impressa. O time de colunistas do GLOBO reúne jornalistas, pesquisadores e especialistas em estratégia eleitoral



DEBATES E SABATINAS

O GLOBO, Valor e a CBN organizarão encontros entre os candidatos ao governo e ao Senado de Rio, São Paulo, Minas e no DF, além dos postulantes à Presidência, com transmissão na rádio, no site do jornal e no YouTube

De 17/8 a 21/8
Sabatina com candidatos ao governo de São Paulo

AGOSTO/2026						
DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

De 24/8 a 28/8
Sabatina com candidatos à Presidência da República

De 31/8 a 4/9
Sabatina com candidatos ao governo de Minas Gerais

SETEMBRO/2026						
DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30			

De 14/9 a 18/9
Sabatina com candidatos ao governo do DF

De 7/9 a 11/9
Sabatina com candidatos ao governo do Rio de Janeiro

OUTUBRO/2026						
DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

De 17/8 a 21/8
Debate com candidatos ao Senado do Rio

PRIMEIRO TURNO DAS ELEIÇÕES

OUTUBRO/2026						
DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

SEGUNDO TURNO DAS ELEIÇÕES

CALIBRE EXPANDIDO

Fuzis avançam para Norte e Nordeste e revelam aumento do poder de fogo do crime organizado

PAULO ASSAD
paulo.santos@oglobo.com.br

A escalada do poder de fogo do crime organizado no Brasil alcançou também as regiões Norte e Nordeste, que em cinco anos viram disparar as apreensões de fuzil. Os números acompanham o movimento de facções como o Comando Vermelho (CV) e o Primeiro Comando da Capital (PCC), que, ao longo da última década, intensificaram a expansão dos negócios para além do eixo Rio-São Paulo, onde estão as origens dessas quadrilhas. Dados da pesquisa “A nova cadeia de suprimentos do crime”, do Instituto Sou da Paz, apontam que entre os cinco estados com maiores aumentos percentuais nas apreensões de armamentos de grosso calibre estão Bahia (392,9%), Pará (360%) e Ceará (263,6%).

De 2021 a 2025, a quantidade de armas apreendidas no país permaneceu estável, mas o perfil do arsenal mudou. No primeiro ano da série, autoridades estaduais apreenderam 807 fuzis em 22 estados. No ano passado, o número saltou para 2.137, em um crescimento de 164,8%, com todas as unidades da federação registrando ao menos uma ocorrência. O campeão de apreensões em valores absolutos no ano passado foi o Rio de Janeiro, que bateu recorde com 924 fuzis encontrados por policiais, contra 355 no início do recorde. O cenário muda, no entanto, quando se analisam os maiores crescimentos percentuais, com estados do Norte e Nordeste no topo.

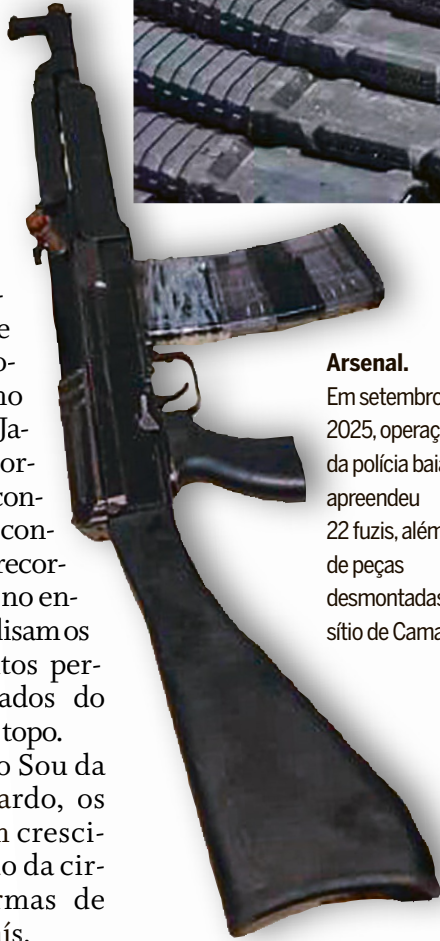
Para a diretora do Sou da Paz, Carolina Ricardo, os dados mostram um crescimento generalizado da circulação dessas armas de grosso calibre no país.

— Tivemos 22 unidades da federação com aumento de fuzis apreendidos. Eles sempre foram encontrados no Rio, mas passamos a ver também no Nordeste — diz a pesquisadora, uma das autoras do levantamento, ressaltando que a nacionalização desse armamento está relacionada às iniciativas de facções, sobretudo do CV, de expandir sua área de atuação: — Eles têm uma lógica de ocupação e disputa territorial. O fuzil é o instrumento. O entendimento é compartilhado pelo delegado André Macedo, da Polícia Civil da Paraíba, que aponta um “aumento significativo” na apreensão de armas de grosso calibre no estado. Segundo ele, os conflitos entre facções estão entre os principais fatores da alta. Os dados compilados pelo instituto mostram que a Paraíba não registrou apreensões de fuzis em 2021, mas teve 25 ocorrências no ano passado.

— Entre 2024 e 2025, em



DIVULGAÇÃO/POLÍCIA CIVIL DA BAHIA



Arsenal.
Em setembro de 2025, operação da polícia baiana apreendeu 22 fuzis, além de peças desmontadas, em sítio de Camaçari

Apreensões de fuzis no Brasil

Diferença entre 2021 e 2025 (%)

BA	+392,9
PA	+360
SP	+329,7
CE	+236,6
MG	+235,7
ES	+212,5
SE	+200
AM	+188,9
MS	+175
RJ	+160,3
DF	+160
RO	+100
SC	+70
RS	+58,9
GO	+54,5
PE	+23,5
MT	+9,1
AL	0
PR	-26,9
TO	-33,3
AC	-50
RN	-70,4

FONTE: INSTITUTO SOU DA PAZ

um período de 12 meses, apreendemos três fuzis .50, além de outros calibres. Mas as .50 chamaram muita atenção por serem armas de furar blindado, derrubar avião — diz Macedo. — Antes, eram usadas exclusivamente para roubo a carro-forte ou a bancos, ao menos aqui no Nordeste. Nos últimos anos, passamos a ver grandes apreensões ligadas ao tráfico. A facção que tem mais impõe mais medo aos rivais.

MAIS PISTOLAS

O crescimento não ficou restrito aos fuzis: a participação das pistolas no total de armas apreendidas saltou de 20,7% para 27,8%, chegando a 31.107 em 2025. O aumento ocorreu em detrimento dos revólveres, cuja participação em relação ao total recuou cinco pontos percentuais, para 33,5%. Mais rápidas e com maior poder de fogo, as pistolas são outra frente de modernização do crime, as-

sim como os fuzis, avaliam os autores do estudo.

Uma das hipóteses para explicar a proliferação desses armamentos são mudanças legislativas que flexibilizaram o acesso às armas de fogo no mandato do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). Uma das armas liberadas no período é justamente uma das mais comuns entre as apreendidas:

— Não é possível afirmar categoricamente que a flexibilização mudou o perfil das armas apreendidas. Mas, entre 2019 e 2022, houve flexibilização, e a pistola 9mm deixou de ser restrita — frisa Carolina Ricardo, referindo-se a um dos

calibres que se tornaram mais comuns entre as apreensões.

Os dados do estudo apontam para uma possível “substituição de importações”, com o mercado externo perdendo peso para o interno como principal fonte de armas para criminosos. Citado pelos pesquisadores do instituto, outra pesquisa publicada em 2024 mostrou que as apreensões por tráfico internacional pela Polícia Federal (PF) recuaram 42,2% entre 2019 e 2022.

Conselheiro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública e pesquisador na Universidade de Coimbra, Roberto Uchôa explica que o tráfico de armas

historicamente ocorreu em “ondas”. Nos anos 90, veio o fuzil via contrabando internacional e cresceram os desvios de arsenais públicos. Já na virada do século, a rota da cocaína fortaleceu a entrada de armamento pesado pelo Paraguai.

— Em 2019, a flexibilização permitiu que 30 mil fuzis fossem vendidos no mercado legal, com o aumento de registros de Colecionador, Atirador Desportivo e Caçador (CAC) e mudanças no controle do Exército — destaca o especialista.

Uchôa avalia que a popularização de impressoras 3D, usadas para fabricar as chamadas

“ghost guns”, artesanais e mais difíceis de rastrear, é uma nova fronteira do crime:

— Com a difusão desse conhecimento, isso se alastra.

‘GHOST GUNS’

O estudo do Sou da Paz aponta que sete em cada 10 fuzis apreendidos no país não têm identificação de origem, um indício de montagem fora do circuito legal. Segundo especialistas, as “ghost guns” costumam ser montadas no Brasil com peças impressas em 3D e outras trazidas do exterior.

— Notamos isso aqui (na Paraíba) principalmente este ano. Neste mês, apreendemos quatro carabinas. A armação é feita com impressora 3D e levada a uma oficina para colocar a parte de ferro, que precisa suportar o atrito e o calor — narra o delegado Macedo, acrescentando que os projetos são disponibilizados na “deep web” e em grupos de Telegram.

Em março, o engenheiro Alexandre Flaneto de Queiroz, de 26 anos, foi preso pela Polícia Civil do Rio, no interior de São Paulo, suspeito de liderar uma quadrilha que vendia armas a criminosos. Ele é autor do design da Urutau, carabina para impressão em 3D, cujo projeto foi disponibilizado na internet, onde se identificava como Joseph The Parrot, referência ao personagem Zé Carioca. A polícia fluminense já apreendeu uma arma similar à Urutau que seria enviada pelos Correios ao Ceará.

Também chamaram a atenção das autoridades fábricas clandestinas com tecnologia para produzir fuzis. Uma delas, descoberta em Santa Bárbara D’Oeste (SP), usava sistema de usinagem, capaz de trabalhar materiais mais resistentes que os empregados em impressoras 3D, exigindo conhecimentos de engenharia. Outra foi encontrada em Minas Gerais. Ambas abasteciam criminosos ligados ao CV.

As “ghost guns” preocupam as autoridades. Em abril, o diretor-geral da PF, Andrei Rodrigues, enviou ao Ministério da Justiça um plano para reativar a Força Internacional de Combate ao Tráfico de Armas (Ficta), que funcionou de 2022 a 2023. A proposta prevê coordenação da PF e participação de investigadores do Homeland Security Investigations, dos Estados Unidos, além de policiais estaduais.

Uchôa pontua que mudanças legislativas nos EUA podem fortalecer o tráfico de armas para o Brasil. Boa parte dos armamentos apreendidos com traficantes brasileiros tem origem no país. Em maio de 2025, segundo a Polícia Militar do Rio, 60% dos fuzis apreendidos no estado eram de fabricação americana. Enquanto isso, o governo de Donald Trump vem avançando na revogação de normas que regulam o mercado de armas.

— Facilitará a venda de armas lá e pode ter reflexos na América Latina — diz Uchôa.

Três a cada quatro apostadores usam plataformas que descumprem regras

Pesquisa mostra que metade dos entrevistados diz conviver com pelo menos duas práticas vedadas na regulamentação das bets, como falta de reconhecimento facial ou uso de cartão de crédito e criptoativo

LUIS FELIPE AZEVEDO
luis.azevedo@oglobo.com.br

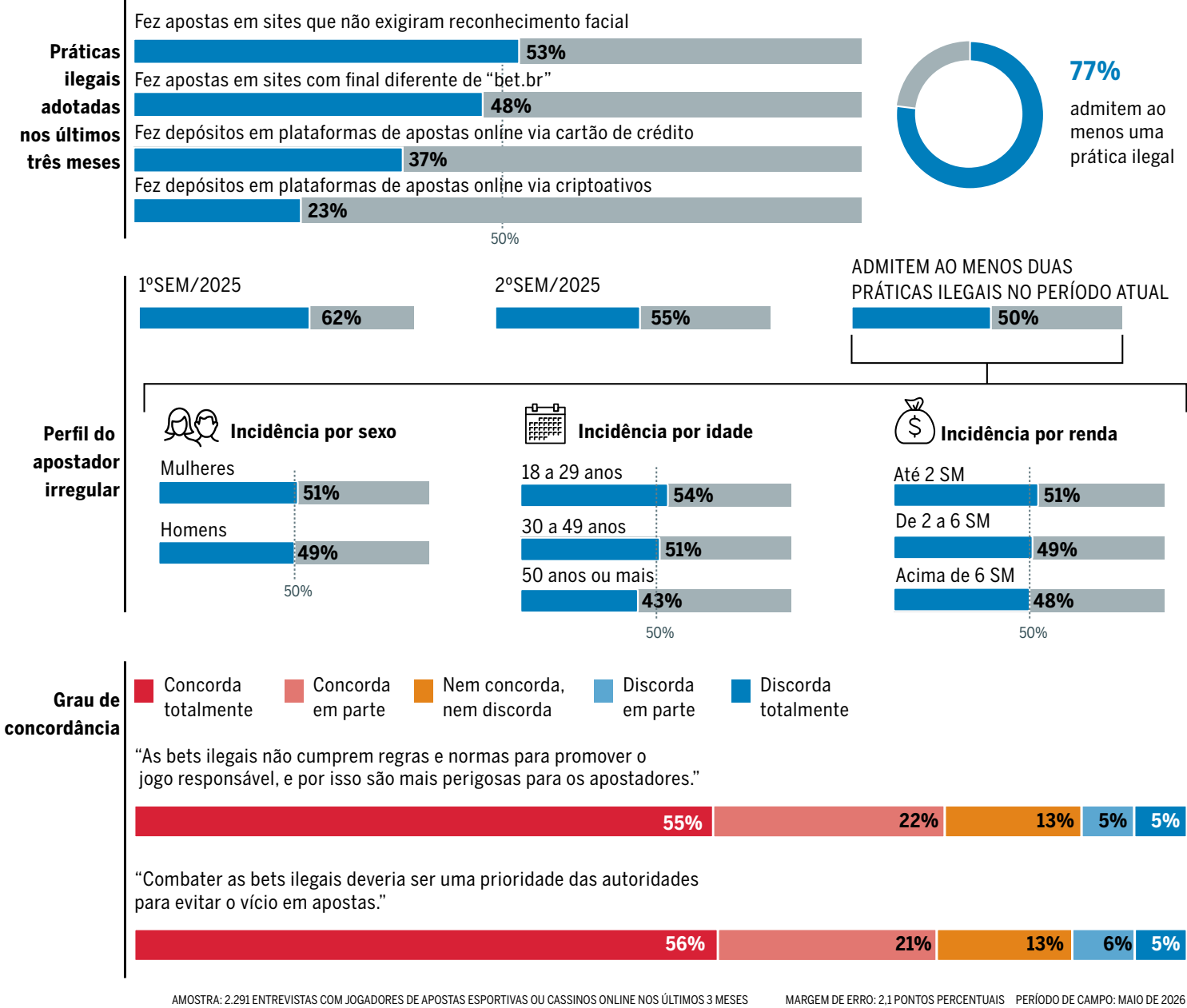
Três a cada quatro usuários de bets (77%) admitem ao menos uma conduta irregular ao apostar no Brasil nos últimos três meses, mostra pesquisa do Instituto Locomotiva. Além disso, a maioria dos apostadores reconhece o perigo das plataformas que ignoram as regras e cobram mais empenho das autoridades ao coibir esse tipo de prática. O estudo utiliza como parâmetro quatro ações vedadas pela Secretaria de Prêmios e Apostas, vinculada ao Ministério da Fazenda, desde 2024, quando uma portaria impôs normas gerais sobre as transações de pagamento e meios financeiros para os sites de apostas de quota fixa (bets) no Brasil.

Os pesquisadores questionaram se os entrevistados — todos com histórico de aposta nos últimos três meses — jogaram em sites que não exigiram reconhecimento facial. Eles foram perguntados, ainda, se usaram portais sem o final “bet.br” ou cartão de crédito e criptoativos para bancar a prática. Os quatro itens são considerados ilegais de acordo com a legislação brasileira.

Para classificar as apostas ilegais, a pesquisa considera aqueles que admitiram ter realizado duas ou mais práticas irregulares no período, caso de 50% dos entrevistados em maio deste ano. No primeiro semestre de 2025, eram 62%, e nos últimos seis meses do ano passado, 55%.

Os dados revelam que a faixa etária entre 18 e 29 anos é a que mais concentra apostadores irregulares (54%) no universo de entrevistados. Já a de 50 anos ou mais tem a menor incidência (43%).

Normas ignoradas



O estudo aponta um equilíbrio de gênero. Entre as mulheres, 51% admitiram ao menos duas práticas vedadas pela lei ao apostar, e 49% dos homens disseram o mesmo. Há uma situação semelhante no recorte de renda. São considerados “apostadores ilegais” 51% dos entrevistados com até dois salários-mínimos, 49% daqueles na faixa entre dois e seis, e 48% na parcela com mais de seis.

A pesquisa mostra que 53% dos entrevistados fizeram apostas em sites que não exigiram reconhecimento facial. Já 48% jogaram em sites com final diferente de “bet.br”. Essas são as práticas ilegais mais recorrentes, indica o estudo. Especialista em direito regulatório, o advogado André Santa Rita explica que as regras trazem exigências com objetivo primordial de resguardar os apostadores:

—A exigência de reconhecimento facial busca frear o acesso de impedidos de apostar, como menores de idade e pessoas que possam ter acesso a informações sobre eventos esportivos objeto de apostas. Já o final em “bet.br” está relacionado à identificação dos sites que operam em todo o território nacional com licença do governo, permitindo que o apostador conheça as plataformas nacionais autorizadas.

Já 37% dos entrevistados disseram ter feito depósitos em plataformas de apostas on-line via cartão de crédito. O uso de criptoativos com esta finalidade foi admitido por 23%. Professor da FGV Direito Rio, Daniel Dias explica que a proibição do uso de cartão de crédito em apostas é uma medida de “jogo responsável e prevenção do superendividamento”. A vedação a depósitos via criptoativos, segundo

ele, decorre das regras sobre transações financeiras e rastreabilidade dos recursos. —O objetivo é a prevenção à lavagem de dinheiro, a identificação da origem dos recursos e a rastreabilidade financeira —explica Dias. A pesquisa mostra que 51% dos apostadores irregulares admitem que plataformas informais são as únicas que utilizam. Já 36% afirmam que esses sites são aqueles em que fazem a maior parte dos jogos. Por outro lado, 8% dizem que essas plataformas são onde fazem cerca de metade das apostas, e 6%, a menor parte.

PERIGO RECONHECIDO

Há, entretanto, o reconhecimento do perigo. Três a cada quatro (77%) dos entrevistados concordam totalmente ou em parte que bets ilegais não cumprem regras e normas para promover o jogo responsável e, por isso, são mais perigosas para os apostadores.

Também 77% dos apostadores concordam totalmente ou em parte que combater bets ilegais deveria ser uma prioridade das autoridades para evitar o vício em apostas. Para 63% dos entrevistados, o governo federal ainda poderia fazer mais contra sites e aplicativos de apostas ilegais. Já 37% veem o Executivo realizando tudo o que pode no campo. Até julho, mais de 54 mil sites irregulares haviam sido derrubados pelo Executivo. A concordância de que é preciso mais empenho federal é majoritária até mesmo entre apostadores ilegais (58%).

—O estudo revela uma ligeira redução da participação das apostas ilegais, mas ainda em patamares elevados, com metade dos apostadores brasileiros transitando no mercado não licenciado. O dado positivo é que há quase consenso de que esse problema precisa ser encarado: mesmo quem joga nos sites clandestinos acha que é um dever do país combatê-los com mais força — diz Renato Meirelles, presidente do Instituto Locomotiva. A pesquisa realizou 2.291 entrevistas no Brasil em maio deste ano. A margem de erro é de 2,1 pontos percentuais para mais ou para menos.

Ex de Maria da Penha volta à prisão 43 anos após ataque

Justiça mantém preventiva de Marco Antônio Viveros, acusado de violar medidas protetivas ao conceder entrevista sobre o caso

A Justiça do Rio Grande do Norte decidiu ontem manter a prisão preventiva de Marco Antônio Heredia Viveros, de 80 anos, ex-marido de Maria da Penha Maia Fernandes. Ele foi detido após conceder entrevista a um canal de televisão sobre as tentativas de homicídio contra a ex-mulher, em 1983. Segundo o Ministério Público do Ceará (MPCE), a manifestação pública descumpriu medidas protetivas impostas a Viveros, que o proíbe de divulgar informações sobre o processo e o nome ou a imagem de Maria da Penha e das três filhas do casal.

A defesa pretende pedir a substituição da prisão preventiva pela domiciliar, alegando que Viveros tem 80 anos e apresenta comorbidades.

A prisão ocorre em meio a nova disputa judicial em torno do caso que se tornou um marco na defesa dos direitos das mulheres no Brasil. Em março deste ano, a Justiça do Ceará aceitou denúncia do MPCE contra Viveros e outros três homens por suposta campanha para atacar a honra de Maria da Penha e desacreditá-la a

lei que leva seu nome. Entre as acusações estão falsificação de documento público, uso de documento falso, perseguição e intimidação virtual.

A investigação teve como um dos principais alvos o documentário “A investigação paralela: o caso Maria da Penha”, produzido pela Brasil Paralelo. Segundo o Ministério Público, a produção apresentou como verdadeiro um documento que teria sido adulterado para sustentar a versão de Viveros de que ele também havia sido ferido durante um suposto assalto e que o tiro que atingiu Maria da Penha teria ocorrido durante uma luta com criminosos.

A Perícia Forense do Ceará, porém, apontou indícios de montagem no documento. A análise encontrou diferenças em assinaturas, carimbos, espaçamentos e informações sobre supostas lesões de Viveros que não constavam no exame original. O MPCE afirma que o material foi utilizado para sustentar uma versão favorável ao ex-marido e questionar a condenação que resultou do processo iniciado



após os ataques de 1983. Viveros e os demais acusados contestam. A ação penal ainda será julgada.

MEDIDAS PROTETIVAS

As restrições impostas a Viveros remontam a 2024. Além

de não poder se aproximar ou manter contato com Maria da Penha e as filhas, ele está impedido de fazer declarações públicas sobre o processo. Foi o descumprimento dessa determinação, segundo o MPCE, que levou à prisão preventiva

atual, que ocorre mais de duas décadas depois de Viveros ter sido preso pela primeira vez. Condenado pelos ataques contra Maria da Penha, ele ficou cerca de dois anos na cadeia antes de passar ao regime semiaberto e, posteriormente,



Violação de medidas. Marco Antônio Viveros está impedido pela Justiça de fazer declarações sobre Maria da Penha e as filhas

obter liberdade condicional.

Colombiano, Viveros conheceu Maria da Penha em 1974, quando os dois estudavam na USP. Ela fazia mestrado; ele, uma pós-graduação. O casal se casou em 1976 e teve três filhas.

ATAQUES EM 1983

Em maio de 1983, Maria da Penha foi atingida por um tiro nas costas enquanto dormia, em sua casa, em Fortaleza. O disparo provocou lesões irreversíveis e a deixou paraplégica. Na época, Viveros afirmou que o casal havia sido vítima de um assalto, versão contestada pelas investigações.

Meses depois, Maria da Penha sofreu uma segunda tentativa de homicídio. A sequência de agressões levou a farmacêutica a iniciar uma longa batalha judicial pela responsabilização do ex-marido.

A demora da Justiça levou Maria da Penha, com apoio de organizações de defesa dos direitos das mulheres, a denunciar o Brasil à Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos. Em 2001, o órgão responsabilizou o Estado brasileiro por negligência.

O caso contribuiu para a criação da Lei Maria da Penha, que estabeleceu mecanismos de proteção à mulher vítima de violência doméstica.

PRESSÃO NA DÍVIDA PÚBLICA

DESPESA DE R\$ 149 BI

Governo gasta com fundos e crédito subsidiado no 1º semestre quase o mesmo de todo o ano passado

FABIO GRANER
fabio.graner@bsb.oglobo.com.br
BRÁSILIA

A despesa financeira do governo federal no primeiro semestre chegou a R\$ 149 bilhões, equivalente a 1,09% do PIB e muito próximo do valor pago em todo o ano passado, quando totalizou R\$ 161 bilhões. A elevação desse montante ajuda a pressionar a dívida pública, cujo crescimento tem preocupado especialistas e o mercado. Os dados foram calculados a pedido do GLOBO pelos economistas Matheus Rosa e Lívio Ribeiro, da consultoria BRCG.

Dentro da despesa financeira estão operações como aportes em fundos garantidores, repasses para o BNDES e outros bancos em programas de crédito — incluindo o Minha Casa, Minha Vida e os emergenciais para o Rio Grande do Sul e de enfrentamento do tarifaço imposto pelos Estados Unidos —, além de uma série de outras rubricas que não podem ser classificadas como gastos primários, mas que, direta ou indiretamente, impactam a dívida pública.

O gasto primário é o desembolso clássico do governo, como salários, aposentadorias, custeio da máquina e investimentos. É o valor considerado para o cumprimento do arcabouço fiscal. Já o financeiro envolve linhas de crédito e aportes em fundos.

O indicador que considera as despesas financeiras é importante para avaliar as ações do governo fora do gasto primário, considerando os efeitos sobre a economia e a inflação.

Os dados da BRCG mostram que, nos últimos anos, esse tipo de operação está em alta. Entre 2024 e 2025, a despesa financeira quase dobrou em proporção do PIB. E agora, em 2026, segue em aceleração.

Com esse expediente, o governo atua sem violar as regras fiscais, dando suporte a uma parcela da economia sem atrapalhar o esforço de obtenção de resultado primário (receitas menos despesas, sem os juros) nem violar o limite de gastos. Mas seu uso crescente tem sido cada vez mais questionado pelos economistas, especi-



Juros menores. Parte dos recursos do governo repassada ao BNDES é destinada a programas de crédito que cobram taxas abaixo das praticadas pelo mercado

almente do setor financeiro, porque seria uma forma de aquecer a economia, na contramão do que seria o caso em um momento de política monetária apertada e da necessidade de cumprir metas de resultado primário para conter a alta da dívida.

GASTO PRIMÁRIO RESTRITO

Ainda que o governo tenha, na maioria dos casos, um direito a receber no futuro, parte significativa das operações, especialmente as lançadas este ano, tem taxas de juros abaixo das praticadas no mercado. E isso ajuda a reforçar a trajetória de elevação da dívida pública.

Na conta da BRCG não estão incluídos os gastos com juros da dívida pública, que são os maiores itens no universo das despesas financeiras, mas que não estão sob controle do governo. O cálculo mira as medidas de estímulo que estão sendo adotadas nos últimos anos.

Em valores orçados, o nível previsto para 2026 é o mais alto desde a pandemia. Essas despesas estão no Orçamento, mas a visibilidade sobre elas é substancialmente menor, e o governo não tem divulgado sistematicamente os números agregados de sua execução, di-

ferentemente do que faz com os dados primários, periodicamente divulgados.

Uma parte dessa despesa não tem efeito imediato na economia. Por exemplo: um empréstimo do Tesouro para o BNDES aparece como um gasto financeiro imediato, mas o reflexo na economia só se dará quando o desembolso do crédito para as empresas efetivamente ocorrer, o que leva tempo e ainda pode ser feito em tranches, aos poucos.

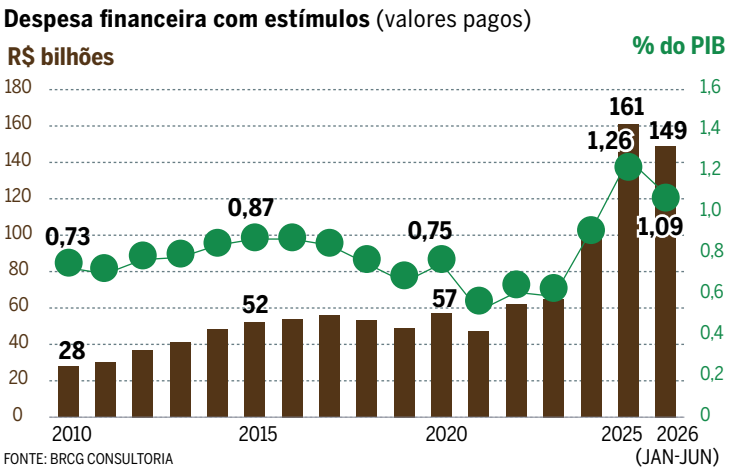
Outro exemplo é o crédito para motoristas de aplicativos. O desembolso é de R\$ 30 bilhões, mas o que deve chegar às pessoas é, em uma previsão otimista, cerca de um terço disso, por falta de demanda.

Para Matheus Rosa, um dos autores do estudo e quem atualizou os dados, o acompanhamento da despesa financeira permite uma compreensão mais completa da política fiscal do governo. Na visão dele, o marco do início efetivo do arcabouço fiscal em 2024, com suas restrições à despesa primária, tem a ver com o aumento da despesa financeira:

— Quando se observa os Orçamentos de 2020 a 2023, houve importantes exceções às regras fiscais, que permiti-

Efeito colateral

Programas de crédito subsidiado e outras formas de estímulo à economia elevam os custos financeiros do governo. Na primeira metade de 2026, o patamar ficou próximo ao de todo o ano passado



ram aumento de despesas. Em 2024, no primeiro ano do novo arcabouço fiscal, observamos que as políticas de crédito facilitado do governo começaram a crescer, com destaque principalmente para esses dois últimos anos.

Procurado, o Ministério da Fazenda disse que não comenta estudos, estimativas ou levantamentos produzidos por terceiros. Mas fez ponderações sobre como os dados devem ser avaliados considerando suas especificidades.

Segundo a pasta, o fato de serem despesas financeiras

não significa automaticamente que constituam um “impulso fiscal”. “Assim, o valor agregado, por si só, não permite concluir que tenha havido um impulso fiscal de R\$ 149 bilhões, tampouco quantificar seu impacto sobre a atividade econômica ou a inflação”.

O órgão acrescenta que quanto “a eventuais riscos fiscais, despesas financeiras são devidamente identificadas no Orçamento, que é construído e bimestralmente avaliado de forma a garantir o cumprimento das regras fiscais vigen-

tes e a trajetória de consolidação fiscal prevista no arcabouço fiscal. Sob o novo arcabouço, o déficit primário está em trajetória decrescente, com queda de mais de 70% entre 2023 e 2025”.

Manoel Pires, ex-secretário de Política Econômica da Fazenda e coordenador do Observatório de Política Fiscal do FGV Ibre, reforça que há diferenças entre o governo oferecer um incentivo e ele, de fato, se transformar em demanda:

— É diferente do que acontece no gasto primário, em que você paga salário de funcionário público, benefício previdenciário, e as pessoas usam aquilo no mês inteiro, contam com o dinheiro para fazer suas compras, seus gastos, ao longo do mês inteiro.

EFEITO MAIS LENTO

Pires lembra que alguns programas, como o Move para motoristas de aplicativos e taxistas, estão com “empoçamento” de recursos. Mesmo assim, ele considera que o aumento das despesas financeiras indica que os programas estão acelerando e gerando algum impulso na economia e, muito provavelmente, ao longo do segundo semestre devem ter impacto relevante:

— O aumento do desembolso desse primeiro semestre em si parece ter a ver com o fato de se ter feito uma liberação muito grande no ano passado e não desembolsado tudo.

O economista-chefe da Warren Rena e ex-secretário de Fazenda de São Paulo Felipe Salto reconhece que as medidas de crédito têm crescido nos últimos anos. Mas pondera que há diferenças entre os números divulgados quando as medidas são anunciadas e o que acaba ocorrendo de fato.

— Tem as medidas que pegam e as que não pegam — afirma. — A meu ver, trata-se de risco a ser acompanhado, pelo efeito sobre a dívida pública, mas não é, para mim, neste momento, a maior preocupação na análise do desequilíbrio fiscal — disse, explicando que o principal desafio fiscal do país é conter a trajetória de alta das despesas primárias obrigatórias.

Na OMC, EUA afirmam que aceitam conversar com o Brasil

Americanos responderam à reclamação brasileira no órgão sobre tarifaço

PAULO RENATO NEPOMUCENO
E GERALDA DOCA
economia@oglobo.com.br
RIO DE BRÁSILIA

Os Estados Unidos responderam ontem ao pedido de consulta do Brasil à Organização Mundial do Comércio (OMC) para discutir as duas sobretaxas im-

postas aos produtos brasileiros importados pelo país.

Em documento enviado ao órgão, os EUA afirmaram que “aceitam o pedido do Brasil para iniciar consultas” e que os representantes estão “à disposição para conversar com os representantes de sua missão em uma data que seja conveni-

ente para ambas as partes para a realização das consultas”.

A China também mandou um posicionamento à OMC, querendo participar das mesmas consultas: “A China, portanto, solicita respeitosamente que lhe seja permitido participar das consultas nesta controvérsia”, diz o trecho

de outro documento vinculado à discussão.

A resposta americana veio após a queixa do Brasil contra o tarifaço na OMC, formalizada no fim do mês passado. Em 27 de julho, o Brasil afirmou que as medidas adotadas pelos americanos violavam compromissos assumidos pelo país no sistema multilateral de comércio e representam uma tentativa de impor sanções de forma unilateral.

A reclamação questiona as duas sobretaxas anunciadas no mês passado pelo Escritório do Representante de Comércio dos Estados Unidos (USTR na sigla em inglês),

ambas tomadas com base na Seção 301 da legislação comercial americana: a primeira refere-se a uma alíquota adicional de 25% relacionada à investigação sobre práticas comerciais brasileiras; a segunda, à taxa de 12,5% vinculada à apuração sobre supostas falhas do Brasil no combate à importação de produtos produzidos com trabalho forçado.

Na manifestação enviada à OMC, o Brasil argumenta que Washington desrespeitou o princípio da nação mais favorecida, um dos pilares do comércio internacional, ao aplicar tarifas específicas contra produtos bra-

sileiros sem estender o mesmo tratamento a outros membros da organização. Também sustenta que os EUA passaram a cobrar tarifas superiores aos limites consolidados junto à OMC.

Integrantes do Ministério de Relações Exteriores afirmam que é cedo para avaliar a decisão dos EUA. O entendimento é que o processo ainda está na fase formalidades iniciais. Esse mecanismo de consultas está previsto no Órgão de Solução de Controvérsias da OMC. É um procedimento puramente técnico que passará por outras fases, disse um técnico a par do assunto.

TER _ Miriam Leitão _ **QUA** _ Zeina Latif _ **QUI** _ Miriam Leitão _ **SEX** _ Fabio Giambiagi (quizenal) **SAB** _ Tony Volpon _ Ana Carla Abrão _ Pedro Parente _ Paulo Tafner (mensal) _ **DOM** _ Miriam Leitão

MÍRIAM LEITÃO

blogs.oglobo.globo.com/miriam-leitao
miriamleitao@oglobo.com.br
Com Ana Carolina Diniz



Brasil visto de São Paulo

É um alívio de certa forma acompanhar um debate como o do governador Tarcísio de Freitas e do ex-ministro Fernando Haddad. Estão em campos opostos, mas dialogam. Divergem profundamente, se esto-

Tarcísio não tinha mais a insegurança do debate de 2022, em que ele deu sinais de que não conhecia o estado que ia governar. Não soube dizer onde ficava sua seção de votação. Foi derrotado naquele debate, mas ganhou a eleição. Desta vez, o confronto foi mais equilibrado, com Tarcísio exibindo dados de obras e realizações, ainda que tenha mostrado fraquezas.

Diante da pergunta sobre educação, Tarcísio patinou. Disse o que pretendia fazer. Ora, quem está há três anos e meio no cargo tem que dizer o que já fez. Isso permitiu a Haddad afirmar que, no ensino médio, São Paulo tinha caído de terceiro lugar para décimo lugar durante a gestão atual. Tarcísio contestou, mas de fato seus números são medíocres. Ele prometeu pôr o Estado de São Paulo no primeiro lugar, levou até o secretário do Paraná, Renato Feder, com este objetivo, e amargou um décimo lugar. Em 2015, o estado tinha ficado em primeiro.

O campo mais árido para Haddad é a economia, porque é muito mais difícil passar a mensagem de que o governo está buscando o equilíbrio quando a dívida subiu tanto. Mas o ex-titular da Fazenda lembrou, como sempre faz, que o governo Bolsonaro deu o calote nos precatórios e impôs aos governos dos estados a suspensão do ICMS. Contou que a primeira conversa do governador Tarcísio com o então ministro da Fazenda foi exatamente o pedido para a recomposição desta receita.

O debate de segurança é sempre uma sucessão de números com os quais o eleitor não se identifica. Há dados mostrando a queda dos números de roubos de celulares em São Paulo, redução de 23,8% entre janeiro e abril de 2026, por exemplo. Mas Haddad pegou o dado mais aterrador, o aumento de feminicídios. O número de mulheres mortas pelo fato de serem mulheres aumentou 96,4% em 2025 quando comparado com 2021.

Os candidatos Tarcísio e Haddad fizeram um debate com estocadas, críticas e divergências, mas com respeito democrático

Na segurança, que tanto interessa ao eleitor, a esquerda sempre teve dificuldades. A PEC da Segurança foi uma tentativa do governo Lula de construir um sistema em que o poder federal se junta ao estadual, porém não conseguiu aprová-la no Congresso. A direita se apresenta como o grupo político com mais capacidade na área. Não provou isso quando governou. Pelo contrário. O que Jair Bolsonaro defendeu foi a impunidade dos policiais no excludente de ilicitude, e armar a população para que ela se defendesse. A direita tem uma fama injustificada de saber como lidar com o problema.

Na verdade, a questão continua a desafiar o Brasil. As soluções apresentadas pelos candi-

datos são muitas vezes inexequíveis, ou obsoletas ou mal explicadas. O país ainda precisa de um bom programa de segurança.

Quando Tarcísio perguntou qual conselho Haddad daria ao presidente Lula sobre responsabilidade fiscal, o governador foi no ponto. O ex-ministro teria muitos conselhos a dar. Algumas das ideias de Haddad que Lula ouviu, como o de acabar com os títulos isentos, os LCIs e LCAs, foram bloqueadas no Congresso por pressão do mercado. O mesmo mercado que fala tanto em ajuste fiscal. Essas isenções não se justificam e custam um dinheirão. São apenas um pequeno exemplo de uma conversa longa, necessária, mas infelizmente longe dos palanques e debates.

Haddad respondeu que daria um conselho: o de não nomear Roberto Campos, insinuando que ele teria sido o responsável pelo maior escândalo financeiro do país, o do Caso Master. Isso não foi provado. Já as ligações do Master com integrantes do governo Bolsonaro, como o ex-chefe da Casa Civil Ciro Nogueira, são diretas.

Tarcísio elogiou Bolsonaro, declarou sua “gratidão” e tentou levar votos para Flávio Bolsonaro. No dia seguinte, o presidente da Câmara, Hugo Motta, que é do mesmo Republicanos do governador, declarou voto em Lula. Segundo Motta, “é o melhor para o país”.

Anvisa abre espaço para venda de remédio em app de delivery e e-commerce

Decisão não tem efeito imediato e precisa de regulamentação, mas é vista como primeiro passo para uma liberação futura

LETÍCIA LOPES
leticia.lopes@oglobo.com.br
SÃO PAULO

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) suspendeu as medidas que proibiam que os aplicativos de delivery iFood e Rappi e os e-commerces Mercado Livre, Americanas e Shopee anunciassem e vendessem medicamentos. Na prática, a decisão não autoriza automaticamente a comercialização de remédios nas plataformas, mas é um primeiro passo para uma liberação futura. As revogações, aplicadas individualmente a cada empresa, foram publicadas no Diário Oficial.

Segundo a Anvisa, a liberação se deu por “questionamentos formais” feitos à agência após o presidente Lula sancionar, em março, a lei que liberou a venda de medicamentos em supermercados.

Apesar da revogação da suspensão, iFood, Rappi, Mercado Livre, Americanas e Shopee ainda não estão autorizados a vender medicamentos. A

regulamentação, ainda sem prazo de conclusão, deve especificar pontos como os tipos de medicamentos que poderão ser comercializados em canais on-line (se só produtos que não exigem receita ou também os controlados, por exemplo) e regras de acondicionamento dos remédios, assim como especificidades da infraestrutura digital necessária para a submissão de receitas médicas, entre outros.

OUTROS CANAIS

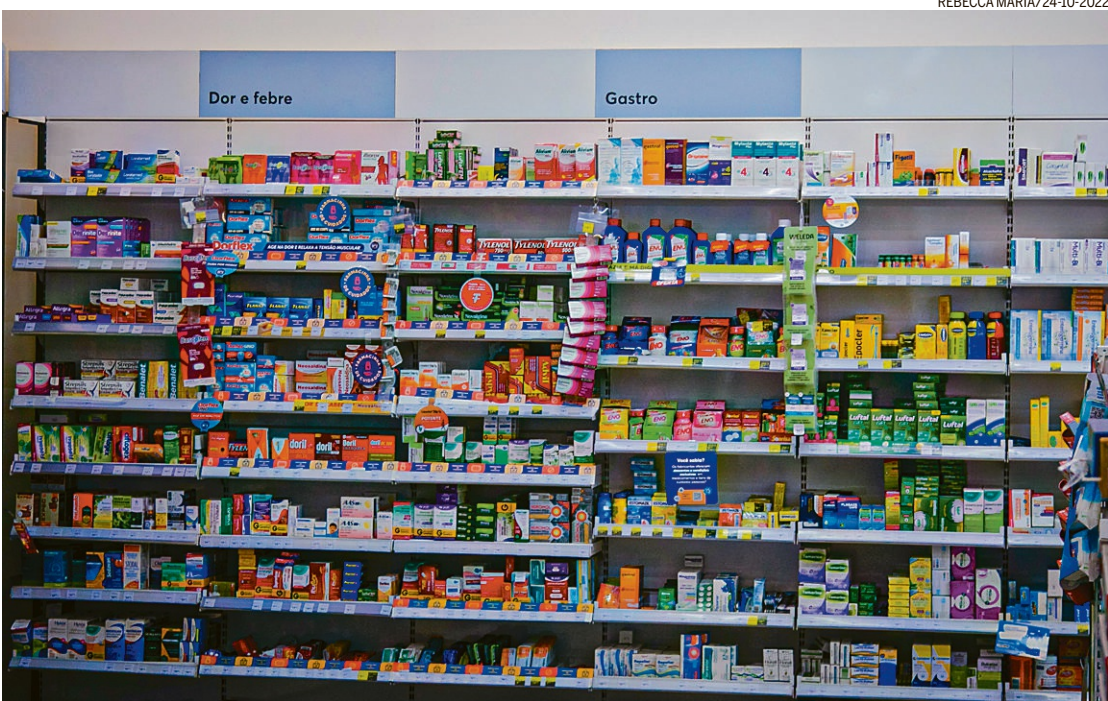
O texto também autorizou farmácias e drogarias a contratar canais digitais e plataformas de comércio on-line para logística e entrega ao consumidor. Esse ponto também precisa ser regulamentado.

Atualmente, é possível comprar medicamentos em aplicativos de delivery, mas apenas os que não exigem receita médica. As vendas funcionam na lógica da “última milha”, assim como a compra de uma pizza ou um hambúrguer: o

remédio é vendido pela própria farmácia, via app de delivery, e a entrega é realizada pelo entregador da plataforma.

CEO da Abrafarma, entidade que representa as redes de drogarias, Paulo Mena Barreto observa que farmácias já são autorizadas a vender medicamentos de maneira digital, em apps e sites próprios. A novidade trazida pela legislação, segundo ele, é a possibilidade de esses estabelecimentos utilizarem outros canais digitais e plataformas de comércio eletrônico.

— Existem regras sanitárias para a venda e a dispensação de medicamentos (ato profissional em que o farmacêutico fornece o remédio ao paciente baseando-se em uma prescrição médica e na orientação sobre o uso), mas ainda é necessário definir com clareza como elas se aplicam a esse novo ecossistema digital, estabelecendo responsabilidades e controles sobre dispensação, orientação farmacêutica, rastreabilidade, armazenamen-



Tempo de mudanças. Ainda é necessário definir como as regras para farmácias se aplicam ao ecossistema digital

to, transporte e regularidade dos produtos.

Procurado, o iFood disse, em comunicado, que “acompanha a revogação da medida restritiva da Anvisa” e reforça seu compromisso com a legislação sanitária. “A empresa conecta estabelecimentos licenciados, consumidores e entregadores por meio de tecnologia especializada. A empresa não compra, não estoca nem revende medicamentos. A venda e a dispensação permanecem responsabilidade integral das farmácias parceiras, e o farmacêutico mantém seu papel insubstituível”, diz o texto.

Já o Rappi destacou que a decisão da Anvisa é um “passo positivo que traz maior segurança jurídica para o setor e atualiza o marco regulatório diante da evolução

das novas tecnologias”.

Para o Mercado Livre, a decisão da Anvisa é um “avanço para a modernização do setor”. Desde março, a gigante do comércio eletrônico atua na venda de medicamentos numa “operação piloto” a partir de uma farmácia comprada pela própria companhia no ano passado. A loja é apenas “uma portinha” no bairro do Jabaquara, na Zona Sul de São Paulo, mas é a partir do CNPJ do estabelecimento que funciona a Mercado Livre Farma, loja oficial na plataforma que vende remédios que não precisam de receita médica. As entregas estão disponíveis apenas para algumas regiões da capital paulista.

O Mercado Livre já tem conversas adiantadas com redes de farmácias para que os medicamentos sejam anunciados por elas na plataforma, segun-

do pessoas a par das negociações. A gaúcha Panvel é um dos exemplos.

“Implementar o modelo de venda indireta de marketplace de farmácias é um avanço significativo para ampliar o acesso a medicamentos para consumidores em todo o país, incluindo regiões com menor cobertura de estabelecimentos físicos”, informou a plataforma, em nota.

A Shopee avaliou a decisão da Anvisa como um avanço positivo: “Seguimos acompanhando as atualizações da Anvisa e reafirmamos nosso compromisso de cumprir rigorosamente suas normas”.

Já a Americanas informou que não vende medicamentos em loja, site ou aplicativo, mas “segue atenta às decisões da Anvisa e dos demais órgãos reguladores”.

BC estuda ações contra xingamentos e ameaças no Pix

Campo de mensagem de transações na plataforma tem sido utilizado ‘para fins alheios ao propósito original’, diz relatório

THAÍS BARCELLOS
thais.barcellos@bsb.oglobo.com.br
BRASILIA

O Banco Central está estudando possíveis medidas para coibir o uso inadequado do campo de mensagens em transações no Pix, de acordo com o Relatório de Gestão do Pix 2023-2025, publicado ontem. Segundo o BC, as mensagens foram originalmente concebidas para que o pagador pudesse registrar informações objetivas sobre a transação, mas o campo tem si-

do utilizado “para fins alheios ao propósito original”, incluindo expressões “ofensivas, intimidatórias ou ameaçadoras”, frequentemente associadas a transferências de valor irrisório.

Para avaliar como resolver o problema, o BC criou um grupo de trabalho no âmbito do Fórum Pix, que reúne associações que representam instituições financeiras e entidades da sociedade civil. O objetivo é debater alternativas e encaminhamentos voltados à preservação da integridade do ins-

trumento e da boa experiência dos usuários, sem comprometer as características essenciais do Pix.

ALERTA DE GOLPE

O Banco Central afirma que, com base nas conclusões desse trabalho, “avaliará e instituirá, se julgar necessário, as medidas regulamentares adequadas para coibir o uso inadequado do campo de mensagens”.

O assunto foi abordado na seção do relatório de gestão que trata do futuro do Pix. O

órgão regulador avalia uma série de ações para aumentar a segurança do meio de pagamento, como a criação de critérios objetivos mínimos para classificar uma operação como suspeita de fraude e a obrigatoriedade de alerta de golpe pelas instituições financeiras.

O Banco Central também avalia a incorporação de um modelo que permita pagamentos via Pix sem necessidade de conexão com a internet do usuário pagador, melhorias no Pix automáti-



Pix. Mais de R\$ 35 trilhões em 2025

co e o desenvolvimento do Pix garantia, para que fluxos futuros possam ser usados como lastro de empréstimos, principalmente de empresas.

De acordo com o relatório, foram realizadas quase 80 bilhões de transações em 2025, movimentando mais de R\$ 35 trilhões — 148 milhões de pessoas e 12,8 milhões de empresas fizeram ou receberam pelo menos um Pix no ano passado.

A quantidade de pessoas representa cerca de 86% da população adulta brasileira. Atualmente, existem mais de 920 milhões de chaves Pix cadastradas, referentes a mais de 162 milhões de pessoas e a mais de 16 milhões de empresas.

Fachin vai apresentar projeto de lei para limitar salários de magistrados

No ano passado, 67,3 mil servidores receberam R\$ 24,3 bi acima do teto, entre juízes, membros do MP, advogados e defensores públicos. Teto de remuneração da elite do Judiciário passou a funcionar como piso, diz estudo

SÉRGIO QUINTELLA E
GLAUCE CAVALCANTI
economia@oglobo.com.br
SÃO PAULO E RIO

O presidente do Supremo Tribunal Federal (STF) e do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), Luiz Edson Fachin, afirmou ontem que pretende enviar ao Congresso, até o fim do ano, um projeto de lei para regulamentar o salário dos juízes e desembargadores brasileiros. A declaração foi feita durante evento do jornal Folha de S.Paulo, na capital paulista. Segundo Fachin, que não deu detalhes da proposta, é preciso aperfeiçoar os mecanismos de transparência dos órgãos públicos brasileiros, entre outras demandas, o que inclui o regime de remuneração da magistratura.

— Precisamos enfrentar com seriedade a agenda de moralização dos gastos públicos e aprofundar as investigações de corrupção que ainda permanecem em nosso país, bem como aperfeiçoar os mecanismos de transparência e encontrar soluções públicas justas e fiscalmente sustentáveis para questões estruturais do Estado brasileiro, inclusive no que diz respeito ao regime remuneratório da magistratura, que é o que faremos com a proposição de uma lei federal de caráter nacional cuja minuta estará pronta até o final deste ano — afirmou o ministro.

O anúncio ocorre após o presidente do STF instituir, em junho, um grupo de trabalho pa-

ra rever e discutir a remuneração de magistrados. O grupo terá até o fim do ano para apresentar uma proposta que promova a padronização e a transparência da remuneração dos integrantes do Judiciário.

PROBLEMA ESTRUTURAL

A Carta do FGV Ibre deste mês mostra que o limite de remuneração do topo do funcionalismo público foi convertido em piso, fazendo do Estado um “perpetuador” de desigualdades sociais. O texto foi escrito pelo pesquisador Luiz Guilherme Schymura, do Ibre, com base em pesquisa do cientista político Sérgio Guedes-Reis, pesquisador da Universidade da Califórnia em San Diego e auditor de Finanças e Controle da Controladoria-Geral da União. Mais de 91% dos magistrados recebem acima do teto atual, de R\$ 46,3 mil por mês, ou R\$ 630 mil anuais, o equivalente ao subsídio dos ministros do Supremo.

No ano passado, 67,3 mil servidores receberam R\$ 24,3 bilhões acima desse teto, sobretudo juízes, membros do Ministério Público (MP), advogados e defensores públicos. Desse excedente pago, 94%, ou R\$ 22,8 bilhões, foram para 48,6 mil pessoas.

“A manutenção dos super-salários do setor público desmoraliza de início qualquer iniciativa de ajuste do equilíbrio fiscal estrutural do Brasil que demande cortes de benefícios de pessoas menos



CRISTIANO MARIZ/3-8-2026

Limite. Fachin diz ser preciso enfrentar a “moralização dos gastos públicos”, incluindo a remuneração da magistratura

privilegiadas”, diz Schymura.

Em 2025, 637 magistrados receberam mais de R\$ 2 milhões anuais, ou três vezes o teto. De fevereiro do ano passado a janeiro deste ano, esse número subiu a 997, uma “explosão de casos” às vésperas da decisão do STF sobre o tema.

DISPARIDADE DE RENDA

A Corte limitou o pagamento dos penduricalhos, verbas que inflam os vencimentos de parte do funcionalismo, a 70% do teto, ou R\$ 32,4 mil, com uma fatia de até 50% em verbas indenizatórias e o restante limitando o adicional por tempo de serviço. Após revisão de recursos apresentados contra a medida, o STF liberou algumas parcelas fora do teto.

Em termos de disparidade de renda, chama atenção o fato de que a mediana de remuneração de juízes, desembargadores e defensores públicos no Brasil representa 48 vezes a renda mediana nacional. Essa proporção é de seis vezes nos Estados Unidos e de quatro vezes em Portugal e Alemanha. Com isso, o Brasil se destaca isoladamente nesse quesito dentre 11 países — Alemanha, Argentina, Chile, Colômbia, EUA, França, Itália, México, Peru e Reino Unido. A fatia de 25% de juízes mais bem pagos no Brasil recebe, junta, mais que os 53 mil magistrados desses outros dez países reunidos.

“A desigualdade salarial interna do setor público estatutário passou a superar a do

mercado formal privado, invertendo o padrão histórico do funcionalismo como espaço relativamente isonômico e de atenuante das desigualdades do país”, consta na Carta.

NOVA REGRA E ECONOMIA

Guedes-Reis explica que os penduricalhos avançam de forma episódica, e não contínua, porque se aproveitam de momentos de fragilidade política do Executivo ou do Legislativo. Ou de folga fiscal e distração midiática. O inverso também pode acontecer, quando crises de imagem do STF abrem “janelas de oportunidade” para regulação. Uma delas seria a do escândalo do Banco Master, por envolver ao menos dois ministros da Cor-

te, mas que estaria se fechando sem resposta efetiva.

O cientista político entende que o problema central reside em um sistema que “se retroalimenta”: a desigualdade forja a ideia das elites sobre o que é justo, ocorre uma corrida de rendimentos entre as corporações e esse funcionalismo escreve e julga as regras que ele mesmo deve seguir.

Para equacionar os supersalários, ele propõe a criação de uma referência remuneratória. O teto seria aplicado ao valor total recebido no período, incluindo verbas indenizatórias. Ficariam de fora as despesas com diárias de deslocamento eventual e os valores antecipados em favor da administração, sempre mediante comprovação.

A proposta seria colocar todos dentro do teto, limitando a remuneração ao recebido pelos 75% de magistrados mais bem remunerados da amostra internacional. Para adequar esse modelo aos servidores que hoje recebem acima do teto, haveria três regras de transição. A primeira é que o novo teto valeria apenas para quem ingressar no setor público após a reforma. Os servidores atuais teriam sua remuneração excedente preservada como Vantagem Pessoal Nominalmente Identificada e congelada em termos nominais. Com isso, seria gradativamente absorvida pela inflação. A remuneração dos servidores já acima do limite atual seria preservada nominalmente, sem recomposição inflacionária.

A estimativa de Guedes-Reis é que, em 20 anos, a primeira regra de transição traria economia de R\$ 167 bilhões, com a segunda e a terceira, trazendo R\$ 263 bilhões e R\$ 469 bilhões, respectivamente. São recursos que trariam alívio na questão fiscal e permitiriam a realocação de recursos a serviços essenciais, além da redução de desigualdades.

Uma coleção de tomates cheia de sabor e de história

Professor da UFRRJ começou acervo de frutos que já caiu no gosto de restaurantes e trouxe ganhos a agricultores familiares



LUIZ EDUARDO MINERVINO
economia@oglobo.com.br
SÃO PAULO

Uma coleção de tomates que começou quase por acaso, há cerca de 25 anos, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), ganhou as cozinhas de restaurantes e passou a gerar renda para agricultores familiares. O acervo reúne mais de mil variedades, segundo o professor Antônio Carlos de Souza Abboud, e inclui frutos de diferentes cores, formatos, sabores e texturas.

Tudo começou quando Abboud, professor e agrônomo especializado em ciência do solo, recebeu uma pequena coleção de sementes da França e decidiu plantá-las. O que inicialmente era um hobby cresceu com a chegada de novas sementes, doações, trocas com outras instituições e materiais coletados no Brasil e no exterior.

Ao longo dos anos, o professor passou a usar os tomates em aulas, trabalhos acadêmicos e eventos de extensão rural. A coleção chamou a atenção de chefs de cozinha. A primeira degustação ligada à gastronomia ocorreu em 2016 e abriu caminho a uma rede que aproximou universidade, agricul-

tores e restaurantes.

Hoje, segundo Abboud, o acervo tem tomates históricos originários de países como Itália, França, Espanha e EUA, além de materiais coletados em diferentes regiões, como Bahia, Amazônia e Roraima.

A diversidade é uma das principais características da coleção. Há frutos brancos, amarelos, verdes, marrons, rosas, alaranjados, roxos e quase pretos, além de formatos e tamanhos variados. A diferença, inclusive, não está apenas na aparência.

— Tem tomate doce, azedo, frutado, mais ácido, com pouca semente, com textura crocante, textura macia. A gente tem todas as nuances de sabor, de gosto e de textura — explica Abboud.

‘QUINTESSÊNCIA DO TOMATE’

Foi essa diversidade que atraiu o chef Elia Schramm, do Babbo Osteria, em Ipanema, na Zona Sul do Rio. Ele conheceu o trabalho de Abboud há sete anos e já tinha familiaridade com algumas variedades por ter trabalhado na Europa. Segundo Schramm, o que encontrou na coleção da UFRRJ foi algo diferente do que estava acostumado a ver no Brasil.

— É a quintessência do tomate. É o que todo tomate deveria ser — afirma.

O menu “tomates de origem” no Babbo transforma os



FOTOS DE ARQUIVO PESSOAL



Diversidade. Acervo tem frutos de diferentes sabores



Cores variadas. Há modelos roxos, verdes e marrons

frutos em protagonistas dos pratos. Schramm conta que prefere trabalhar com diferentes variedades juntas em vez de criar um prato específico para cada tomate:

— A graça desses tomates é justamente fazer uma degustação dos vários tipos para você ver a complementaridade e a diferença entre eles.

O menu costuma ficar dis-

ponível entre agosto e novembro, período que concentra a oferta. A relação entre chefe agricultor passou a influenciar o planejamento da safra: Schramm tenta antecipar a demanda para que os produtores consigam se preparar.

A produtora Isabel Yamaguchi cultiva tomates históricos em Seropédica, na Baixada Fluminense, em sistema de

agricultura orgânica. A relação dela com a coleção começou nos primeiros anos do trabalho de Abboud, quando conseguiu uma das primeiras sementes obtidas por ele — um tomate pequeno chamado Chocolate. Desde então, passou a trabalhar com diferentes variedades e, na safra passada, chegou a plantar cerca de 60 tipos diferentes.

— Tenho um dever social de colocar isso para que as pessoas comuns também possam ter acesso — diz.

Além dos restaurantes, ela vende os tomates em feiras como as da Glória e de Copacabana. Segundo ela, os consumidores se interessam pela diversidade dos frutos.

QUILO POR ATÉ R\$ 35

A produção, porém, não é simples. Isabel cultiva os tomates a céu aberto e afirma que eles são mais sensíveis e exigem mais cuidados. A falta de água e as condições climáticas de Seropédica limitam a produção.

— Cada variedade de tomate é um trato diferente. São fatores muito limitantes, mas todo ano acabo sendo atraída aos tomates históricos — diz, citando que, na última safra, produziu entre 400 e 500 quilos no pequeno lote.

O tomate histórico exige mais cuidados, mas rende receita maior: pelo tomate convencional, tipo salada, o produtor recebe R\$ 4,91 por quilo na capital fluminense, segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da USP. As variedades históricas podem ser vendidas por até R\$ 35 o quilo aos restaurantes, segundo Elia Schramm.

Abboud diz que a oferta é baixa porque cultivar os tomates exige conhecimento específico e o custo é alto. A universidade mantém a coleção e fornece sementes a agricultores parceiros, mas nem todos conseguem manter a produção. Há três agricultores produzindo na região.

JOÃO SORIMA NETO
joao.sorima@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

A Embraer planeja expandir sua capacidade de produção global para atender ao crescimento da demanda por aeronaves. O presidente da fabricante de aviões brasileira, Francisco Gomes Neto, afirmou, durante apresentação dos resultados da empresa, que a possibilidade de uma linha de montagem está sendo discutida com a Índia, focada inicialmente no KC-390 (avião de transporte militar multimissão), e possivelmente estendendo-se a aviões comerciais. Também existe o estudo para implementar uma nova linha de montagem nos Estados Unidos, condicionada ao tamanho de novos pedidos e ao sucesso de campanhas de venda no país.

Os EUA concentram cerca de 45% das vendas de jatos comerciais e 70% dos jatos executivos da Embraer, além de existirem negociações estratégicas em andamento para a aquisição do KC-390 pela Força Aérea Americana. A companhia já tem linha de montagem nos EUA, especificamente em Melbourne, na Flórida, de onde saem jatos executivos das famílias Phenom e Praetor. No entanto, jatos comerciais e os principais centros de engenharia continuam concentrados no Brasil.

A carteira de pedidos da companhia, no segundo trimestre, alcançou o patamar histórico de US\$ 34,5 bilhões (R\$ 175 bilhões), o sétimo crescimento trimestral consecutivo. A Embraer ficou isenta do tarifaço de 25% im-



KC-390. Aviação para defesa é destaque na carteira de pedidos, que alcançou US\$ 34,5 bilhões no segundo trimestre

JORGE WILLIAM/ARQUIVO

Embraer avalia criar linhas de montagem na Índia e nos EUA, diz CEO

Fabricante tem carteira recorde de pedidos. Dificuldades geopolíticas favorecem a venda de aviões no setor de defesa

posto pelo governo de Donald Trump a uma série de produtos brasileiros em julho.

— A companhia está investindo em eficiência e expansão para atingir, até 2030, uma capacidade anual de 110 a 120 aviões comerciais, mais de 200 jatos executivos e mais de dez unidades do KC-390 no Brasil — disse Francisco Neto, que garantiu que a capacidade de produção não será um limitador ao crescimento futuro.

Neto citou as recentes encomendas feitas no segundo trimestre. A Azorra, empresa

americana de arrendamento e financiamento de aeronaves, encomendou 15 aviões E195-E2, mantendo o direito de compra de outras 15 unidades. Já os Emirados Árabes Unidos fizeram um pedido de dez aeronaves C-390, com opção para mais dez.

AVIAÇÃO COMERCIAL

No início de agosto, a Fuerza Aeroespacial Colombiana (FAC) assinou contrato para a aquisição de duas aeronaves multimissão KC-390 Millennium, tornando-se o 13º país a

escolher o modelo para modernizar sua frota militar.

A Embraer e o governo de Portugal já assinaram em dezembro de 2025 uma carta de interesse para potencial estabelecimento de linha de montagem final do A-29N Super Tucano em território português. As aeronaves fabricadas nessa linha deverão atender a eventuais demandas de outras nações europeias, por meio de negociações governo a governo, contribuindo para o fortalecimento da base industrial de defesa em Portugal e na Eu-

ropa. Ainda não há data para início dessa linha, que dependerá do número de encomendas de aeronaves.

Francisco Neto afirmou que, devido às questões geopolíticas globais, diversos países têm acelerado suas campanhas de compra de equipamentos de defesa. Ele ressaltou que essa situação beneficia a Embraer por possuir um “produto excelente” no segmento de transporte militar, o que permite à empresa capturar essa demanda urgente.

Na aviação comercial, o CEO da Embraer afirmou que o ambiente é favorável para os jatos da empresa. Isso porque há resiliência do setor de transporte aéreo que, mesmo com aumento nos custos das passagens, continua tendo forte demanda por viajantes, o que sustenta demanda cada vez mais alta por aeronaves. E as grandes concorrentes (como Airbus e Boeing) têm filas de espera de até uma década para aeronaves maiores.

— Esse gargalo nos competidores abre espaço para os jatos

de corpo estreito (*narrow-body*) da Embraer, cujos benefícios estão sendo mais bem compreendidos pelos clientes. A combinação de um portfólio moderno e a incapacidade de produção imediata dos concorrentes permite à empresa expandir sua presença global tanto na defesa quanto na aviação civil — explicou.

A Embraer confirmou que a expectativa é que o eVTOL (carro voador) da sua subsidiária Eve receba certificação e entre em operação comercial até o fim de 2028. O projeto já conta com três mil cartas de intenção de compra e os primeiros voos comerciais devem ocorrer simultaneamente no Brasil e nos EUA.

A Embraer registrou no segundo trimestre receita recorde de R\$ 11,3 bilhões, alta de 10,3% frente ao mesmo período do ano passado, e o melhor volume de entregas de aeronaves dos últimos 16 anos, com 65 aviões. O lucro líquido ajustado atingiu R\$ 1,1 bilhão, crescimento de 25% sobre igual período do ano passado.

Esse desempenho financeiro foi impulsionado pelo crescimento significativo nos setores de defesa e aviação executiva, além da aceleração da produção e das entregas.

No segundo trimestre, foram entregues 45 jatos de aviação executiva e 20 aeronaves na aviação comercial. No acumulado do primeiro semestre, já são 109 aviões entregues, alta de 20% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Para o fechamento de 2026, a Embraer mantém o plano de entregar entre 240 e 255 aeronaves no total.

Comando da JBS volta à família Batista, após 8 anos

Wesley Batista Filho, de 34 anos, assumirá o cargo de CEO Global a partir de janeiro. Hoje, está à frente da divisão americana

Da Bloomberg News
SÃO PAULO

A JBS, maior fornecedora de carne do mundo, voltará a ser comandada por um membro da família Batista — uma mudança estratégica para uma gigante global de alimentos cada vez mais focada nos Estados Unidos.

Wesley Batista Filho, de 34 anos, assumirá o cargo de

CEO global da empresa a partir de janeiro, depois de passar os últimos três anos à frente da divisão americana da companhia, segundo comunicado divulgado ontem aos órgãos reguladores. Ele é neto do fundador da JBS, José Batista Sobrinho, e filho do ex-principal executivo sênior, Wesley Batista.

— É uma transição natural, e estamos

dando continuidade ao legado — disse Batista Filho ontem, antes da divulgação dos resultados da JBS referentes ao segundo trimestre.



Na liderança.
Wesley Batista Filho vai assumir em janeiro

A mudança coloca novamente um membro da família Batista no comando da companhia pela primeira vez em cerca de oito anos. A família ganhou projeção global nas últimas duas décadas, transformando seu negócio brasileiro de frigoríficos em um império que se estende dos setores de carnes e energia à mineração, finanças e bens de consumo.

Batista Filho substituirá Gilberto Tomazoni, que, em 2018, tornou-se o primeiro CEO da JBS a não ser da família Batista, após um escândalo de corrupção que envolveu os dois integrantes mais conhecidos da família: os irmãos Wesley e Joesley Batista.

A transição foi planejada há anos, afirmou Tomazoni, que permanecerá na companhia como vice-presidente do con-

selho. A JBS ainda não anunciou detalhes sobre a futura liderança da operação nos EUA.

Batista Filho faz parte de uma geração mais jovem que vem assumindo um papel cada vez mais relevante à medida que os Batistas ampliam seus investimentos.

Nos EUA, ele liderou a divisão durante a lenta recomposição do rebanho bovino americano que manteve a oferta de gado restrita. Agora, ele assumirá o comando de uma empresa que está em processo de expansão global, tendo fechado acordos no Oriente Médio e no Sudeste Asiático.

Na era da influência das redes, confiança é ativo fundamental

Globo Summit discute alternativas para relevância de marcas e criadores

BRUNO ROMANI
bruno.romani@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

Na era da inteligência artificial (IA) e da fragmentação da atenção, é preciso um toque humano para navegar por tanta complexidade. Ontem, o Globo Summit mostrou como intuição, espontaneidade e confiança são ativos fundamentais para que pessoas, marcas e empresas possam extrair o melhor da nova era da influência nas redes — o encontro, que reuniu jornalistas, personalidades e especialistas, foi no São Paulo Beyond Business (SP2B), festival paulistano de tecnologia, inovação e criatividade, que vai até domingo.

— A influência nunca foi tão valiosa e, ao mesmo tempo, tão desafiadora de construir. Com o Summit Globo, reunimos diferentes visões para dis-

cutir como marcas, criadores, empresas e a própria comunicação estão buscando alternativas para seguir relevantes e gerando impacto na vida das pessoas. Vivemos um momento em que produzir conteúdo ficou mais fácil, mas conquistar confiança ficou mais difícil — afirmou Manzar Feres, diretora geral de Negócios da Globo.

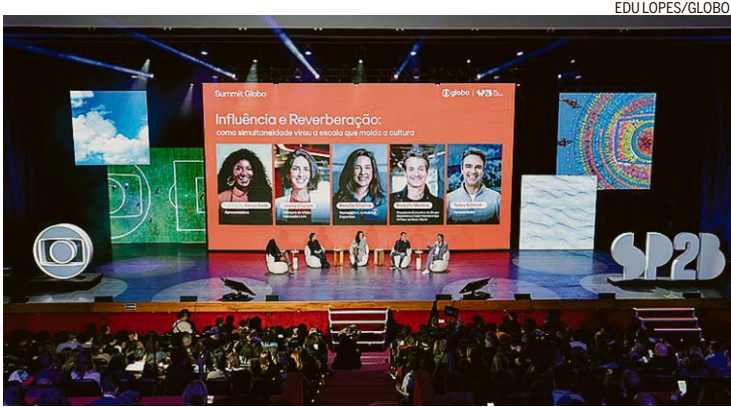
DRAUZIO CRITICA META

A abertura ficou por conta do apresentador William Bonner, que fez uma reflexão sobre a influência como dever ético. Ele argumentou que a influência real atravessa uma crise de identidade, sendo frequentemente confundida com o “barulho” das redes digitais e métricas superficiais de engajamento. Para Bonner, a verdadeira influência não se pauta pela captura da atenção

a qualquer custo ou pela manipulação intencional que fragiliza a verdade. Concluiu dizendo que todo poder de fala carrega dever ético proporcional.

O tema se estendeu ao painel que contou com o médico Drauzio Varella, Marie Santini, fundadora e diretora do Netlab (Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais da UFRJ), e Pamela Vaiano, diretora de Comunicação do Itaú, com mediação da apresentadora Poliana Abrita. Marie Santini explicou que a confiança está sendo “instrumentalizada”, com criminosos altamente organizados pirateando a imagem de autoridades e marcas respeitadas para validar golpes.

Durante o painel, Drauzio descreveu sua experiência ao lidar com os vídeos falsos com sua imagem que povoam as plataformas da Meta.



EDULOPES/GLOBO

Foco. Debate mostra que papel da influência vai muito além da captura de atenção

— Minha experiência pessoal de lidar com essa gente é muito decepcionante. Quando começaram a aparecer as primeiras propagandas de falsos remédios, a primeira coisa que você faz é tentar entrar em contato com a plataforma. Primeiro, não se dignaram a responder. Estou falando especificamente da Meta, que é uma empresa imoral — disse.

O GLOBO procurou a Meta, que se posicionou por nota. “Não permitimos atividades fraudulentas e removemos anúncios enganosos assim que identificados. Estamos sempre intensificando nossos esforços utilizando tecnologia de reconhecimento facial e detecção, aplicando políticas rigorosas e oferecen-

do ferramentas de segurança e alertas. Além do trabalho de identificação e remoção, iniciamos ações judiciais contra anunciantes fraudulentos que usam imagens de figuras públicas indevidamente”, diz.

Um estudo do NetLab analisou anúncios e descobriu que 76% da publicidade sobre saúde era desinformação, golpe ou fraude. Desse total, 21% usavam indevidamente a imagem de Drauzio.

Os debatedores afirmaram que o problema é sistêmico e não pode ser resolvido apenas educando o usuário. Para a retomada da confiança, propõem uma estratégia que envolve regulação estatal, responsabilidade corporativa e o fortalecimento do jornalismo

profissional como “ponte segura” para a sociedade.

No painel que discutiu a brasilidade na era da influência, Felipe Nunes, sócio-fundador da Quaest, disse que, ao realizar pesquisas, as mídias não explicam mais o Brasil:

— O Brasil é explicado pela variância. E se tem uma coisa que conecta o Brasil é a variância, é ser capaz de colocar diferentes características.

No último painel, Silvio Meira, cientista e professor, enfatizou que, para liderar e influenciar no novo cenário, é imperativo o ato de pensar. Já Elisama Santos, psicanalista e escritora, afirmou que a influência eficaz no futuro depende de encontros que a máquina não pode mimetizar: o toque, o brilho no olhar, o tom de voz embargado e o acolhimento. Os dois propõem mais humanidade na nova era tecnológica. É o que pensa também Manzar Feres:

— A gente entende a tecnologia como um meio e não como um fim em si mesma. Ela transforma o modo de consumir, não a natureza do que gera valor, que continua sendo a criatividade, a curadoria e o talento das pessoas.



EMERGÊNCIA NACIONAL

Terremoto deixa mais de cem mortos e impõe primeiro teste ao novo governo da Colômbia

CHOCÓ, COLÔMBIA

Em seu primeiro grande teste, três dias após assumir a Presidência da Colômbia, Abelardo de la Espriella declarou ontem estado de desastre nacional no país, horas depois de um terremoto de magnitude 7,4 provocar estragos e a morte de mais de 130 pessoas no país —o número de vítimas deve aumentar à medida que as equipes de resgate chegam às áreas atingidas. Diversos governos da região prestaram solidariedade ao país, e os Estados Unidos anunciaram um auxílio de US\$ 15,5 milhões (R\$ 79,17 milhões).

— Este é um governo que responde, que está comprometido com a população, que jamais deixará seus cidadãos desamparados. Hoje, todos os colombianos, independentemente de diferenças ideológicas, devem se unir em torno de uma única causa: as vítimas deste desastre natural — disse o presidente, que viajou a Chocó, região onde foi registrado o epicentro do tremor, acompanhado por membros de seu Gabinete.

TOQUE DE RECOLHER

Até o fechamento desta edição, foram contabilizados 132 mortos e 570 pessoas feridas, segundo um balanço parcial da Associação Colombiana de Capitais. O número de residências afetadas de alguma forma supera os 1,5 mil, e 61 edifícios desabaram.

De acordo com o Serviço Geológico dos Estados Unidos, o epicentro do terremoto foi a 5 km de San José del Palmar, a 110,3 km de profundidade. A governadora do departamento de Chocó, onde fica a cidade, Nubia Carolina Córdoba, relatou que há estragos de grande porte e diversas vítimas.

— Não há eletricidade, nem wi-fi, nem água. Há muitos prédios destruídos, com rachaduras. Outros desabaram completamente. Foi impressionante — disse o dentista Julián Peña em Quibdó, capital de Chocó.

O prefeito de Cali, Alejandro Éder, outra cidade bastante afetada, anunciou novas medidas de segurança para a capital do Valle del Cauca. Das 20h de ontem (horário local, 22h em Brasília) às 6h de hoje (8h em Brasília), a cidade estará sob toque de recolher. Éder também anunciou o envio de militares para diversas áreas da cidade, onde as operações de resgate e assistência continuavam em andamento. Pelo menos 30 edifícios desabaram na cidade, onde mais de 30 pessoas morreram e centenas ficaram feridas.

— O primeiro andar inteiro desabou. As lojas estão em péssimo estado, algumas paredes caíram no estacionamento e destruíram vários carros — disse à AFP Diego Morales, morador de um prédio que desabou em Cali.

A prefeitura de Manizales



JAIME SALLDARRIAGA/AFP



JOAQUÍN SARMIENTO/AFP



JAIME SALLDARRIAGA/AFP

Corrida contra o tempo. Civis e socorristas buscam sobreviventes em meio a escombros de prédios desabados em Pereira (acima e ao lado) e em Cali (foto à esquerda)

suspendeu as aulas em escolas e universidades e anunciou a abertura de um centro de acolhimento para os desabrigados.

— Há muitos prédios com danos estruturais ou nas fachadas. No momento, o trânsito está parado; as pessoas não querem voltar para casa por medo de um tremor secundário — disse Jaime Zuluaga à AFP, um administrador de 50 anos.

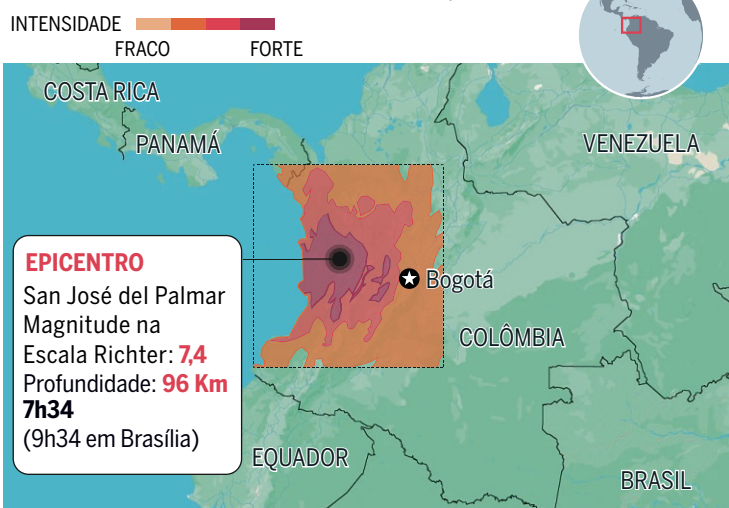
Em Pereira, onde há 47 vítimas confirmadas na região metropolitana, as autoridades afirmaram que ainda avaliam a escala da destruição, mas adiantaram que várias instalações médicas foram inutilizadas.

A autoridade aeroportuária colombiana, a Aerocivil, confirmou que as operações chegaram a ser suspensas em sete aeroportos — Cali, Pereira, Manizales, Quibdó, Armênia, Cartago e Buenaventura — mas que as atividades estão sendo retomadas gradualmente. A entidade que organiza os campeonatos profissionais de futebol do país, anunciou o adiamento de partidas previstas para ontem.

O governo da capital, Bo-

Terremoto mortal atinge a Colômbia

Balanco inicial das autoridades menciona mortos, feridos e danos materiais em ao menos 21 municípios



gotá, anunciou que vai enviar ajuda às áreas afetadas.

— Mobilizamos equipamentos para a remoção de escombros. Estas são as horas mais críticas para salvar vidas — disse o prefeito Carlos Fernando Galán. — Vimos imagens muito dramáticas e comoventes dessas cidades; por isso, todos precisamos oferecer nosso apoio.

Uma das mais conhecidas celebridades colombianas, a cantora Shakira disse em suas redes sociais que “meu coração está com todos os que hoje sentiram esse ter-

remoto e com as famílias que estão passando por momentos de angústia”.

Na vizinha Venezuela, o abalo foi sentido em Táchira e Zulia, mas sem relatos de estragos. Em junho, dois terremotos de magnitude acima de 7 devastaram áreas próximas à costa do país, deixando mais de 6,3 mil mortos (com outros milhares ainda desaparecidos) e dezenas de milhares de feridos. Equador e Panamá, outros países vizinhos, relataram ter sentido os abalos, mas sem causar danos.

A explicação para a alta fre-

quência de terremotos na Colômbia está, principalmente, na posição geográfica do país, localizado em uma região onde três placas tectônicas (Sul-Americana, Nazca e Caribe) se encontram. Segundo especialistas ouvidos pelo jornal espanhol El País, a combinação entre a movimentação das placas, a presença de falhas geológicas e a proximidade de parte do território com o Cinturão de Fogo do Pacífico faz com que terremotos sejam uma ameaça permanente.

AJUDA INTERNACIONAL

A presidente do México, Claudia Sheinbaum, disse que prestará o apoio necessário ao povo colombiano. Já o secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, afirmou, antes de anunciar a ajuda milionária, que o governo de Donald Trump “está monitorando de perto” a situação e “está pronto para apoiar o povo da Colômbia”, citando Espriella, aliado da Casa Branca.

O governo de Israel, com quem as relações com Bogotá eram hostis sob o presidente Gustavo Petro, disse que “está pronto para ajudar a Colômbia

de todas as formas necessárias”. Daniel Noboa, presidente do Equador, anunciou o envio de 47 socorristas, cães de busca e equipamentos. A União Europeia pôs à disposição seu sistema de monitoramento por satélites Copernicus, “para ajudar nas operações de busca”.

Nas redes sociais, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse que “o Brasil permanece à disposição da Colômbia para prestar o apoio necessário”.

E, ao menos por enquanto, as divisões políticas que se arrastam há anos no país foram postas em segundo plano: o Pacto Histórico, liderado pelo ex-presidente Gustavo Petro, lançou uma campanha nacional de solidariedade, incluindo a abertura de postos para doações e a cessão de parte dos salários dos congressistas à Cruz Vermelha, e se colocou à disposição das autoridades nacionais e regionais.

“Rechacemos qualquer uso político dessa tragédia”, diz o comunicado da legenda. “Não é momento de mesquinhas, cálculos ou confrontos. É momento de união, solidariedade e fortaleza. A Colômbia precisa que estejamos unidos”.

ENTREVISTA

Zezé Motta / ATRIZ

Aos 82 anos, referência da TV e do cinema conta como mantém corpo ativo com exercícios na praia e alimentação regrada e fala da relação de 20 anos com homem mais jovem: ‘Enquanto há vida, há prazer’

EDUARDO F. FILHO
eduardo.filho@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

Aos 82 anos, a atriz Zezé Motta está no ar na novela das seis, “A nobreza do Amor”. Está gravando filmes, comemorando 60 anos de carreira e praticando atividade física como nunca.

A artista costuma fazer seus exercícios ao menos três vezes na semana, com um personal, entre a academia do prédio e práticas ao ar livre na praia do Leme.

Nas redes sociais, seus vídeos de treino acumulam milhares de visualizações e comentários de seguidores que a reconhecem como inspiração para envelhecer com autonomia.

— Dos meus 6 aos 12 anos estudei em um colégio interno. Nós acordávamos, tomávamos banho frio, café da manhã e fazíamos exercícios. Depois que eu saí do colégio falava com minha mãe que eu sentia falta dessa rotina. Nunca parei — diz em entrevista ao GLOBO.

Além do exercício, Zezé conta que faz análise ao menos uma vez na semana, mantém alimentação saudável diária e vida sexual ativa. Ela namora, entre idas e vindas, há mais de 20 anos, um homem 24 anos mais novo.

Confira a entrevista:

Você sempre foi adepta do exercício físico?
Dos meus 6 aos 12 anos estudei em um colégio interno. Nós acordávamos, tomávamos banho frio, café da manhã e fazíamos exercícios. Depois que eu saí do colégio falava com minha mãe que eu sentia falta dessa rotina. Nunca parei. Claro que, agora, com 82 anos, às vezes por preguiça ou por falta de tempo, dou uma relaxadinha, mas costume não ter preguiça. Tenho muita disciplina e levo muito a sério os exercícios. Nas viagens, a gente até procura um hotel com academia para pelo menos fazer uma caminhada ou corrida na esteira. O exercício físico faz bem para o corpo, para a mente e para a alma.

Como é sua rotina física?
Meu personal trainer, Marcelo, costuma me passar um treino funcional. São movimentos naturais do meu corpo: puxo elásticos, corro entre obstáculos, faço agachamentos, uso bolas. Às vezes faço na academia do meu prédio ou na praia. Gosto muito de exercícios ao ar livre. Descobri que sou movida a desafios. Estou com o meu personal há seis anos, e, coitado, ele sempre está tendo que inventar coisas novas para não ficar monótono. Se fica muito fácil, costume ficar entediada, mas quando o exercício é difícil, vira questão de honra fazer muito bem aquela série.

O corpo sente quando você não pratica exercícios?
Se faço menos do que duas vezes por semana já não me sinto bem. Minha cabeça parece ficar mais lenta, meu corpo parece precisar de algo. É tão mágico que até aquela dorzinha muscular que a gente sente é gostosa.

Há estudos que afirmam que o exercício físico é bom para a cognição. Você acredita que sua memória melhorou?
Sem dúvida nenhuma. Eu não tenho mais a memória de 20 anos atrás, mas graças a Deus tenho sido elogiada

ao decorar os meus textos da novela (*Zezé está no ar na novela das 6*, “*A nobreza do amor*”). Agora, tenho uma mordomia à minha disposição, que é o ponto no ouvido. Quando tem muito texto, ajuda. São coisas que a gente conquista com a idade.

O que recomenda para quem quer começar a se exercitar?
O que eu posso dizer para essas pessoas é que realmente dá preguiça. Eu também sinto, mas vão, façam exercícios. Vai dar aquela dorzinha muscular, mas insista. Incomoda um pouco, mas depois que se

acostuma é uma maravilha. Adoro quando vou fazer um trabalho e as pessoas correm para segurar minhas mãos, me ajudar a levantar, perguntam se eu consigo andar sozinha ou se consigo subir escadas. E eu falo: “gente, eu malho. Tiro de letra. Subo e desço. Tenho um personal”. Sei que daqui uns anos é possível que eu não consiga fazer tudo isso e está tudo bem.

E você também está namorando, certo?
Eu adoro falar isso em entrevistas. Não é por vaidade ou para me mostrar, mas para in-

centivar outras pessoas como eu e falar que apesar de já sermos idosos, podemos aproveitar a vida. E ele não tem a minha idade não, viu? Tem 58 anos. Não que eu ache que tenha que namorar novinhos, mas aconteceu e lá se vão 20 anos, entre idas e vindas. Tivemos outras histórias, mas concluímos que tínhamos que ficar juntos. Com certeza é o amor da minha vida. Enquanto há vida, há prazer. Tem que buscar o prazer e ser feliz.

E ainda há prazer?
Muito. Quando era jovem, recebi o título de símbolo se-

xual por conta do meu papel em “Xica da Silva” e me sentia no dever de dar mais prazer. Precisava ser uma Mulher Maravilha na cama. Mas, agora, com 82 anos, eu não sinto mais como se eu tivesse esse compromisso. Eu tenho prazer porque tenho mesmo, por minha causa e não porque me colocaram lá.

Como você cuida da saúde de maneira geral?
Faço análise pelo menos uma vez na semana. Mudei meus hábitos alimentares de um tempo para cá. Fui criada jantando, mas hoje não janto. À noite como no máximo uma sopa, um caldo, ou uma fruta e uma salada. Desde que fiz essa mudança, durmo melhor.

E nas demais refeições, você faz alguma restrição ou dieta?
Começo meu dia com um bom café da manhã, mas tenho uma mania de só comer frutas em forma de vitamina. Minha nutricionista, aliás, está querendo cortar minhas vitaminas porque eu misturo: banana, maçã, mamão e acaba aumentando a concentração de açúcar. No almoço, como frango, peixe, camarão, bacalhau. Não gosto muito de arroz, dei para implicar. Mas em compensação, amo macarrão. Também não faço questão de doces, até porque sou diabética. Agora, não resisto a um vinhozinho ou um champanhe. E, no verão, uma cervejinha.

Em suas redes sociais é comum comentarem que você a não aparenta a idade que tem. Esse elogio cai bem?
Fico muito orgulhosa, mas também na hora que as rugas quiserem aparecer, vou achar bacana. As rugas têm o seu charme, elas contam sua história, a vivência. Acredito que, no meu caso, tem a ver com o fato de eu ser bisneta de indígena. Não tenho pelos pelo meu corpo, nunca precisei raspar minhas pernas. Mas eu também gosto de cuidar da minha pele. A hidrato todos os dias e pelo menos uma vez por mês faço uma limpeza de pele. Não passo protetor solar todos os dias, sei que é necessário, mas só passo quando saio de casa.

Você já fez algum procedimento estético?
Eu tinha umas bolsas debaixo dos olhos, e uma pele em cima deles que chegou a um ponto que não me permitia mais enxergar. Minha médica achou melhor tirar essa pele em excesso na região. E, nesse dia, aproveitei a anestesia e dei uma esticada na pele do rosto. Mas foi algo simples e natural. Ninguém percebeu.

Hoje com 82 anos, como você enxerga a velhice?
Como algo natural. Eu li uma entrevista da Rita Lee um tempo atrás dizendo que a velhice é um privilégio e acredito que é isso mesmo, a longevidade é um privilégio. É sinal de que estamos vivos.



Rotina ativa. Zezé pratica exercícios funcionais na praia do Leme, sempre com a orientação do personal trainer, para não cair na monotonia

CFM punirá quem receitar ‘canetas do Paraguai’

Segundo conselho, profissionais podem ter consequências administrativas e até penais ao prescrever remédios sem aval

O Conselho Federal de Medicina (CFM) emitiu um alerta, no início do mês, sobre a prescrição de medicamentos à base de tirzepatida, princípio ativo do Mounjaro, que não tenham registro sanitário no país, ou seja, que não foram aprovados pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Segundo o Conselho, esses profissionais podem ser alvo de punição administrativa e, inclusive, terem o caso comunicado a outros órgãos competentes para avaliar possíveis infrações civis ou penais. O único medicamento à base de tirzepatida que tem o aval da Anvisa no Brasil é o Mounjaro. A farmacêutica responsável, a Eli Lilly, detém a patente da molécula até 2036, o que impede a co-

mercialização de alternativas por outros laboratórios até que a licença expire. Ainda assim, produtos ilegais têm circulado no país, como as “canetas do Paraguai”, formulações que entram clandestinamente no Brasil pelo país vizinho. Em nota, o CFM diz que há uma “impossibilidade ética e legal de utilização, prescrição, indicação, aplicação ou intermediação de acesso a medicamentos à base de tirzepatida que não possuam registro sanitário válido junto à Anvisa, bem como cuja origem, importação e comercialização não atendam à legislação sanitária brasileira”. O Conselho destaca que é proibido que o médico utilize a consulta e a prescrição médica “como instrumento



Fluxo ilegal. Produtos com a tirzepatida, substância do Mounjaro, têm circulado no país depois de importados clandestinamente pela fronteira com o Paraguai

para viabilizar a obtenção de medicamentos provenientes do exterior sem autorização legal para ingresso e circulação no território nacional”, lembrando que esses produtos não seguem as exigências sanitárias das autoridades brasileiras que garantem a sua segurança e eficácia. O CFM acrescenta que também não é permitida a prescrição, indicação ou aplicação de formulações manipuladas de tirzepatida “quando realizadas em desacordo com a legislação sanitária vigente no Brasil ou utilizando insumos sem procedência

regular e autorização dos órgãos competentes”. **RISCOS GRAVES** A autarquia afirma que essas práticas expõem os pacientes a riscos potencialmente graves e comprometem a segurança do tratamento. Além disso, reforça a orientação para que os profissionais utilizem exclusivamente medicamentos regularmente autorizados no país, seguindo as normativas da Anvisa e das demais autoridades competentes. “O CFM alerta alerta que o médico que, no exercício

profissional, prescrever, indicar, aplicar ou facilitar o acesso a medicamentos obtidos em desconformidade com a legislação sanitária será submetido à apuração em procedimento ético-profissional, sem prejuízo da comunicação aos demais órgãos competentes para apuração das responsabilidades administrativas, civis e penais cabíveis”, complementa. Isso porque o Código de Ética Médica proíbe a indicação de tratamentos que não sejam autorizados pela legislação vigente. Ao cometer uma infração, o pro-

fissional é submetido ao procedimento ético-profissional, que realiza o julgamento daquele médico. Segundo o CFM, as penalidades podem variar de acordo com a gravidade do caso e os riscos envolvidos ao paciente, entre elas: advertência confidencial em aviso reservado; censura confidencial em aviso reservado; censura pública em publicação oficial; suspensão do exercício profissional por até 30 (trinta) dias; cassação do exercício profissional, ad referendum, pelo Conselho Federal.

Dormir entre 7 e 8 horas por noite vale também para idosos

Segundo a ciência, suposta necessidade menor de sono nessa fase é mito

KATHERINE SHIRLEY BRAVO
Do El Tiempo

Dormir o suficiente é um dos pilares da boa saúde em qualquer idade, mas torna-se ainda mais importante após os 60 anos. Embora seja comum pensar que os idosos precisam de menos horas de sono, especialistas apontam que dormir a quantidade recomendada pode ajudar a proteger a memória, promover a função cerebral e melhorar o bem-estar de forma geral. De acordo com o MedlinePlus, os padrões de sono mudam naturalmente com a idade. Nessa fase, é co-

mum que o sono se torne mais leve, que as pessoas acordem mais vezes ao longo da noite e que tendam a levantar mais cedo. Nesse sentido, a recomendação para a maioria dos adultos, incluindo aqueles com mais de 60 anos, é dormir entre sete e oito horas por noite. Além disso, tão importante quanto a quantidade é que o descanso seja contínuo e reparador para que consiga promover a saúde física e mental. À medida que envelhecemos, nossos corpos passam por mudanças que também afetam o sono. É comum que os idosos passem menos

tempo em sono profundo, tenham um ciclo mais fragmentado, com despertares mais frequentes. Embora essas variações sejam normais, elas não significam que o corpo precise de menos descanso nessa etapa. Embora algumas alterações no sono sejam normais com o envelhecimento, é importante consultar um profissional de saúde se as dificuldades para dormir forem frequentes, se houver sonolência diurna ou se os despertares noturnos se tornarem constantes. Portanto, os especialistas concordam que, além de dormir a quantidade reco-



PEXELS

Superficial. Dormir de forma profunda fica mais difícil com passar dos anos

mendada de horas, é aconselhável adotar hábitos que promovam um sono de qualidade. Essas medidas podem ajudar a adormecer mais facilmente e reduzir os despertares noturnos. Entre os hábitos que promovem um sono reparador, estão: manter horários regulares para dormir e acordar, inclusive nos fins de semana;

evitar o consumo de cafeína, álcool ou refeições pesadas antes de dormir; reduzir o uso de celulares, tablets e outros dispositivos eletrônicos nas horas que antecedem o horário de dormir; pratique atividade física com frequência, de preferência durante o dia; deixar o quarto silencioso, escuro e com uma temperatura confortável.

Consulte um profissional de saúde caso os problemas de sono persistam ou interfiram de forma relevante na sua vida cotidiana. Por fim, cuidar do sono não só ajuda a recuperar as energias, como também contribui para o bom funcionamento do organismo e ajuda a manter uma boa qualidade de vida à medida que envelhecemos.

Dificuldades financeiras contínuas mudam o cérebro

Pesquisadores analisaram como a renda e o endividamento afetam o volume do órgão e testes cognitivos ao longo de décadas

JACQUES WELS*
Do The Conversation

Preocupações com dinheiro podem nos tirar o sono, mas será que décadas de estresse financeiro poderiam deixar uma marca duradoura no próprio cérebro? Essa é a pergunta que meus colegas e eu buscamos responder em um novo estudo — e a resposta, ao que tudo indica, é sim. A maioria das pesquisas sobre dinheiro e saúde cerebral analisa a situação financeira das pessoas em um único momento. Isso dificulta saber se alguns anos difíceis têm o mesmo efeito

que décadas de dificuldades persistentes. Para o nosso estudo, publicado na revista Innovation in Aging, acompanhamos as mesmas pessoas ao longo de suas vidas adultas para descobrir isso. Utilizamos dados do MRC National Survey of Health and Development, estudo de coorte de nascimentos britânico de 1946. Um estudo de coorte acompanha, ao longo da vida, um grupo de pessoas nascidas no mesmo período. As origens do estudo remontam às preocupações econômicas da década de 1930, quando a Grande Depressão deixou muitas famílias apreensivas quanto ao

dinheiro, o que tornou o conjunto de dados ideal para revisitar essas mesmas questões décadas mais tarde. Com base nesse rico acervo de informações, examinamos a situação financeira de 2.759 participantes em diversos momentos. Os participantes informaram a renda familiar aos 26, 43 e 53 anos. Classificamos aqueles que estavam na faixa dos 20% com menor renda do grupo em pelo menos duas dessas ocasiões como tendo renda baixa persistente — o que correspondia a cerca de uma em cada seis pessoas. Separadamente, avaliamos as dificuldades financeiras

perguntando se as pessoas tinham problemas para administrar a renda ou dificuldade em pagar contas, pelo menos duas vezes entre os 36 e os 53 anos. Era cerca de uma em cada oito pessoas. Aos 53 anos, os participantes realizaram testes de memória verbal e velocidade de processamento. Um grupo menor também passou por exames de imagem cerebral entre os 69 e 71 anos, o que nos permitiu medir a atrofia cerebral (redução do volume) e a expansão ventricular — o alargamento das cavidades preenchidas por líquido dentro do cérebro, um marcador de saúde cerebral.

Constatamos que pessoas que enfrentaram mais dificuldades financeiras e tiveram baixa renda apresentaram desempenho inferior em testes cognitivos aos 53 anos. Essas associações permaneceram mesmo após levarmos em conta suas habilidades cognitivas quando crianças, nível de escolaridade e desvantagens socioeconômicas na infância. A baixa renda persistente foi associada a uma maior redução do volume cerebral em fases posteriores da vida. Ao analisarmos as mudanças na memória entre os 53 e os 69 anos, observamos que aqueles que enfrentaram difi-

culdades persistentes apresentaram, na verdade, um declínio mais lento nesse período. Acreditamos que isso ocorra porque eles já haviam sofrido maior perda cognitiva aos 53 anos — ou seja, partiram de um patamar mais baixo. Também verificamos que a associação entre adversidade financeira e redução do volume cerebral foi mais acentuada em homens, em pessoas que cresceram em lares desfavorecidos e em portadores de um gene que aumenta o risco de desenvolver a doença de Alzheimer. **Jacques Wels é pesquisador da Unidade de Saúde e Envelhecimento ao Longo da Vida, University College London (UCL), na Inglaterra.* **Este artigo foi republicado de The Conversation sob licença Creative Commons*



RECEITA DE MÉDICO



José Luiz Egydio Setúbal
Pediatra, filantropo, presidente da fundação mantenedora do Hospital Infantil Sabará e membro da Academia Brasileira de Pediatria



A educação que praticamos

Um dos paradoxos mais nocivo que presenciemos, com frequência, é que adultos que sofreram maus tratos quando crianças, tendem a impor o mesmo tratamento a seus filhos. Parece incongruente, mas o fenômeno se dá simplesmente porque, quando somos crianças, nossos pais são o único modelo que temos. A forma como eles se comportam é, para nós, o padrão do que é correto e deve ser feito. Não conseguimos avaliar se estão

agindo bem e não temos condições de entender a realidade complexa que vivem. Quando chega nossa vez de educar as crianças, instintivamente repetimos aquilo que foi feito conosco. Romper esse ciclo não é fácil porque implica desconstruir uma lógica profundamente arraigada em nossas mentes. Mas processos de conscientização têm o poder de modificar a cultura, e a última edição da pesquisa “Atitudes e percepções sobre a infância e violência contra crianças e adolescentes no Brasil”, realizada pelo Infnis-Quaest, mostra que estamos avançando nesse sentido. O estudo criou índices (que variam de 0 a 10) para avaliar quantos adultos haviam experimentado algum tipo de atitude violenta por parte dos pais, quantos tinham adotado atitude violenta em relação a crianças e quantos consideram aceitáveis essas atitudes violentas. O índice dos que sofreram violência ficou em 5,7 e a notícia interessante é que o índice dos que praticaram atitudes violentas contra crianças foi bem menor, ficando em 3,3. Isso quer dizer que uma parcela significativa de pais deixou de reproduzir a educação

violenta que recebeu. E o melhor é que o índice dos que declaram ser aceitável atuar com violência contra crianças atingiu 3,1, ou seja, é ainda menor do que os que a praticam, apontando que o caminho deve ser continuar restringindo a violência. Outro dado relevante reforça essa mudança cultural. A pesquisa mostra que a ampla maioria da população brasileira reconhece que diferentes formas de violência deixam marcas profundas no desenvolvimento infantil. Esse entendimento é importante porque revela que a sociedade vem ampliando sua compreensão sobre o impacto dos maus-tratos, que não se limita às agressões físicas, mas inclui humilhações, ameaças, gritos e outras formas de violência que, muitas vezes, foram naturalizadas por diversas gerações. É fundamental lembrar que não adotar atitudes violentas não implica, de modo algum, em não educar. A mesma pesquisa mostrou que 98% dos brasileiros consul-

tados acreditam que é preciso cobrar disciplina e obediência da criança para que ela aprenda bons valores e 73% consideram que crianças criadas com muita liberdade se tornam adultos irresponsáveis. Portanto, o que está em discussão não é se devem ser impostos limites às crianças, mas quais os métodos a serem aplicados para isso. Como aponta a própria pesquisa, limites, por meio do diálogo e afeto, são fatores protetivos que se leva para a vida toda. Neste ano, a Lei da Palmada, como ficou conhecida a Lei Menino Bernardo nº 13.010/2014, completa 12 anos. Ela alterou o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) para proibir o uso de castigos físicos, tratamentos cruéis ou degradantes como formas de correção, disciplina ou educação de crianças e adolescentes. A mudança representou um marco ao reconhecer que a violência não pode ser considerada um instrumento educativo e reforçou o direito de crianças e adolescentes. Apesar do muito que ainda é preciso avançar para garantir uma infância segura e acolhedora, estamos no caminho certo. Proteger uma criança hoje é romper o ciclo de violência intergeracional.

O que jovens podem comer entre escola e treino

Nem sempre dá tempo de fazer uma refeição completa, mas adolescentes têm muita fome e precisam estar bem nutridos antes e depois da prática esportiva, por isso os lanches são parte essencial do dia a dia deles

EDUARDO F. FILHO
eduardo.filho@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

Sim, os adolescentes realmente comem mais. Não é algo anormal quando seu filho faz uma “montanha” de comida. E, definitivamente, não é exagero ou gula, mas uma necessidade biológica. A adolescência é o período de maior crescimento físico da vida depois da primeira infância, o corpo gasta muita energia para construir novos tecidos, e para que isso ocorra de forma saudável é necessário nutrientes em grandes quantidades. Vamos imaginar a seguinte rotina: o adolescente acorda cedo, toma café da manhã, vai para a escola e à tarde vai treinar futebol, vôlei, tênis, basquete, natação... Ele teria tempo para almoçar entre a escola e o esporte? Ou ele teria tempo apenas de fazer um lanche? O que comer entre estes períodos de treino? E após treinar, vai conseguir jantar ou ainda falta muito tempo? —Caso ele não tenha conseguido almoçar antes da atividade, o ideal é que ele leve uma refeição, um lanche a base de carboidrato, porque ele precisa de energia rápida. Por exemplo, um pão com geleia. O cuidado é não ingerir proteína pré-exercício, porque a proteína demora um pouco mais para fazer a digestão e isso pode atrapalhar o desempenho na atividade ou no esporte — explica a nutricionista Priscila Primi. Segundo ela, as proteínas podem pesar no estômago fazendo com que o adolescente fique mais letárgico e devagar. Quando praticamos esporte, precisamos de energia rápida. Então, o ideal é fazer um lanche rico em carboidrato para que essa



Hora da fome. Antes do esporte é importante evitar comidas pesadas ou com muita proteína, que demoram para serem digeridas; frutas são boa opção

energia fique disponível para o exercício. Além do pão com geleia, a especialista cita o mel, ou até mesmo um biscoito que pode ser consumido com a geleia e o mel. Frutas também são boas opções por trazer carboidrato, vitaminas e minerais, e dá como exemplo a banana que é fácil de armazenar e levar. — Como os adolescentes comem muito, a quantidade vai depender da fome de cada um. Eles podem levar o pão com geleia ou mel, mais a fruta, ou eles podem escolher entre um e outro. Geralmente as meninas comem menos, então apenas uma dessas opções é sufici-

ente pré-treino — diz. Primi afirma que o adolescente que pratica esporte à tarde precisa se atentar aos horários. O ideal é almoçar de duas a três horas antes do esporte para ter o tempo da digestão. Nesse caso, ele pode comer arroz, feijão, salada, legumes e proteínas, como carne e frango. — Vai ter o tempo de digestão e essa proteína vai para os lugares que devem ir realmente dentro do organismo. Agora, se for um intervalo de tempo muito pequeno, por exemplo, almoço 12h e treino 13h30, o ideal é fazer uma refeição com mais carboidrato de fácil digestão. Por exemplo, macar-

rão, sem proteína. Esse almoço já serve como pré-treino — explica. **DEPOIS DO ESPORTE** Muitos adolescentes costumam levar dois lanches na marmita. Um para comer antes e outro para comer depois do treino. Isso porque, após o exercício, às vezes, até a hora do jantar ainda tem tempo. Ou até por ter fome no caminho de volta para a casa. Nesses casos, o lanche deve ser rico em proteínas. — Um sanduíche integral com recheio de proteína, por exemplo, patê de frango, atum, com salada, cenoura. Ele ainda pode levar um lanche com pasta de amen-

doim, um ovo cozido se tiver facilidade de levar ou até mesmo uma fruta. Para beber, água de coco, suco de fruta integral e iogurte natural ou até uma versão proteica, dependendo da indicação da nutricionista — explica a nutricionista do Instituto Nutrindo Ideais e especialista em Performance esportiva e Hipertrofia, Luana Melillo. A especialista ainda sugere, para quem gosta de fazer receitas em casa, um bolinho de aveia com cacau. As bebidas proteicas, além de serem fáceis de levar, são muito úteis em dias corridos, porém, devem ser avaliadas por um nutricao-

nista que considere a ingestão total de proteína do adolescente no dia a dia. — Temos uma capacidade limitada de utilização de proteína pelo músculo e pelos tecidos. Uma vez que a gente forneceu esse limite, o que é excesso vira gordura e, como o tempo, pode sobrecarregar a função renal. Então, a avaliação de usar uma bebida proteica é muito individual. Às vezes é uma garota que não come carne, ou um garoto que não gosta de tomar café da manhã e aí para chegar nessa capacidade máxima vale uma suplementação — afirma Primi. Outra bebida muito utilizada por adolescentes atletas são as bebidas isotônicas que servem para hidratar o corpo e repor energias e sais minerais perdidos na prática esportiva. Melillo afirma que também devem ser vistas como necessidade individual e que um especialista deve indicar o seu uso.

RISCOS Quando falamos em marmitas ou levar um lanche, algo que preocupa são os riscos de contaminação. Segundo as especialistas, a melhor alternativa é que essas marmitas sejam levadas em recipientes térmicos, ou que a bolsa tenha uma parte que possa colocar gelo para aumentar o tempo de validade dos produtos armazenados, como um iogurte, um pedaço de queijo, ou até mesmo patê de atum ou frango, que só será consumido no final do dia. Mesmo com o adolescente levando dois lanches e seguindo todas as dicas, é preciso considerar a dieta geral do adolescente, investindo em refeições ricas em diversos micronutrientes e macronutrientes, como o almoço e o jantar.



QUANDO UM ALUNO ENTRA NA DISPUTA, MUITA COISA ENTRA EM JOGO: AMIZADE, DISCIPLINA, ESPÍRITO DE EQUIPE.

VEM AÍ O INTERCOLEGIAL 2026. EM BREVE, INSCRIÇÕES ABERTAS.

Apresentação:  Realização: 



VOO LIVRE

Cidade tem 70 passeios de helicóptero por dia, mas falta controle rígido de normas

LUIZ ERNESTO MAGALHÃES E
ROBERTA DE SOUZA
granderio@oglobo.com.br

Atraídos pela oportunidade de admirar do alto as praias, o Cristo Redentor e o Pão de Açúcar, turistas em visita à cidade movimentam um mercado em ascensão: são realizados 70 passeios de helicóptero por dia, que levam, em média, 223 passageiros. Assim como o contratado pelas três turistas colombianas que morreram junto com o piloto na queda de uma aeronave no Parque Nacional da Tijuca, no último sábado, esses voos são autocoordenados —ou seja, não há um monitoramento permanente para verificar se estão sendo cumpridas as regras determinadas pelo Departamento de Controle do Espaço Aéreo (Decea), do Ministério da Aeronáutica, como altitude e distância de prédios e monumentos. Os próprios pilotos gerenciam a segurança comunicando suas posições e intenções diretamente uns aos outros via rádio.

34,5% ABAIXO DA ALTITUDE
Um levantamento feito este ano mostra que normas têm sido desrespeitadas por aviões e helicópteros que decolam do Aeroporto de Jacarepaguá, de onde saiu a aeronave que se acidentou no fim de semana. Informações do Ministério da Aeronáutica, obtidas pelo Ministério Público Federal, para instruir uma investigação sobre poluição sonora provocada pelos helicópteros no Rio, mostram que 34,5% dos voos passaram abaixo dos 500 pés de altitude (152 metros) sobre as avenidas das Américas e Embaixador Abelardo Bueno, na Barra. Esse parâmetro é estabelecido pelo Decea.

De março ao início de abril deste ano, o aeroporto registrou 3.559 pousos, sendo que pelo menos 1.228 descumpriram a altitude mínima. Desse total, 68% foram no momento do pouso. As informações são de um radar do próprio aeroporto, onde 80% do movimento é de helicópteros, não apenas daqueles que fazem voos turísticos, mas também dos que levam passageiros para as plataformas de petróleo na Bacia de Campos.

Segundo outro documento do Decea, as irregularidades são mais frequentes entre 9h e 10h. De 954 procedimentos registrados nesse horário, entre outubro de 2025 e abril deste ano, 337 (37,42% do total) não respeitaram a altura mínima



Nas alturas. Aeronave paira sobre a cidade, com o Redentor ao fundo: acidente e movimentação intensa de voos panorâmicos levantam questões sobre fiscalização

estabelecida.

—Na prática, se não ocorre um acidente, não há fiscalização. Em todo o Brasil, em geral os controladores de voo acompanham pelos radares o deslocamento dos aviões que estão em uma altitude mais elevada que os helicópteros (*que não são monitorados*). E o relevo montanhoso do Rio dificulta um acompanhamento contínuo dessas aeronaves — explicou um controlador de voo que pediu para não ser identificado.

O perito aeronáutico Daniel Kalazans observou que, uma vez que os voos são auto-coordenados, é difícil reunir provas apenas por uma inspeção visual se as aeronaves seguem as regras de segurança:

— Geralmente, as investigações ocorrem a partir de denúncias de outros pilotos — observou Kalazans.

De acordo com a Associação dos Operadores Turísticos de Helicópteros do Rio de Janeiro (Aotherj), foram registrados 31.759 voos panorâmicos na cidade do Rio entre outubro de 2024 e dezembro de 2025. O mês de fevereiro concentrou a maior quantidade. Os dados de 2026 ainda não estão disponíveis. Este ano, ocorreram quatro acidentes com helicóptero na capital, com 13 mortos.

Procurada, a Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) não respondeu se, em razão da queda de sábado, pode mudar rotas ou proibir, por exemplo, que as aeronaves se aproximem de algum ponto turístico, como o Pão de Açúcar e o Cristo Redentor. Hoje existe um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), firmado entre o MPF e 14 empresas de turismo aéreo, para regular os voos panorâmicos na Zona Sul devido ao barulho das aeronaves: são proibidas, por exemplo, manobras paradas perto do Cristo Redentor e é exigido o afastamento de 600 metros da estátua a uma altitude mínima de dois mil pés.

A Anac também não informou como fará a fiscalização desses voos em conjunto com o governo municipal, como sugeriu o prefeito Eduardo Cavaliere. Procurada, a pre-

feitura não se manifestou.

O Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos (Cenipa) ainda investiga as causas da queda da aeronave no Parque Nacional da Tijuca. O caso também será apurado pela 19ª DP (Tijuca), que deve ouvir nos próximos dias os representantes da empresa Voos Rio Panorâmico. O helicóptero Robinson R44 (matrícula PP-MFS) estava com a documentação regularizada, com certificado de aeronavegabilidade válido até junho de 2027 e com autorização para realizar passeios turísticos.

COMO ESCOLHER UM VOO
O interessado em contratar um voo deve verificar se a empresa tem o Certificado de Operador Aéreo (COA) e as Especificações Operativas (EO), nas quais constam as autorizações para cada tipo de serviço. As informações podem ser consultadas no site da Anac (aeronaves.anac.gov.br/aeronaves/). Com a matrícula da aeronave (são cinco letras) é possível saber inclusive se a licença está em dia e os históricos de acidentes. Se a aeronave for classificada em “situação normal”, significa que ela está sem restrições.

Outro detalhe é que todos os helicópteros que prestam esse serviço devem exibir na fuselagem a expressão “voo panorâmico”. Além disso, antes do embarque a empresa contratada deve fazer para o passageiro uma apresentação de regras de segurança. A exposição inclui orientações sobre como colocar e ajustar o cinto de segurança, os procedimentos de embarque e desembarque, onde guardar objetos pessoais e como proceder em situações de emergência.

O preço de passeio pelo Rio pode variar de R\$ 640 por pessoa, em um voo de dez minutos, a R\$ 3.710, por uma hora.

Família de colombianas cobra agilidade na liberação de corpos

Reconhecimento depende de exames de arcada dentária ou de DNA

AMANDA ROSA* E BRUNA MARTINS
granderio@oglobo.com.br

Parentes das três colombianas mortas no acidente de helicóptero na Vista Chinesa, no último sábado, cobram agilidade do Instituto Médico-Legal (IML) na identificação e liberação dos corpos. Na aeronave estavam Rocio Cubillos, de 59 anos, a filha, Wendy Manrique, de 37, e a neta, Sofia Murillo, de 17. Além das três, o piloto Alessandro Rocha, de 51 anos, também morreu na queda.

— Nós já tivemos uma tragédia, que é perder nossos familiares, e agora temos que

viver uma segunda tragédia que é esperar aqui uma, duas, três semanas por uma identificação que, por lógica, já poderia ter sido feita — afirmou Victor Manrique, filho de Rocio e irmão de Wendy.

Como as três foram carbonizadas no incêndio após a queda do helicóptero, a identificação exige procedimentos mais complexos, segundo a Polícia Civil. Estão sendo realizados exames odontológicos e antropológicos para confirmar a identidade das vítimas. Até agora, a família conseguiu fornecer apenas a documentação odontológica da jovem.

— É um tema difícil e temos que ter muita paciência. O próximo método é a comparação da arcada dentária, mas, infelizmente, não temos os registros odontológicos das três — disse Victor.

ENTERRO DE PILOTO
Caso seja necessário recorrer a exames de DNA, o procedimento pode ser mais demorado porque duas das vítimas, Rocio e Wendy, eram mãe e filha e, portanto, compartilham parte do material genético. Diante da possibilidade de o processo se prolongar, Manrique pede às autoridades bra-



Emoção. Amigos homenageiam o piloto Alessandro Rocha durante o enterro

sileiras que a identificação seja agilizada. Ele afirma não ter dúvidas de que os três corpos ainda não liberados são os de sua mãe, sua irmã e sua sobrinha e defende que características físicas também sejam consideradas na perícia.

— Elas podem ser identificadas por sinais como cicatrizes e características físi-

cas. Pelas unhas dos pés pintadas, por exemplo, conseguimos reconhecê-las em comparação com fotos feitas no mesmo dia — afirmou.

Outra vítima do acidente, o piloto Alessandro Rocha, foi enterrado ontem no Memorial Pax, no Centro de São Gonçalo, na Região Metropolitana. Sven Rocha, de 23 anos, filho de Alessan-

dro, esforçou-se para conter as lágrimas. Ele cumpriu cada um dos presentes, trazendo, à sua maneira, um sorriso no rosto. Era ele quem consolava quem estava lá para consolá-lo. Além de Sven, Alessandro é pai de Maria Antônia, de 2 anos, e de Benício, de 3 meses, frutos de seu segundo casamento.

— Tristeza não combina com meu pai. Quem aqui amava ele? — perguntou o filho, ao final do enterro. Na mesma hora, braços começaram a ser erguidos.

Sven contou que comemorou o Dia dos Pais na quinta-feira, já que não poderia estar com Alessandro no domingo.

— O que me consola é saber que ele era um ótimo profissional, levava muito a sério o trabalho.

* Estagiária sob a supervisão de Leila Youssef

Tempo

TEMPERATURA > > 40° 37°/40° 33°/36° 29°/32° 25°/28° 20°/24° 16°/19° 12°/15° < 12°

PREVISÃO > Sol Nublado parcialm. Nublado Pancadas de chuva Chuva Chuvas e trovoadas Geada

Rio de Janeiro CAPITAL

HOJE

19° 22° MIN. MÁX.

1.10mm PRECIPITAÇÃO

11 Km/h VENTO

AMANHÃ

19° 23° MIN. MÁX.

0.00mm PRECIPITAÇÃO

7 Km/h VENTO

QUINTA

18° 27° MIN. MÁX.

0.00mm PRECIPITAÇÃO

5 Km/h VENTO

SEXTA

21° 24° MIN. MÁX.

0.00mm PRECIPITAÇÃO

8 Km/h VENTO

CAPITAIS	MIN.	MÁX.	CAPITAIS	MIN.	MÁX.
ARACAJU	25°	28°	MACEIÓ	26°	28°
BELÉM	25°	34°	MANAUS	28°	35°
BELO HORIZONTE	17°	25°	NATAL	25°	29°
BOA VISTA	25°	34°	PALMAS	22°	38°
BRASÍLIA	22°	29°	PORTO ALEGRE	10°	18°
CAMPO GRANDE	22°	32°	PORTO VELHO	25°	30°
CUIABÁ	23°	34°	RECIFE	25°	28°
CURITIBA	8°	11°	RIO BRANCO	23°	30°
FLORIANÓPOLIS	13°	17°	SALVADOR	25°	28°
FORTALEZA	27°	31°	SÃO LUÍS	27°	31°
GOIÂNIA	23°	33°	SÃO PAULO	14°	17°
JOÃO PESSOA	24°	29°	TERESINA	25°	36°
MACAPÁ	26°	33°	VITÓRIA	20°	23°

FIELDPRO

Rio Rotativo: motoristas relatam problemas

Aplicativo Jaé não concluiu o pagamento em pontos de Copacabana e Ipanema, onde o novo modelo de cobrança de estacionamento começou a ser implantado. Daqui a duas semanas, sistema chegará às orlas de São Conrado e Barra

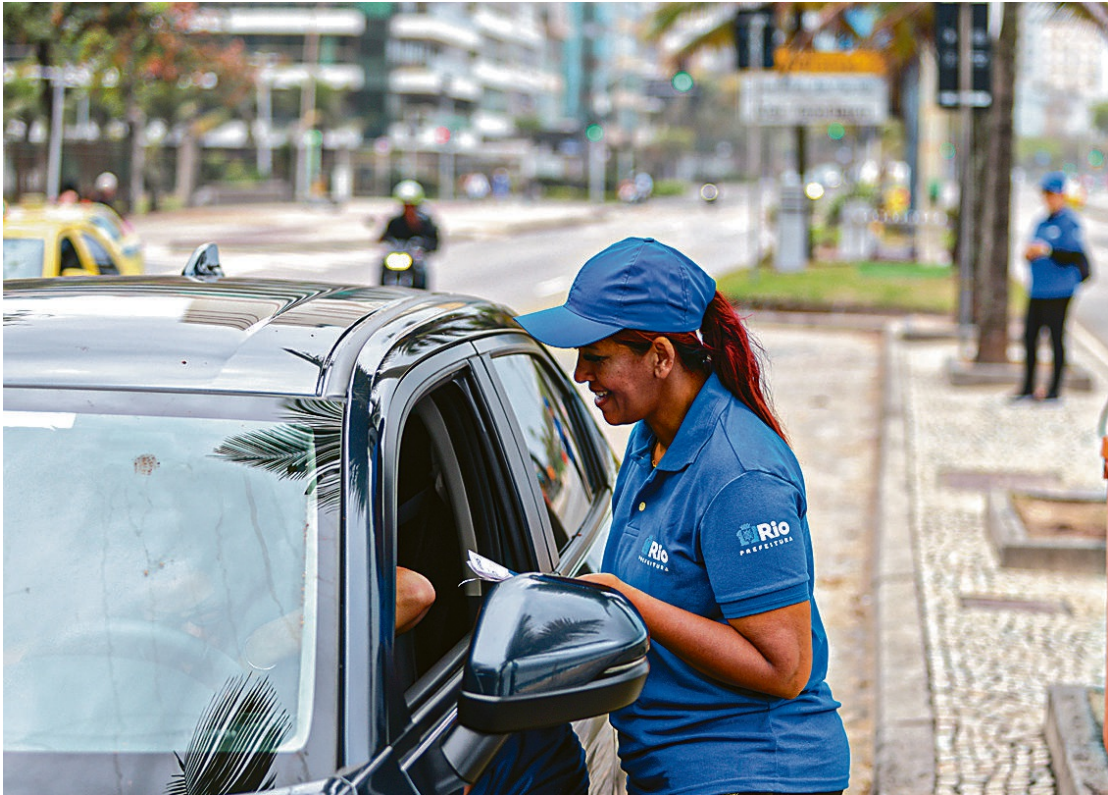
GERALDO RIBEIRO
gerald.ribeiro@extra.inf.br

No primeiro dia da segunda etapa do Rio Rotativo Digital na orla e em 33 vias internas do Leme ao Leblon, usuários enfrentaram problemas em um trecho da Avenida Atlântica, entre as ruas Djalma Ulrich e Miguel Lemos, em Copacabana, e em um ponto da Avenida Vieira Souto, no Posto 8, em Ipanema. Ao tentar pagar o estacionamento pelo aplicativo Jaé, aparecia na tela a mensagem: “Esta área ainda não faz parte do Rio Rotativo Digital”. No próximo dia 24, o novo modelo chegará às orlas de São Conrado e da Barra e na Tijuca.

— Entro no aplicativo e, quando clico em “pagar”, entra a mensagem e não consigo seguir adiante. O jeito foi pagar ao guardador. A gente ainda não entende muito bem como funciona esse novo sistema, mas acho que vai ser legal e menos complicado. Com ele, pelo menos, a gente sabe quanto vai pagar e não fica nas mãos do flanelinha, que cada hora cobra um valor diferente — disse a microempresária Maria Salete Silva Pereira.

PAGAMENTO EM DINHEIRO
A motorista acabou pagando R\$ 2 em dinheiro, pela vaga, a um guardador que, aproveitando a dificuldade dos motoristas, circulava pelo local utilizando o antigo talonário que o Rio Rotativo Digital promete aposentar. Outros carros parados no mesmo local exibiam o recibo da cobrança sobre o painel ou no para-brisa.

Henrique Duarte, de 25 anos, também não conseguiu estacionar ao enfren-



Orientação. Funcionária da prefeitura ensina o motorista a fazer, pelo novo sistema, o pagamento para ocupar a vaga

Como fazer o pagamento por aplicativo

- > Baixe o app Jaé (disponível para Android e iOS na loja de aplicativos).
- > Ao abri-lo no celular, clique em “Rio Rotativo” na tela inicial (se a opção não aparecer, é preciso atualizar o aplicativo na loja).

- > Já estacionado e com o Rio Rotativo aberto, clique em “Veículos” na parte inferior da tela e informe marca, modelo, placa e cor do veículo que ocupará a vaga.
- > Após confirmar o endereço na parte superior da tela e checar se ele confere com o local em que está parado, o motorista deve escolher o tempo de permanência (de duas a seis horas) e clicar em “pagar”.
- > O valor será debitado da sua conta Jaé. Caso nunca a tenha utilizado, é possível recarregá-la por meio de Pix ou cartão de crédito. O aporte mínimo é de R\$ 10.
- > Ao fim da operação, será exibida uma mensagem confirmando o pagamento. Também será informado o tempo a que o usuário tem direito na vaga. Dez minutos antes do término, o motorista receberá uma notificação no celular.
- > O custo é de R\$ 2 por período de duas horas. O limite de permanência é de seis horas em cada local. Atingido o tempo máximo, o motorista precisa passar ao menos uma hora fora dali.

tar a mesma dificuldade, só que na Vieira Souto. Carlos José Amorim de Menezes tentou fazer o pagamento, mas, após 20 minutos no aplicativo, desistiu e foi procurar vaga em outro lugar:

— Meu medo é tirar o carro daqui e ser multado, já que a placa já foi fotografada.

Mas a principal dificuldade enfrentada foi mesmo a

falta de familiaridade com o aplicativo Jaé, única forma de fazer o pagamento do estacionamento — o uso de dinheiro e do talão foi abolido no novo sistema. Equipes identificadas com blusa pólo e boné azuis estavam espalhadas pelas novas áreas ajudando os usuários.

O grupo trabalha em apoio à equipe de fiscaliza-

ção, identificada pelo uniforme amarelo, com a atribuição de ensinar como baixar o aplicativo do Jaé, explicar seu funcionamento e orientar sobre o tempo de permanência na vaga. Mas, onde Maria Salete, Henrique e Carlos tentaram estacionar, não havia esse apoio disponível.

Mesmo com ajuda, houve



Erro. Aplicativo não reconhece área na Avenida Atlântica onde havia placa

quem demorasse até 20 minutos para concluir todo o processo. Foi o que aconteceu com uma usuária que se identificou apenas como Ana. Ela estacionou no fim da manhã na Avenida Delfim Moreira, no Leblon, e recorreu a uma integrante da equipe de orientação para baixar o aplicativo Jaé, se cadastrar e efetuar o pagamento da vaga.

— Achei meio complicado. Perdi um tempão. Ainda bem que estou adiantada para o meu compromisso — disse.

NOVA ÁREA TEM 1,7 MIL VAGAS
Com a implantação dessa etapa, cerca de 1,7 mil vagas foram incorporadas ao projeto — que já vigora há aproximadamente 20 dias no entorno da Lagoa Rodrigo de Freitas.

O coordenador administrativo Edmilson Mendes, de 37 anos, não teve dificuldade com a tecnologia. Ele

já tinha o aplicativo baixado no celular e o veículo já estava cadastrado:

— É melhor que o sistema antigo. Tudo que é digitalizado facilita a nossa vida. Quando era o guardador que fazia o preço, o valor podia variar, conforme uma série de fatores não muito claros. Agora não: a gente sabe quanto vai pagar.

A Secretaria municipal de Transportes explicou, por meio de nota, que “eventuais problemas pontuais, como a não identificação de determinados trechos no aplicativo, estão sendo monitorados pelas equipes da prefeitura e corrigidos”. Esclareceu ainda que, nesta primeira semana, a operação tem caráter educativo, portanto os motoristas não serão autuados, e que 50 agentes estão atuando para orientar os usuários e esclarecer dúvidas sobre o funcionamento do novo sistema.

Cidade pode ter hoje o dia mais frio do ano

Marinha do Brasil soltou alerta de ressaca, com ondas de até 2,5m; Ciclovía Tim Maia foi fechada

A Marinha do Brasil emitiu um aviso de ressaca, com início previsto para as 18h de ontem, válido até a meia-noite de hoje. As ondas na orla do Rio, que podem chegar a 2,5m, levaram a prefeitura a fechar a Ciclovía Tim Maia. A semana começou com chuva de intensidade entre fraca e moderada, além de temperaturas em queda.

Para hoje, a expectativa é

que os termômetros não passem dos 21°C, segundo o ClimaTempo — no que seria o dia mais frio do ano.

A perspectiva é de chuva isolada, fraca a moderada, já na madrugada e no início da manhã, segundo o Sistema Alerta Rio, da prefeitura.

Apartir de amanhã, a temperatura volta a subir, com máxima prevista de 26°C, e de 33°C, na quinta e na sexta-feira — nesses dois últimos dias, o céu deve ficar entre parcialmente nublado e nublado, mas não há previsão de chuva.

De acordo com o Centro de Operações e Resiliência (COR), da prefeitura, até sexta-feira são esperados ventos entre fracos e moderados, de 18,5km/h a 51,9km/h, podendo aumentar à noite.

Durante o período de ressaca, devem ser evitados o banho de mar e a prática de esportes aquáticos, além da permanência em mirantes na orla ou em locais que possam ser alcançados pelas ondas. Em caso de acidentes, não tente resgatar vítimas: acione o Corpo de Bombeiros pelo telefone 193.



Tempo fechado. Para hoje, a previsão ainda é de chuva isolada, fraca a moderada, a partir da madrugada e do início da manhã

Leitores



ACERVO
Pesquise notícias antigas do GLOBO
Site contém todas as edições digitalizadas desde a primeira, em 29 de julho de 1925



PARA
ACESSAR
APONTE
O CELULAR
PARA
QR CODE

MENSAGENS

CARTAS@OGLOBO.COM.BR

As cartas, contendo telefone e endereço do autor, devem ser dirigidas à seção Leitores. O GLOBO, Rua Marquês de Pombal 25, CEP 20.230-240. Pelo fax, 2534-5535 ou pelo e-mail cartas@oglobo.com.br

Farra da sunga

Na insólita política brasileira, nada mais nos causa espanto. O senador Weverton Rocha está indignado com o vazamento da constrangedora “foto da piscina”. Querem criminalizar a política, mais do que isso, querem criminalizar a *broderagem*. Qual o problema de marmanjos reunidos para um banho de piscina, tomando umas biritas e curtindo música sertaneja? Onde está o ilícito? Alegria agora é crime? Depois da farra dos guardanapos, festa do astronauta, ficamos sabendo da farra da piscina (ou seria festa da sunga?). Esses patriotas conservadores... *rsrs*...
DIMITRI VINAGRE
RIO

Pra que isso, colega?

Na sua coluna de 10 de agosto, Carlos Alberto Sardenberg escreveu que os partidos políticos, quando acusados de corrupção, adotam a tática de que a melhor defesa é o ataque: apontam o dedo para os casos de corrupção ocorridos do outro lado. Com isso tentam transferir o foco da acusação. Sabem que, ao jogar na defensiva, há o risco de se levar bolas nas costas, e não no bolso, como ocorre com certa frequência. Com base na teoria dos jogos de soma zero, é provável chegarem à conclusão de que ninguém ganha com a guerra de acusações, pelo contrário, e partam para um armistício branco. Muitos creem que o caso Master faz parte desse armistício e de que ele irá acabar gourmetizado numa gigantesca pizza elaborada por experientes pizzaiolos da esquerda e da direita, com a suprema ajuda de ministros do STF.
JOSÉ LERER
RIO

Filhos de Gerson

A coluna de Sardenberg fala da leniência com que a população trata o envolvimento dos candidatos à Presidência com a corrupção. Ele tem razão quando se vê o resultado das pesquisas depois dos casos reportados pela mídia. Os índices pouco variam. Aventa a hipótese do cansaço e, conseqüentemente, a normalização daquela situação. Eu, infelizmente, acho que a sociedade brasileira foi modificando seu DNA ao longo dos anos e passou a adotar a Lei do Gerson (“quero levar vantagem em tudo”). Entendo a dificuldade de conter a corrupção, mas nem protestar através de uma simples resposta de pesquisa? Não é justificável.
ABY GUEZUNT
RIO

Projeto de família

Querida Miriam Leitão, o golpismo não é hereditário no clã dos Bolsonaros, é projeto de família!
LAURA EMMERICH
ALEMANHA

Aposta certa

Achei muito interessante o novo videocast “Fora da Bolha”, promovido pelo GLOBO para debater as eleições sempre às sextas feiras com bastidores e assuntos importantes. Jogada mais que certa esta. Parabéns pela criatividade e pela iniciativa.
LEANDRO SOUZA DOS SANTOS
RIO

Suicídio assistido

Tem-se a sensação, com base nos tristes resultados eleitorais das últimas décadas, que os

candidatos para o próximo pleito sabem que de pouco adianta serem bem-sucedidos nos debates e discursos, esperando que eles mostrem algo surpreendente e carreador de votos novos. Nada disso influencia o eleitor brasileiro de hoje e de há muito tempo, marcado por despreparo, falta de consciência de cidadania e alienação do seu real poder em um regime verdadeiramente democrático. Em essência, ele continua a interpretar as eleições como um torneio e se mobiliza somente para torcer pelo seu time, mesmo que ele apresente pífios resultados e desempenho. Enquanto o cidadão que vai às urnas não entender que a sua preferência não deve se dirigir incondicionalmente a quem veste determinada camisa, mas a quem apresentar o currículo mais limpo e recomendável, o Brasil continuará a votar errado, dinamizando lentamente o processo de suicídio assistido. Oxalá comece a acordar antes do óbito consentido.
PAULO ROBERTO GOTAÇ
RIO

Osso duro de roer

Por esses dias, foi divulgada a informação de que o túmulo de Emilio Garrastazu Médici foi vandalizado na necrópole de São João Batista com a inscrição: “Ditadura nunca mais”. O que me deixou chocado mesmo foi ver a grande quantidade de pessoas que ainda valorizam essa figura nefasta para toda a Humanidade e se solidarizaram com o ex-presidente. O recado é bem claro: o terror e a defesa da infâmia ainda encontram bastante corpo na sociedade brasileira. Lamentável a grande

simpatia que esse genocida ainda tem mesmo depois de apunhalar a alma do povo brasileiro.
KKEBER MONTEIRO FINS
RIO

Mexa-se, Galípolo

É inacreditável a completa omissão do Banco Central, fingindo não ver o absurdo procedimento dos três maiores bancos privados do país, que estão fechando, a nível nacional, centenas de suas agências. Tal falta de humanidade desses bancos está obrigando milhares de aposentados a apanhar condução para chegar à sua “nova agência”, em virtude de a sua agência, que era próxima do seu lar, ter sido desativada. São pessoas muito idosas, inclusive já com problemas físicos (até caideirantes!), que estão se submetendo a situações tão vexatórias! Exemplo isolado é o já anunciado fechamento da agência Estácio do Bradesco, que obrigará centenas de idosos, aposentados ou não, a terem que ir até o Largo da Segunda-Feira para faz suas operações bancárias. Dê um basta, senhor Gabriel Galípolo, nesses desumanos atos de quem lucra bilhões e bilhões de reais todos os anos!
ELZI DE BARROS CARDOSO
RIO

Velocímetro Unimed

Recentemente fiz duas solicitações no mesmo dia para a Unimed. A primeira foi um pedido de revisão do meu plano para uma opção mais compatível com meu orçamento. O prazo informado era de dez a 15 dias úteis. A resposta chegou em menos de 24 horas. “Neste momento não temos uma

proposta de retenção disponível para seu contrato”. Impressionante rapidez. A segunda solicitação foi um pedido de reembolso para despesas cirúrgicas, incluindo médico auxiliar, anestesista e instrumentadora, valores nada modestos. Para essa análise, o prazo é de 30 dias. Agora aguardo, confiante, que a mesma eficiência demonstrada na negativa da primeira solicitação seja aplicada à segunda. Fica a lição: quando o assunto é dizer “não”, a velocidade é admirável. Quando o tema é devolver dinheiro ao beneficiário, vale o cronômetro regulatório. Cadê a ANS?
CARLOS CESAR SALLES LOUREIRO
RIO

Indústria criativa

O artigo “Barretão, Cacá Diegues e a ministra”, de Miguel de Almeida (10 de agosto), apresenta uma reflexão sobre o cinema e evidencia como diferentes ciclos de governo têm tratado a economia criativa no Brasil. O texto também permite questionar a ausência de uma política de Estado de longo prazo para o setor. Nesse contexto, chama atenção o fato de o presidente Lula ter recebido recentemente o presidente da Coreia do Sul e elogiado a economia criativa daquele país, construída a partir de políticas estruturadas desde a década de 1990. O reconhecimento do modelo coreano contrasta com a dificuldade brasileira de compreender e desenvolver plenamente o potencial econômico, cultural e estratégico de sua própria economia criativa.
MARCIA ROCHA
RIO

Desobediência civil

Sou assinante do GLOBO e todos os dias leio cartas e reportagens tratando do mar de irregularidades e transgressões legais que ocorrem no Rio de Janeiro e da ausência de medidas por parte das autoridades responsáveis. Ocupação de vias públicas por camelôs e moradores de rua; trânsito de motocicletas com completo desrespeito às leis; estacionamentos em locais proibidos; produção sonora ilegal em termos de volume e no horário em que ocorre, para citar alguns exemplos. Destaca-se, ainda, ausência de providências legais por parte das autoridades responsáveis. Concorro que a situação é caótica e de difícil solução, pois sua origem está na falta de educação e no mau exemplo que pais passam para os filhos, como é o caso do trânsito de bicicletas elétricas pelas calçadas, levando o filho na garupa, e na postura de responsáveis por exigir o cumprimento da lei e não o fazem. A situação se enquadra como desobediência civil, quando a maioria da sociedade resolve não mais cumprir as leis. E, nesse caso, não há o que fazer.
GILBERTO PEREIRA
RIO

Há 100 Anos

Como assinante e adorador da coluna Há 50 Anos, sugiro que se crie a coluna Há 100 Anos, já que o jornal já tem mais de cem anos de existência. Adoraria saber como era o mundo no início do século XX. Seria demais!
LUIZ BERTOLO
RIO

APLICATIVO O GLOBO

O app oferece funções que facilitam a navegação, além de unir todo o conteúdo on-line e impresso. Baixe agora ou atualize o aplicativo disponível na **Apple Store** e no **Google Play**



Como navegar
A tela inicial destaca o conteúdo on-line que pode ser atualizado

Em Biblioteca, as matérias salvas do aplicativo ficam guardadas

Em Banca, o leitor pode baixar a edição impressa em duas versões: jornal e texto

Em Editorias, o leitor consegue acessar suas seções preferidas

Ao clicar no símbolo, o leitor pode salvar uma matéria para leitura posterior

O time de colunistas do GLOBO está reunido em um único lugar no app

NEWSLETTERS



Política, economia, cultura, saúde, diversão: escolha os temas de sua preferência e inscreva-se em oglobo.globo.com/newsletter para receber uma seleção de conteúdo em sua caixa de e-mail

EXCLUSIVAS
Só os assinantes têm acesso a “Dois Minutos – Tarde” (um resumo do noticiário mais quente do dia) e “Clube O Globo” (que destaca ofertas e benefícios)

HÁ 50 ANOS

África do Sul vai aumentar repressão a protestos 11/8/1976

Violência racial pode aumentar

África do Sul anuncia medidas de emergência

O governo da África do Sul anunciou ontem medidas de emergência para conter a violência racial que se espalha pelo país. As autoridades afirmam que há uma situação de caos em algumas áreas, com ataques a pessoas de outras etnias. O governo pede calma e promete tomar medidas firmes para garantir a segurança de todos.

Eunice e Juvêncio: primeiras emoções

Os filhos do casal Eunice e Juvêncio, que foram mortos durante a Revolução dos Cravos, chegaram ontem ao Brasil. A família recebeu os filhos com muita alegria e carinho. Eunice e Juvêncio estão se adaptando bem à vida no Brasil e já estão frequentando a escola.

Governo argentino vai devolver empresas à iniciativa privada

O governo argentino anunciou ontem que vai devolver a iniciativa privada algumas empresas que foram nacionalizadas durante a ditadura militar. A medida é considerada um passo importante para a normalização das relações econômicas entre os dois países.

Central adota sistema que impede acidentes

A Central Nuclear de Almaraz, no Estado de São Paulo, adotou um novo sistema de segurança para evitar acidentes. O sistema utiliza sensores mais precisos e procedimentos mais rigorosos para garantir a segurança da população.

Equilíbrio industrial

O Ministério da Indústria anunciou ontem medidas para promover o equilíbrio industrial no país. As medidas visam reduzir a concorrência desleal e proteger as empresas nacionais.

Cai o déficit no balanço comercial

O balanço comercial do Brasil apresentou ontem um resultado positivo, com uma redução significativa do déficit. Isso é considerado um bom sinal para a economia brasileira.

Almeida Machado: Juliano Moreira é colônia superior

O escritor Almeida Machado publicou um artigo em que defende a ideia de criar colônias para pessoas com deficiência mental. Ele argumenta que essas colônias seriam locais onde essas pessoas poderiam desenvolver suas habilidades e viver com dignidade.

EXCLUSIVO PARA ASSINANTES

Clube O GLOBO

CONSULTE CONDIÇÕES DA OFERTA NO SITE CLUBE.OGLOBO.COM.BR

Do primeiro acorde à evolução musical

A Musixe é uma escola de música online que descomplica o aprendizado de instrumentos e entende que, mais que um dom, aprender música é prática. Quem é assinante O GLOBO aproveita 25% OFF em todos os planos.



Sabores nordestinos de dar água na boca

O restaurante Dos Sertões em Icarai, Niterói, aposta na verdadeira culinária nordestina, com ingredientes típicos da região: peixes, moqueca, bobó de camarão e mais! Assinantes garantem 10% de desconto na conta.



POR MIGUEL AMMON
miguel.ammon@edglobo.com.br

LOTERIAS

LOTOMANIA (concurso 2.961): 4 . 9 . 10 . 20 . 25 . 26 . 32 . 38 . 39 . 47 . 50 . 52 . 53 . 58 . 62 . 63 . 77 . 80 . 89 . 91 . **QUINA** (concurso 7.088): 16 . 26 . 41 . 42 . 67 . **DUPLA SENA** (concurso 2.994): 1º sorteio — 5 . 17 . 22 . 36 . 38 . 50; 2º sorteio — 1 . 14 . 21 . 32 . 46 . 49 . **LOTOFÁCIL** (concurso 3.758): 1 . 3 . 4 . 5 . 8 . 9 . 11 . 12 . 13 . 14 . 17 . 18 . 20 . 24 . 25. O leitor deve checar os resultados também em agências oficiais e no site da CEF porque, com os horários de fechamento do jornal, os números aqui publicados, divulgados sempre no fim da noite pela CEF, podem eventualmente estar defasados.

Pacote de regras ‘anticera’ é aprovado e passa a valer

Em reunião na CBF, clubes validam implementação de novidades com objetivo principal de aumentar tempo de bola rolando a partir da rodada do fim de semana da Série A; ‘Lei Vini Jr.’ gera debate, mas também recebe aval

RAFAEL OLIVEIRA
rafael.oliveira@extra.inf.br

As novas regras implementadas pela Fifa na Copa do Mundo de 2026 já têm data para estrear no futebol brasileiro: na rodada deste fim de semana da Série A do Brasileiro. As mudanças foram aprovadas ontem, em reunião entre clubes e CBF na sede da entidade, no Rio de Janeiro. Elas passarão a valer também na Série B, a partir da 23ª rodada, no Brasileiro Feminino A1, a partir da 17ª rodada, e na Copa do Brasil, masculina e feminina.

Ao todo, dez mudanças foram aprovadas (veja box ao lado). Todas passam a vigorar nesta temporada, com exceção da regra sobre escanteio concedido por engano, que valerá apenas a partir de 2027.

A maioria das novas regras foi observada no Mundial e considerada bem-sucedida pela CBF. Duas são inéditas. Uma é o protocolo para atendimento médico do goleiro, criado pela IFAB (associação internacional que dita as regras do futebol), em que um jogador de linha será retirado por 1 minuto — Inglaterra e Espanha também adotarão. A outra foi sugerida pela própria CBF: a exclusividade dos capitães para questionar de-

cisões dos árbitros. Houve também a determinação mais precisa de uma regra já em vigor, que concede escanteio para o adversário caso o goleiro fique mais de 8 segundos com a bola nas mãos.

O pacote faz parte de um movimento da CBF na busca por aumentar o tempo de bola rolando nos campos do país. A entidade ligou o alerta e elegeu a “cera” como uma das maiores vilãs do futebol nacional. Um estudo conduzido pela empresa de análise de dados Opta mostrou que os jogos da Série A do Brasileiro deste ano têm média de 52m54s de bola rolando. A marca fica abaixo de todas as cinco principais ligas europeias: Alemanha, França, Inglaterra, Espanha e Itália.

—O debate é salutar, tendo em vista que temos aqui 20 cabeças diferentes na Série A, mais 20 cabeças diferentes na Série B. Mas, como um todo, a contextualização do programa, dar mais fluidez para o jogo e conseguir combater a cera, o antijogo, fortalece a tomada de decisão. No fim, os clubes entendem que essa implementação de novas regras faz parte de um programa como um todo, em que a arbitragem tem o seu papel, mas tudo isso precisa ser fortalecido pelos clubes, por meio das comissões e



LUCIANA VERMELL / CBF

dos seus atletas. Então, saímos daqui muito seguros — avaliou Netto Goés, diretor de arbitragem da CBF.

VOTOS VENCIDOS

Apenas Vitória e Grêmio defendiam a implementação das novas regras só a partir da temporada 2027, mas foram voto vencido. Presidente do Vitória, Fábio Motta revelou que a “Lei Vini Jr.”, que determina a expulsão para o jogador que cobrir a boca em discussão com adversário, foi a que provocou mais debate na reunião e teve a votação mais apertada: 26 a 14 a favor da

aprovação. As demais foram aprovadas com folga.

—A “Lei Vini Jr.” causou um pouquinho mais de polêmica, discordância. Porque você parte do princípio de que todas as vezes em que o atleta está colocando a mão na boca é para praticar um pretenso ato de racismo ou uma ação contra os princípios básicos. Entendo que não é dessa forma. Às vezes, colocar a mão na boca tem outro sentido, outra conversa que está sendo feita ali, entre o jogador e o colega, que não tem nada a ver com agressão a um jogo de futebol — argumentou o dirigente.

As regras aprovadas

- > **Cinco segundos para cobrar lateral:** reversão

> **Oito segundos com bola na mão do goleiro:** escanteio

> **Cinco segundos para cobrar tiro de meta:** escanteio

> **Dez segundos para deixar o campo em substituição:** substituto espera 1 minuto para entrar

> **Atleta que for atendido no gramado:** um minuto fora
- > **Atendimento ao goleiro:** técnico indica um jogador para ficar 1 minuto fora

> **Somente o capitão fala com o árbitro:** cartão amarelo

> **Cobrir a boca em discussão (Protocolo Vini Jr):** expulsão

> **Checagem de VAR para aplicação de 2º cartão amarelo**

> **VAR intercede em escanteio concedido por engano (2027)**

Botafogo trocou responsável por gramado no início do ano

SAF, porém, reforça confiança com revalidação de certificação da Fifa

DAVI FERREIRA
davi.ferreira@oglobo.com.br

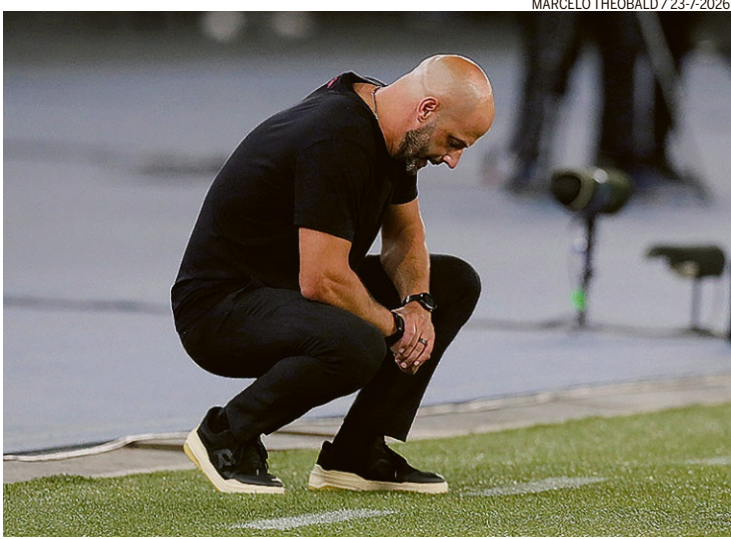
O gramado sintético do Nilton Santos tem sido alvo recente de críticas por causa de uma aparente piora em sua condição. A última delas foi do próprio técnico Franclim Carvalho, que admitiu que o piso “não tem a mesma qualidade de antes” após o empate por 1 a 1 com o Fluminense, pelo Brasileiro, jogo no qual o meia colombiano Jordan Barrera machucou sozinho

o tornozelo esquerdo.

A reportagem do GLOBO descobriu que, no início do ano, o Botafogo trocou a empresa responsável pela manutenção. A Total Grass, antiga prestadora, teve o contrato encerrado e foi substituída pela FieldCare, braço de manutenção da FieldTurf, fabricante do piso. Por outro lado, o clube renovou este ano a certificação Fifa Quality Pro até abril de 2027. Além disso, o gramado está dentro do prazo previsto para substituição.

Procurada pela reportagem, a SAF do Botafogo reconheceu a queda na qualidade do piso e admitiu que existe atenção interna a esta questão, mas reforçou a confiança na revalidação internacional. O alvinegro conseguiu a homologação em todos os anos desde que instalou o gramado, em 2023.

Até fevereiro, o clube trabalhava com a Total Grass, responsável pela instalação do gramado sintético da FieldTurf. O sistema chamado Vertex Core também é utili-



MARCELO THEOBALD / 23.7.2026

Sincero. Técnico do Botafogo, Franclim Carvalho disse que gramado piorou

zado em estádios como a Arena da Baixada, do Atlético-PR, o Pacaembu e a Arena Barueri, do Palmeiras. Porém, pouco tempo após a revalidação do laudo da Fifa, em janeiro, a SAF alvinegra encerrou o contrato de manutenção.

Em contato com o GLOBO, a Total Grass afirmou que sempre praticou “a reposição dos insumos e a constância nas manutenções”, assim como a utilização de “equipamentos corretos e de qualidade”. O Botafogo, por sua vez, tratou a troca de em-

presa com naturalidade. A reportagem também contou a FieldTurf, que não deu mais detalhes sobre seu processo de manutenção. Segundo especificações da empresa, o gramado só precisaria ser trocado após oito a 12 anos de uso, ou seja, entre 2031 e 2035.

A conservação do gramado inclui atividades que variam com o tempo e as condições climáticas e vão desde inspeção simples e descompactação até escovação e preenchimento de zonas críticas.

Além dos jogos e treinos da equipe masculina do Botafogo, o Nilton Santos recebe atividades da equipe feminina e da base, assim como diversos shows e eventos.

A próxima partida do alvinegro no estádio é no dia 20, contra o Cienciano, pela Sul-Americana.

VASCO

Zagueiro Diego Carlos é o novo alvo do clube

O Vasco segue ativo no mercado de transferências. Depois de fechar com o atacante Facundo Colidio e o volante Santiago Sosa, a diretoria negocia a contratação do zagueiro brasileiro Diego Carlos, do Fenerbahçe, da Turquia, que estava emprestado ao Como-ITA. A pedida inicial para liberar o jogador era de 2 milhões de euros, cerca de R\$ 10 milhões, mas o estafe do atleta gostou

do projeto apresentado e tenta uma rescisão amigável. Como o clube turco tenta abrir espaço no elenco para estrangeiros, o defensor pode entrar no pacote. Com isso, o Vasco não precisaria gastar com custos de aquisição. Diego Carlos tem 33 anos e passagens por Sevilla-ESP, Nantes-FRA e Aston Villa-ING, além de uma convocação para a seleção.



DIVULGAÇÃO

Emprestado. Diego Carlos estava no Como, da Itália

FLAMENGO

‘Artilheiro’ Pulgar tem futuro indefinido

Vivendo sua temporada mais artilheira pelo Flamengo, com três gols, Erick Pulgar ainda não tem certeza sobre sua permanência. Segundo o blog do Diogo Dantas, no GLOBO, representantes do volante terão reunião esta semana com interessados em levá-lo para o futebol árabe, pagando a multa rescisória de apenas quatro milhões de dólares, cerca de R\$ 20 milhões, ao clube.

O baixo valor é efeito da última renovação de contrato, assinada em março do ano passado, com validade até o fim de 2027, mas com brecha para uma saída antecipada. Recentemente, o rubro-negro apresentou uma proposta para valorizar o jogador e renovar seu contrato mais uma vez, mas Pulgar fez exigências financeiras e ainda não obteve resposta.

CRISE NA FIFA

Uefa, AFC e Concacaf reforçam oposição

A crise política que cerca o presidente da Fifa, Gianni Infantino, ganhou um novo capítulo ontem. Uefa (Europa), Concacaf (América do Norte, Central e Caribe) e AFC (Ásia) divulgaram um comunicado conjunto com duras críticas à atual gestão. O posicionamento surge dois dias depois de a própria Fifa rebater os críticos de Infantino em meio à crescente movimentação política. A manifesta-

ção representa uma escalada significativa na disputa pelo comando do futebol mundial desde o plano frustrado da Fifa de vender uma fatia de suas competições. Juntas, as três entidades representam 143 das 211 associações-membro filiadas à Fifa: 55 da Uefa, 47 da AFC e 41 da Concacaf, o que inviabilizaria a reeleição de Infantino.

HORA DE MOSTRAR FORÇA

Libertadores pode ser respiro para Flu de Hulk

LUCAS RIBEIRO
lucas.ribeiro.rpa@edglobo.com.br

“**M**eu sonho é conquistar a Libertadores”. Assim que desembarcou no Rio de Janeiro, essas foram as primeiras palavras de Hulk como reforço do Fluminense. O atacante de 40 anos já esteve perto de realizar esse desejo em 2024, quando o Atlético-MG foi vice-campeão. Aquela derrota na final para o Botafogo, com um jogador a mais, ainda é uma ferida aberta no coração do atacante.

Mas o camisa 7 pode usar essa mágoa como combustível para, enfim, decolar no tricolor, que necessita justamente de um homem-gol para voltar a vencer após a CopadoMundo—cinco empates e uma derrota até aqui. Apesar de ter sido mais garçom do que artilheiro nas últimas edições do torneio, ele busca recuperar sua antiga versão diante do Independiente Rivadavia-ARG, carrasco do Flu na fase de grupos, hoje, às 19h (de Brasília), no Maracanã, pelo jogo de ida das oitavas de final.

Os números mostram uma tendência no desempenho de Hulk na Libertadores: os gols diminuem a cada ano, enquanto as assistências aumentam desde 2022. Das 16 vezes em que o atacante marcou na competição, 13 (81%) aconteceram antes do mata-mata. Nessa fase, dois dos três gols foram de pênalti, ou seja, apenas um com bola rolando. Por outro lado, ele não



Fluminense
Fábio; Guga, Ignácio, Thiago Silva (Igor Rabelo) e Renê; Hércules, Martinelli e Lucho Acosta (Ganso); Canobbio, Soteldo (Savarino) e Hulk. Técnico: Luis Zubeldía.



Ind. Rivadavia
Bolcato; Osella, Leonard Costa, Studer e Elordi; Tomás Bottari, Leonel Bucca e Matías Fernández; Atencio, Sartori e Alex Arce. Técnico: Alfredo Berti.

Local: Maracanã. **Horário:** 19h. **Árbitro:** Cristian Garay (Chile). **Transmissão:** ESPN, Disney+ e Rádio CBN.

desaparece completamente nas eliminatórias: são oito participações diretas em 17 jogos, com três assistências em 2024.

Hulk ainda tenta engrenar no novo clube. Em seis partidas, soma apenas um gol, de pênalti, e uma assistência. É verdade que o recorte ainda é pequeno para prever o futuro, mas a torcida demonstrou impaciência e já vaiou o atacante nesta sequência negativa do time. Enquanto ainda se adapta aos novos companheiros, ele viu John Kennedy, seu principal concorrente, sofrer uma lesão no ligamento cruzado anterior do joelho direito, o que abriu espaço no ataque.

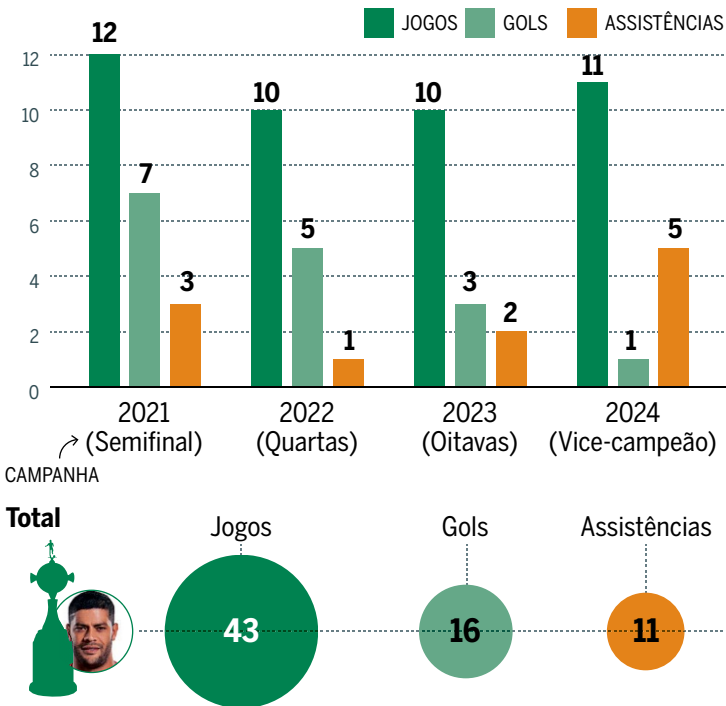
THIAGO SILVA DE VOLTA
Hulk foi poupado no clássico contra o Botafogo justamente para o jogo de hoje, contra o Independiente Rivadavia. Quem recebeu uma oportunidade no time no clássico foi Castillo, que



MARCELO GONÇALVES / FLUMINENSE

Nomes de peso.
Hulk e Thiago Silva devem ser titulares hoje

Números de Hulk em Libertadores



novamente deixou a desejar tecnicamente e ainda não fez jus ao status de maior contratação da história do clube — 13 milhões de dólares (cerca de R\$ 66 milhões na cotação atual).

Por outro lado, Ignácio e Soteldo aproveitaram a oportunidade e colocaram uma pulga atrás da orelha do técnico Luis Zubeldía. Além da atuação de destaque defensivamente, o zagueiro marcou de cabeça o gol de empate, enquanto o venezuelano foi um ponta mais incisivo, o que vem fazendo falta à equipe. A tendência é que o camisa 4 jogue ao lado de Thiago Silva, recuperado de lesão na parte posterior da coxa direita.

Pressionado no cargo pela sequência negativa, Zubeldía sabe que nenhuma palavra de motivação tem mais força do que a vitória no futebol. Para o treinador, isso vale ainda mais na Libertadores, já que a competição virou uma situação de “vida ou morte” no Flu após mais uma eliminação para o Vasco na Copa do Brasil.

O futuro do argentino depende de uma noite especial do tricolor no Maracanã. Caso contrário, a porta de saída pode se abrir de vez. Segundo o blog do Diogo Dantas, no GLOBO, a diretoria tricolor, inclusive, já avalia alternativas a Zubeldía, mas esbarra em um mercado restrito.

Independiente Rivadavia perde Villa, mas segue forte

Dono da segunda melhor campanha na fase de grupos, clube argentino mantém Arce, artilheiro da Libertadores com oito gols

Se antes de começar a Libertadores era um estreante desconhecido, o Independiente Rivadavia reencontra o Fluminense nas oitavas de final cheio de moral. Final, a equipe argentina foi líder no grupo do tricolor e, de quebra, terminou com a segunda melhor campanha da fase de grupos, com 16 pontos, atrás apenas do Flamengo no saldo de gols (12 a 9). Por conta disso, terá vantagem de decidir o confronto das oitavas com o apoio da sua torcida em Mendoza, na semana que vem, dia 18.

Após a pausa para a Copa

do Mundo, o Independiente Rivadavia teve um desfale de peso: viu o atacante Sebastián Villa voltar ao Boca Juniors. Principal jogador do futebol argentino em 2025, o colombiano era o capitão da equipe, o que representou uma perda significativa tanto na liderança quanto na técnica.

—Era algo (saída do Villa) que o Independiente Rivadavia já imaginava que pudesse acontecer desde o ano passado, quando o time conquistou a Copa Argentina. O Villa, inclusive, havia declarado que gostaria de jo-



DIVULGAÇÃO / RIVADAVIA / 18-2-2024

De volta. Alex Arce jogou em 2023/24 no clube, passou pela LDU e retornou

gar no River Plate ou no Boca Juniors. O Racing não quis contratá-lo porque foi acusado por duas ex-namoras de agressões físicas — lembra Raphael Sibilla, corresponsável do Grupo Globo na Argentina.

Já quem, pelo menos por enquanto, permanece no clube é Alex Arce, atual artilheiro da Libertadores com oito gols. Convocado pela seleção paraguaia para a Copa do Mundo, o atacante de 31 anos despertou recentemente o interesse do Internacional. Ele também teve uma boa passagem pela

LDU-EQU.

Para substituir Villa, o Independiente Rivadavia foi atrás de Maximiliano Salas, contratado pelo River Plate por 8 milhões de dólares (cerca de R\$ 52 milhões à época) junto ao Racing em julho do ano passado. O estilo do atacante combina com o time, dono da menor média de posse da Libertadores (37,8%).

—Não acho que o Salas será titular no jogo contra o Fluminense. Mas, pensando no estilo do Independiente Rivadavia contra os grandes argentinos, de dar a bola para o adversário, ele faz muito bem a jogada de trombar com o zagueiro, tentar dar uma casquinha ou já armar uma segunda bola para o centroavante — conclui Sibilla.

SEGREDOS DA BRUXARIA

GUSTAVO CUNHA
gustavo.cunha@oglobo.com.br

Lá pelas tantas, uma briga toma conta da história, e a personagem Elphaba, coitada, deixa o palco. Aos olhos do público, descortina-se apenas mais uma rápida saída da bruxa de pele verde. Mas, para que isso aconteça, Myra Ruiz, a intérprete de uma das protagonistas de “Wicked”, dá largada a uma pequena maratona. Na coxia do teatro, a atriz se desfaz dos vários acessórios no corpo — peruca, corpete, chapéu, vasoura —, desce dois lances de escada, percorre parte da área embaixo do tablado, troca o figurino, sobe outra escada e ressurge diante da plateia, no minuto seguinte, óóóó, deslumbrante e bela, erguida por um alçapão que (ufa!) a reposiciona na ribalta. A mágica funciona. E assim segue o espetáculo, como se nada desse périplo tivesse ocorrido.

— Todos os dias dou uma xingadinha, assim em voz

ACOMPANHAMOS OS BASTIDORES DO MAIOR FENÔMENO DO TEATRO MUSICAL NO PAÍS DA ÚLTIMA DÉCADA, ‘WICKED’, QUE INTRIGA PÚBLICO COM ‘EFEITOS ESPECIAIS’ E FAZ ELENCO ENFRENTAR MARATONA: ‘TODOS OS DIAS DOU UMA XINGADINHA’, DIZ INTÉRPRETE DE ELPHABA SOBRE FRENESI POR TRÁS DAS CENAS

alta, quando chega este momento — confidencia a artista. — Quando entro em cena para cantar as notas mais agudas e malucas, está tudo lindo. O que o público não sabe é o que fiz para chegar lá. Ou eu tropecei na escada, ou uma roupa enroscou na outra... É sempre um Deus nos acuda. Um desespero, todas as noites.

LOUCURA, LOUCURA, LOUCURA

A engrenagem invisível é o que sustenta o maior fenômeno do teatro brasileiro da última década. De quarta-feira a domingo — até o dia 4 de outubro, na Cidade das Artes Bibi Ferreira, na Barra da Tijuca, na Zona Sudoeste carioca —, 314 profissionais, entre elenco, orquestra e equipe técnica, cortam um dobrado para ligar os pontos desta peça superlativa.

Os números impressionam. Ao longo da sessão com duração de três horas — aos sábados e domingos, há apresentações duplas —, 35 atores dão vida, pasmem, a 200 personagens, o que exige nada menos do que 117 trocas de peruca. Isso sem falar nas 35 mudanças completas de cenário. Ou nos dois quilômetros de fitas de LED usados no palco. Detalhe: só para transportar esse aparato de São Paulo (onde mais de um milhão de pessoas assistiram à montagem em 2025) ao Rio de Janeiro, foram ne-

cessários 16 caminhões. O total da carga? Trinta e oito toneladas.

Aliás, a própria Cidade das Artes precisou ser adaptada para suportar a montagem. Um contrapi-so com grossura de 40 centímetros foi instalado sobre a madeira do teatro para distribuir a robustez dos cenários e preservar o tablado, que precisa ser devolvido exatamente nas mesmas condições em que foi recebido.

A proporção real dessas dimensões quase ilusórias ganha palpabilidade por baixo dos panos. Na última semana, o GLOBO sentiu o peso da rotina de quem atua por trás da superprodução ao acompanhar uma das sessões do espetáculo diretamente do *backstage*. Trata-se, é verdade, de uma “grande loucura”, como repete praticamente todo e qualquer funcionário, de camareiras a diretores, ao definir o próprio trabalho. Curiosamente, porém, encontra-se uma aparente tranquilidade na porção atrás do palco durante o espetáculo. No ambiente à meia-luz, só é permitido usar roupa escura, para que ninguém corra o risco de se destacar às vistas dos espectadores na penumbra. E fala-se baixo, muito baixo.

VOO E SUBSOLO

Enquanto cenários deslizam por trilhos e atores cruzam corredores e trocam figurinos (dispostos em cadeiras numa ordem precisa), David Brenon rege, sentado, uma espécie de central de comando. Diretor técnico da montagem (ou *production stage manager*, no jargão em inglês), ele acompanha toda a sessão com os olhos divididos entre um calhamaço encadernado — a partitura completa da peça, marcada com todas as deixas técnicas — e dez monitores que exibem, em tempo real, diferentes ângulos do palco, da plateia e das coxias, além do fosso, onde fica “escondida” a orquestra com 17 músicos.

Está com Brenon a missão de garantir que nada saia do



JÚLIA AGUIAR

lugar. Dos movimentos quase imperceptíveis às grandes cenas de efeito especial — que incluem entradas de cenário, mudanças de luz, voos e movimentos do elevador no subsolo, instalado especificamente para a produção —, tudo depende de uma ordem disparada pelo profissional por meio de um rádio ou um discreto sistema de sinais luminosos.

— Indico, através de minha partitura e da regência do maestro, em que momento da música os operadores devem acionar seus botões para que ocorra cada efeito desejado — resume Breno. — A atenção tem que ser redobrada.

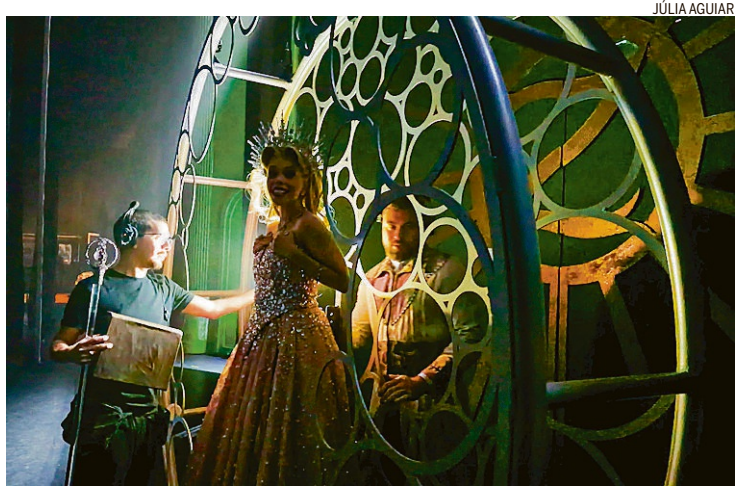
O momento mais aguardado não escapa, obviamente, da extrema vigília. No instante em que Elphaba levanta voo sobre a plateia, técnicos da empresa americana responsável pela estrutura de aço que suspende a atriz a 12 metros de altura também monitoram, diretamente dos EUA, o acionamento do equipamento

Conexão internacional.

David Brenon, diretor técnico, acompanha toda a sessão com os olhos numa partitura completa da peça e em dez monitores; no instante em que Elphaba (Myra Ruiz) levanta voo sobre a plateia, técnicos da empresa americana responsável pela estrutura de aço que suspende a atriz a 12 metros de altura também monitoram, diretamente dos EUA, o acionamento do equipamento

O que se vê e o que não se vê.

Fabi Bang (Glinda) se posicionando na traquitana que será apreciada pelos espectadores em cena



JÚLIA AGUIAR



DIVULGAÇÃO/JOÃO CALDAS FILHO

NO BRASIL COMO NA BROADWAY, NA PÁG. 2

RUAN DE SOUSA GABRIEL
rsgabriel@edoglobo.com.br
SÃO PAULO

Navegadora recém-con-vertida em best-seller, Tamara Klink se tornou alvo de controvérsias depois de recomendar, num vídeo compartilhado nas redes so-ciais, que o público paras-se de comprar seu livro, “Bom dia, inverno” (Companhia das Letras). Lançado em maio, a obra que narra sua experiência no inverno po-lar do Ártico não sai da lista de mais vendidos. Tamara disse que já havia exempla-res suficientes circulando, os quais podem ser compar-tilhados, emprestados e doa-dos para atender os leitores. E fez um apelo pela sustenta-bilidade: “Tem um monte de papel, um monte de energia que foi gasta da natureza pa-ra esse livro existir”, disse.

O problema foi que ela não considerou a sustentabili-dade do mercado do livro. As críticas, duras, vieram rápi-do. “Essa fala mostra um completo desconhecimen-to do mercado editorial e de-sinteresse por seus trabalha-dores”, disse a influenciadora Bárbara Krauss (@bde-barbarie) num vídeo que re-percutiu bastante entre edi-tores. “Quando ela fala ‘pa-rem de comprar o um livro’, ela não está afetando só a si própria”, afirmou. No do-mingo, Tamara reconside-rou. “Errei em não ver ou-tros pontos de vista. Precisa-mos da leitura. Precisamos de autores. Pequenos, gran-des e independentes. Sou leitora antes de ser autora e não levei em conta toda a ca-deia que alimenta as editoras”, escreveu a navegadora nas redes sociais.

Mas qual foi exatamente o erro de Tamara? Reservada-mente, uma editora de livros explicou ao GLOBO que a navegadora ignorou a im-portância dos best-sellers para movimentar toda a ca-deia do livro. Um best-seller não beneficia só seu autor e o dono da editora que o publi-cou, mas todo um ecossiste-ma. E não é só porque um li-vro que se paga garante a re-muneração adequada de profissionais como editores, diagramadores e revisores.

—As editoras vivem numa gangorra, divididas entre a necessidade comercial e a importância cultural dos li-



Dois lados.
Tamara Klink fez apelo sobre compartilhamento de livros e se preocupou com gasto de papel e energia, mas nomes do mercado editorial reagiram dizendo que as vendas são importantes para a indústria do livro

COM PREOCUPAÇÕES AMBIENTAIS, AUTORA DE ‘BOM DIA, INVERNO’ PEDIU AO PÚBLICO PARA PARAR DE COMPRAR SUA OBRA, GERANDO REAÇÃO NAS REDES SOBRE IMPORTÂNCIA DE BEST-SELLERS PARA SUSTENTABILIDADE DO MERCADO EDITORIAL

vtros. Lançamos muitos li-vros que não vão vender muito, mas são cultural-mente relevantes e nos ajuda-m a construir um catálogo diverso, que contempla um público amplo de leito-res — disse a editora. — Os best-sellers são importantes para que todos na cadeia do livro sejam bem remunera-dos, para que tenhamos uma verdadeira bibliodiver-sidade e para não precisarmos focar somente em li-vros que vão vender. São os best-sellers que sustentam financeiramente as editoras a longo prazo.

De fato, é comum, no meio editorial, apostar em livros chamados de “Robin Hood”, isto é, títulos com apelo co-mercial cujo sucesso custeia a publicação de obras literá-rias e de nicho — a expressão é atribuída a Alfredo Macha-do (1922-1991), fundador do Grupo Editorial Record.

Em seu vídeo, Tamara também incentivou priori-zar o empréstimo do livro em bibliotecas públicas em vez da compra. No entanto, o Brasil não conta com um sistema de bibliotecas tão robusto, que seja capaz de comprar livros em quanti-

dade suficiente para dar às editoras o retorno necessá-rio para continuar apostan-do em títulos que provavel-mente não serão best-sel-lers. Embora sejam de extre-ma importância para o mer-cado editorial, os progra-mas de compra de livros dos governos (especialmente do federal) sofrem com atra-sos constantes. Por isso, um mercado consumidor forte acaba sendo a principal ga-rantia das editoras.

Nas redes sociais, a escri-tora Micheliny Verunsch-k disse que a fala de Tamara foi “infeliz e equivocada”,

“típica de quem não conhe-ce o mercado”, mas acres-centou que o erro da autora “não justifica os ataques que ela está recebendo da boa gente que vive em torno dos livros”. A autora do premia-do “O som do rugido da on-ça” (Companhia das Letras) afirmou que “defender o li-vro passa também por co-brar do Governo Federal o retorno dos programas de aquisição dos livros de lite-ratura para escolas e biblio-tecas públicas” e “por en-tender que o MEC Livros, que é tão festejado, joga pra-ticamente no lixo os direitos autorais de quem escreve”.

A remuneração das edito-ras que disponibilizam obras na biblioteca virtual do Mi-nistério da Educação tem si-do objeto de discussão. Em abril, um editor disse ao GLOBO que o setor se re-sente do pouco tempo que

teve para “discutir um mo-delo justo de remuneração para o empréstimo digital”.

A editora ouvida pela re-portagem também alertou que não se deve desprezar a importância de ter livros em casa para a formação de no-vos leitores. Crianças to-mam gosto por livros quan-do crescem no meio deles.

— Para uma criança se tor-nar leitora, ela precisa ter li-vros em casa, conhecer o ob-jeto livro, estar imersa nesse universo — afirmou a editora. — Ter em casa uma estante com livros que você possa pe-gar é também um privilégio.

Aliás, quem sabia muito bem disso era Carolina Ma-ria de Jesus. Quando o suces-so literário lhe permitiu tro-car seu “quarto de despejo” por uma “casa de alvenaria”, a best-seller anotou, orgu-lhosa, em seu diário: “O livro é o adorno da minha alma.”

CONTINUAÇÃO DA CAPA

‘ATÉ NO ERRO EXISTE UMA MAGIA, SABE?’

COMO ‘WICKED’ TEM UM PÚBLICO QUE ASSISTE À PEÇA REPETIDAMENTE, ACONTECE DE CERTOS DESLIZES SEREM PERCEBIDOS PELOS FÃS E VIRAREM HISTÓRIA PARA CONTAR: ‘AÍ AS PESSOAS VÊM ME FALAR: ‘Ó, EU FUI NO DIA QUE A SAIA NÃO DEU CERTO’’, DIZ FABI BANG, A GLINDA NA MONTAGEM

ta. Camareiras, peruqueiros e técnicos executam uma coreografia ensaiada à exaustão: todos tiram e colo-cam vestido, peruca, acessó-rios... São dez mãos que tra-balham simultaneamente

para que a atriz volte ao cen-tro do tablado com caracte-rização alguns anos mais jo-vem na cronologia da trama.

Ninguém nega que já aconteceu de o plano não sair exatamente como pre-

visto. Numa das apresenta-ções, Fabi percebeu, já du-rante a troca, que havia es-quecido parte do figurino da cena seguinte. Sem tempo para voltar atrás, vestiu às pressas a saia de uma colega

do elenco, que naquele mo-mento estava fora do palco.

— Foi hilário, porque en-trei com uma saia zero com-patível com o blazer que es-tava vestindo. Mas até no er-ro existe uma magia, sabe?

Para o público que repara nesses deslizos, porque assis-te à peça repetidas vezes, vira uma história para contar. E aí as pessoas vêm me falar: “Ó, eu fui no dia que a saia não deu certo” — conta Fabi, que passa boa parte do espetácu-lo usando um vestido de cer-ca de dez quilos, além de um sapato de salto alto e uma co-roa pesada. — Não parece, mas qualquer movimenta-ção muda completamente quando você soma esse peso ao corpo. (Gustavo Cunha)

DE OZ PARA O BRASIL: O FENÔMENO QUE NÃO PARA DE CRESCER

> Inspirado no romance ho-mônimo de Gregory Maguire, “Wicked” revisita o universo de “O mágico de Oz”, do escritor L. Frank Baum, pelo ponto de vista de duas personagens tradicionalmente tratadas como antagonistas: Elphaba, a Bruxa Má do Oeste, e Glinda, a Bruxa Boa. A versão musical estreou na Broadway em 2003 e se tornou um dos maiores sucessos da história do teatro

americano, permanecendo em cartaz até hoje. A febre ganhou novo impulso com a adaptação para o cine-ma estrelada por Cynthia Erivo e Ariana Grande. O primeiro longa, lançado em 2024, trans-formou novamente o musical em fenômeno global — a se-gunda parte chegou às telonas no ano passado. No Brasil, porém, a história já vinha conquistando uma legi-

ão de admiradores desde 2016, quando Myra Ruiz e Fabi Bang assumiram, pela primeira vez, os papéis de Elphaba e Glinda. Uma década depois, a dupla de atrizes — a rigor “atletas”, como ambas brincam ao co-mentar o ofício extenuante nos palcos — continua à frente da montagem nacional. A fidelidade dos fãs ajuda a explicar o sucesso. Há espec-tadores que já assistiram ao

espetáculo, acredite, mais de 30 vezes, mesmo pagando ingressos com preços que variam entre R\$ 50 e R\$ 400. Nas sessões cariocas, não é difícil encontrar duplas ves-tidas de rosa e verde, repro-duzindo as cores das prota-gonistas. — Sei que vou ser eternamen-te lembrada por esse espetá-culo, e eu não tenho medo nenhum disso — afirma Myra

Ruiz. — Hoje, fui ao shopping, e me abordaram várias vezes para falar do meu trabalho. Isso é muito louco. Não fico deslumbrada, pensando: “Ah, sou famosa.” Não! O que me deslumbra é o fato de eu ser do teatro e as pessoas me reconhecerem... Não sou da novela! É assim que sinto que “Wicked” furou a bolha. Virou, de repente, este sucesso nacional.



_ SEG_Play_TER_Play_QUA_Play_SEX_Play_SÁB_Play_DOM_Patricia Kogut



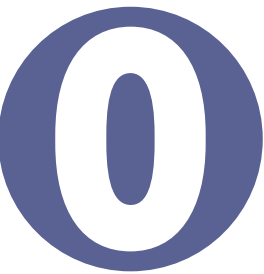
PLAY

Por Anna Luiza Santiago

Com Gabriel Menezes, Giulia Costa e Tábata Uchoa • oglobo.globo.com/play • anna.santiago@oglobo.com.br • @colunaplay



Para a segunda parte de “Cem anos de solidão”, na Netflix. Adaptação corajosa do livro de Gabriel García Márquez, a série continua arrebatadora. A qualidade técnica é excepcional, e o elenco emociona. Falta o episódio final, que chegará à plataforma em 26 de agosto. Imperdível.



Para a ideia fixa da Record em inteligência artificial. As reportagens do “Domingo espetacular” sempre exibem simulações bem caídas criadas com a ferramenta. Anteontem, o tema ainda apareceu durante uma longa matéria sobre edição de imagens. Pauta batida, por sinal.

Construções

O diretor Alberto Renault entrevistou o arquiteto Thiago Bernardes para sua nova série no GNT, “Casas e paraísos”. O programa mostrará projetos residenciais e de hotelaria no Brasil que estão inseridos na natureza. Estreia em 2027



MANOELLA MELLO/GLOBO

O tesouro

Eis o momento de “Quem ama cuida” em que Adriana (Leticia Colin) encontra a fortuna deixada por Arthur (Antonio Fagundes) num cofre de banco. Produtora de arte da novela, Carolina Pierazzo explica que todas as peças usadas nas cenas eram reais: “A equipe de uma marca de alta joalheria levou tudo pessoalmente, permaneceu conosco durante todo o período de gravação e recolheu assim que o trabalho terminou. Escolhemos joias emblemáticas e de impacto visual, com design exclusivo e gemas coloridas e raras”. Se nada mudar na edição dos capítulos, as sequências começarão a ir ao ar no sábado



DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO/JAMILLE QUEIROZ

Pai e filho

No ar em “A nobreza do amor”, Lázaro Ramos poderá ser visto nos cinemas de todo o país a partir de 5 de novembro com o filme “Feito pipa”, que estrela ao lado de Yuri Gomes. A produção, dirigida por Allan Deberton, terá exibição este mês no 54º Festival de Cinema de Gramado

Declinou...

Nicolas Prattes, o Mirinho de “A nobreza do amor”, foi convidado para fazer um dos mocinhos da nova trama das 19h de Daniel Ortiz, mas decidiu não aceitar. É que seu primeiro filho, fruto do casamento com Sabrina Sato, tem previsão de nascer entre o final de dezembro e o início de janeiro. Nesse período, as gravações já estarão em curso.

...E mais

O enredo, ambientado em São Paulo, vai girar em torno de três mulheres que perdem dinheiro e precisam reconstruir suas vidas. O protagonismo será dividido por alguns personagens, o que ocorreu também em “Salve-se quem puder” e “Família é tudo”, as duas últimas obras do autor. O lançamento acontecerá no primeiro semestre de 2027.

Em alta

É discutido na Globo um plano para tornar Tiago Medeiros apresentador fixo do “Esporte espetacular”. Atualmente no “Globo esporte” de Pernambuco, ele dividiria o comando da atração com Karine Alves.

Outra temporada

“Angélica ao vivo” voltará ao ar no GNT e no Globoplay no dia 24 de setembro, com dez episódios no total.

Solar

O enfermeiro que Babu Santana interpretará em “Por você”, próxima história das 19h, será um personagem divertido. O papel servirá como alívio cômico dentro do hospital.

Subindo

De 3 a 8 de agosto, “Quem ama cuida” bateu recorde de audiência pela quarta semana consecutiva em São Paulo, com 24,1 pontos.

Anthony Bourdain era um adolescente que lavava pratos no restaurante Flagship, em Provincetown, Massachusetts, quando viu uma cena inusitada. Num dia de verão na década de 1970, ele e o restante da equipe observaram pela janela um encontro íntimo do chef de cozinha com uma cliente, do lado de fora, na área das lixeiras. Vestida de noiva, ela estava prestes a jantar com parte de seu grupo de casamento. Antes, recebeu o “especial do chef”. A história não registra se o casamento prosperou. Sabemos que aquela cena teve um efeito profundo na mente de Bourdain, que já fervilhava com a conduta rebelde e audaciosa que via dentro da cozinha. Naquele momento, escreveu mais tarde, ele soube que queria se tornar chef. Bourdain chegara a Cape Cod naquele verão sem emprego e com poucas ambições além de curtir a vida. Ao fim da

A PROVINCETOWN QUE MOLDOU BOURDAIN



ELIZABETH CECIL/THE NEW YORK TIMES

Curtição.

Anthony Bourdain conheceu cidade como jovem sem rumo e a deixou com a intenção de ser chef

temporada, havia encontrado, possivelmente pela primeira vez, uma inspiração.

Esta descoberta é o tema de “Tony”, longa dirigido por Matt Johnson que estreou nos cinemas dos EUA na sexta-feira. O filme, ambientado em Provincetown, toma liberda-

des em relação aos fatos reais, como costuma acontecer em cinebiografias. O foco é a cozinha, e não os três verões que moldaram a sensibilidade de Bourdain expressa em seu livro de memórias de 2000 e nos programas de TV que vieram na sequência.

Para ter uma visão mais clara, fui a Provincetown mês passado, seguindo os passos de Bourdain, tal como fizeram muitos fãs durante a vida dele e após sua morte por suicídio, em 2018, aos 61 anos. Michael Cunningham, romancista e morador local, descreveu Provincetown como “um dos poucos lugares nos EUA que não apenas toleram a excentricidade, mas a preferem”. Isso era ainda mais verdadeiro nos anos 1970, quando a cidade flutuava em correntes culturais distantes do mainstream americano. O tecido social heterogêneo de Provincetown se entrelaçava em lugares como o Piggy’s, onde o escritor Norman Mailer e o pintor Robert Motherwell dividiam a pista de dança com locais. Apartamentos e chalés

podiam ser alugados por preços baixos. Viver à margem era fácil. Em certo sentido, a cidade era feita apenas de margens. Era um porto seguro para poetas, artistas, andarilhos, catadores de mariscos, gays, lésbicas, drag queens, hippies e pessoas que haviam abandonado as convenções sociais.

CLIMADE ROMANCE

O Tony do filme, interpretado por Dominic Sessa, chega à cidade cambaleando, apaixonado e sozinho, em busca de uma garota chamada Nancy. Na vida real, Bourdain chegou com uma turma de amigos que incluía Nancy Putkoski, com quem mantinha um relacionamento de idas e vindas há algum tempo. (Eles se casaram em 1985 e se divorciaram 20 anos depois.) Os colegas de casa de Bourdain tinham emprego. Ele, não. Eles pagavam o aluguel de uma casa de veraneio. Ele dormia lá.

Hoje uma residência particular, o Flagship funcionava em um edifício longo e estreito, revestido de telhas de madeira. Dizem que o único elemento que restou foi o bar, construído a partir de um antigo barco de pesca de madeira. Bourdain parecia encontrar propósito e ordem na frenética disciplina da cozinha. Ele foi da pia para a estação de saladas, depois para a fritadeira e, finalmente, para a temida grelha. Antes de morrer, quando a conduta desenfreada nas cozinhas de restaurantes passou a ser criticada por fomentar graves abusos físicos e sexuais, Bourdain disse que se arrependia de ter glorificado aquela cultura. Ele também passou a ver com menos entusiasmo o consumo de drogas nos restaurantes de Provincetown — uma prática notória, mesmo para os padrões da década de 1970. (Por Pete Wells, do The New York Times)



ACUSADO POR MORTE DE TUPAC VAI A JÚRI APÓS 30 ANOS

COM CRISE NO BRB, FESTIVAL DE BRASÍLIA É CANCELADO

O julgamento de Duane “Keffe D” Davis, ex-líder de uma gangue acusado de orquestrar o assassinato de Tupac Shakur começou ontem, em Las Vegas, 30 anos após a morte do rapper californiano. Shakur foi baleado em 7 de setembro de 1996, depois de ver uma luta de boxe de Mike Tyson. A promotoria espera provar que Davis ordenou o assassinato e forneceu a arma do crime. Aos 63 anos, ele pode ser condenado à prisão perpétua sem possibilidade de liberdade condicional. Morto aos 25 anos e filho de um integrante do Partido dos Panteras Negras, Tupac foi uma figura chave na rivalidade entre o rap da Costa Oeste e o da Costa Leste dos EUA. A investigação do crime foi retomada só com a publicação das memórias de Davis em 2019. Nelas, ele contou que estava no banco da frente do Cadillac branco de onde foram disparados os tiros que mataram Tupac. Davis admitiu que passou a arma para o banco de trás, mas nunca disse quem atirou. Todos os ocupantes do veículo já morreram. Essas declarações levaram à sua prisão em setembro de 2023. Mas Davis agora nega essas confissões e se diz inocente.

Mais antigo festival de cinema em atividade do país, o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro não será realizado em 2026. Segundo a direção do evento, a Secretaria de Cultura e Economia Criativa do DF informou que não haveria verba para a realização. A notícia foi dada pela Rádio CBN e confirmada pelo GLOBO. A 59ª edição do evento aconteceria a partir de 11 de setembro, no Cine Brasília. Os rumores do cancelamento começaram com notícias de atraso nos repasses de R\$ 3 milhões por parte da Secretaria. Um acordo de três anos previa a realização dos festivais de 2024, 2025 e 2026, com orçamento já aprovado. “A informação que o Governo do Distrito Federal não aportará recursos para o festival, o que implica o cancelamento, nos foi repassada presencialmente pela Secretaria de Cultura”, diz Henrique Rocha, diretor de logística do Festival de Brasília, ao GLOBO. Na sexta-feira, a governadora do Distrito Federal, Celina Leão, afirmou que não iria priorizar a realização do festival diante da crise orçamentária ligada ao Banco de Brasília (BRB), que enfrenta colapso após negociações e operações realizadas com o Banco Master entre 2024 e 2025, que somaram R\$ 30 bilhões segundo dados da instituição.

HORÓSCOPO

Cláudia Lisboa

ÁRIES (21/3 A 20/4) Elemento: Fogo. Modalidade: Impulsivo. Signo complementar: Libra. Regente: Marte. A reação a uma expressão sua tocará um ponto sensível e despertará a vontade de abandonar o que ainda começa. Mantenha o entusiasmo fora do julgamento imediato. Dedique-se ao que merece continuidade.

CÂNCER (21/6 A 22/7) Elemento: Água. Modalidade: Impulsivo. Signo complementar: Capricórnio. Regente: Lua. Uma ideia ou convite chegará acompanhado de um gasto ou concessão que tocará seu senso de merecimento. Confira o quanto isso exige de energia e tempo. Resgarde a base que sustenta sua tranquilidade.

LIBRA (23/9 A 22/10) Elemento: Ar. Modalidade: Impulsivo. Signo complementar: Áries. Regente: Vênus. Uma proposta ousada mudará uma conversa e tocará o medo de perder lugar. Experimente a nova configuração sem disputar centralidade. Apresente uma contribuição e observe quem acolhe sua diferença.

CAPRICÓRNIO (22/12 A 20/1) Elemento: Terra. Modalidade: Impulsivo. Signo complementar: Câncer. Regente: Saturno. A ação de outras pessoas em relação a seus recursos ou intimidade seguirá acendendo reações. Recupere seu espaço com perguntas diretas e critérios definidos. Equilibre a troca para evitar ressentimentos.

TOURO (21/4 A 20/5) Elemento: Terra. Modalidade: Fixo. Signo complementar: Escorpião. Regente: Vênus. Uma mudança feita sem a sua participação mexerá com você. Antes de reagir, reconheça o que precisa ser protegido e o que já pode mudar. Proponha um novo acordo que respeite sua sensação de segurança.

LEÃO (23/7 A 22/8) Elemento: Fogo. Modalidade: Fixo. Signo complementar: Aquário. Regente: Sol. Uma irritação virá à tona em meio ao reconhecimento de algo que tem sua autoria. Apresente os fatos e evite prolongar o conflito. Defender o que é seu fortalecerá sua presença sem gerar nova disputa.

ESCORPIÃO (23/10 A 21/11) Elemento: Água. Modalidade: Fixo. Signo complementar: Touro. Regente: Plutão. Quando pedirem que você represente uma causa, equipe ou decisão, uma dúvida sobre competência aparecerá junto da responsabilidade. Assuma a parte que consegue conduzir com inteireza e abraça seu propósito.

AQUÁRIO (21/1 A 19/2) Elemento: Ar. Modalidade: Fixo. Signo complementar: Leão. Regente: Urano. O encontro marcado por obrigação ficará mais agradável do que você esperava, mas despertará o receio de voltar a ceder demais. Receba a aproximação, expresse o que lhe faz bem e mantenha um limite simples.

GÊMEOS (21/5 A 20/6) Elemento: Ar. Modalidade: Mutável. Signo complementar: Sagitário. Regente: Mercúrio. Uma questão antiga aparecerá quando você estiver pronto para encerrar o assunto, revelando o que ainda dói. Evite reconstituir detalhes do passado. Separe intenção de efeito e responda com poucas palavras.

VIRGEM (23/8 A 22/9) Elemento: Terra. Modalidade: Mutável. Signo complementar: Peixes. Regente: Mercúrio. A vontade de cancelar compromissos surgirá antes de conseguir explicar o cansaço. Conceda esse intervalo com propósito. Durma melhor, escreva ou permaneça em silêncio. Diferencie intuição de culpa.

SAGITÁRIO (22/11 A 21/12) Elemento: Fogo. Modalidade: Mutável. Signo complementar: Gêmeos. Regente: Júpiter. Uma pessoa experiente reconhecerá o potencial de uma ideia que parecia ambiciosa demais. Aproveite o incentivo para definir direção, aprofundar referências e transformar a visão em uma primeira entrega.

PEIXES (20/2 A 20/3) Elemento: Água. Modalidade: Mutável. Signo complementar: Virgem. Regente: Netuno. A pergunta de um colega ou profissional revelará quanto esforço estava escondido atrás da eficiência. Explique onde o funcionamento trava, registre o que precisa mudar e solicite uma divisão de demandas.

JOGOS

LOGODESAFIO

POR SÔNIA PERDIGÃO

D N T T

U VO

I S O I

Foram encontradas 14 palavras: 09 de 5 letras, 03 de 6 letras, 01 de 7 letras, 01 de 8 letras, além da palavra original. Com a sequência de letras VO foram encontradas 08 palavras.

Instruções: 1. Encontrar a palavra original utilizando todas as letras contidas apenas no quadro maior. 2. Com estas mesmas letras formar o maior número possível de palavras de 5 letras ou mais. 3. Achar outras palavras (de 4 letras ou mais) com o auxílio da sequência de letras do quadro menor. As letras só poderão ser usadas uma vez em cada palavra. Não valem verbos, plurais e nomes próprios.

Solução: disto, indio, misto, sírio, suíno, tinto, tônus, unido // nrtido, súdio, tñido // intuio // distnto // INSTITUIÇÃO. Com a sequência de letras VO: distintivo, indutivo, novio, novo, vodu, voto.

QUADRINHOS

MACANUDO Liniers

NADA COM COISA ALGUMA José Aguiar

FORA DE FOCO Eduardo Arruda

O CORPO É PORTO André Dahmer

Quando Jesus voltou

BICHINHOS DE JARDIM Clara Gomes

escritórios PIOLHO

A VIDA É UM RISCO Adão Iturrusgarai

SOLUÇÃO

ASSINE COQUETEL E SE DIVIRTA ONDE ESTIVER!

Receba suas revistas favoritas no conforto da sua casa!

www.assinecoquetel.com.br

Assine a partir de 10 reais por mês

coquetel

GUSTAVO CUNHA
gustavo.cunha@oglobo.com.br

Valéria Barcellos avisou ao diretor Jorge Farjalla que “quebraria tudo” caso não fosse escolhida para o papel de Geni na nova adaptação de “Ópera do malandro”. Há pouco mais de uma década, desde que se deu conta de que a canção “Geni e o zepe- lim” tratava da maldita e bendita vida de uma prostituta travesti, a atriz trans e cantora empreende uma pesquisa quase obsessiva sobre a música, esmiuçando a letra de Chico Buarque e correlacionando-a com outros textos (a composição se inspira no conto “Bola de sebo”, de Guy de Maupassant). Tudo isso porque, ao revirar as pedras no meio do caminho da personagem sofrida, a artista de 46 anos percebeu que também escavava a própria história.

Natural da pequena Santo Ângelo, no interior do Rio Grande do Sul, Valéria lembra de ouvir, na infância, colegas de pele alva e olhos azuis, descendentes de imigrantes germânicos, conversarem em alemão para que ela não os entendesse. Filha de uma merendeira e um carteiro, encontrou na arte, meio sem querer — por insistência da regente da classe, que sempre via a criança cantaro-lando sozinha de frente para as paredes —, a “possibilidade de libertação e conhecimento de si mesma”. Aos 6 anos, ganhou um concurso de música no município. Vi-rou estrela na escola. E não parou mais de cantar.

Mas nem tudo foram aplausos para a gaúcha que sonhava ser professora só para experimentar “o poder de silenciar uma sala de aula”. Hoje, ela pede o oposto para a plateia que assiste à “Ópera do malandro”, em cartaz até o dia 30 no Teatro Multiplan, na Barra da Tijuca, no Rio, após temporada de sucesso em São Paulo. “Quero que vocês cantem comigo”, clama Geni, diante da plateia, antes da música emblemática. Está aí um dos ápices do espetáculo.

— Acredito que o musical é condicionado para este momento. Esta peça é para a Geni — ressalta Farjalla. — Há um tom farsesco entre todos os personagens, e Geni talvez seja a que mais busque humanidade. Isso faz com que seja uma hecatombe.

NA PRAÇA OUTRA VEZ

Inspirada na “Ópera dos três vinténs”, de Bertolt Brecht, e escrita em 1978, na ditadura militar, “Ópera do malandro” segue os passos de tipos marginalizados no Rio dos anos 1940. Pelas beiradas da trama protagonizada pelo contrabandista Max



Em cena. Gaúcha canta em um dos ápices da montagem: “O musical é condicionado para este momento”, comenta o diretor Jorge Farjalla

Overseas (interpretado por José Loreto, em alternância com Tiago Barbosa), Geni abocanha a cena. Aliás, sempre foi assim. Peça para alguém citar um dos personagens da trama — vertida para as telonas, em 1985, pelo diretor Ruy Guerra —, e quase sempre se ouvirá o nome da travesti, alvo constante, na história, da bosta, pedra e hipocrisia de uma cidade que só a acolhe quando convém (“Esta é a minha vivência”, diz Valéria).

Fato é que a figura da ficção está em alta. Geni será tema, em breve, de um filme inspirado na canção. No longa-metragem inédito de Anna Muylaert —aindasem

data de estreia —, caberá à atriz trans Ayla Gabriela o papel principal.

Há 48 anos, na montagem original da peça, em São Paulo, quem encarnou Geni foi Andréa de Mayo, militante travesti. A informação é realçada por Valéria.

— Muita gente fala que sou a primeira atriz trans nesse papel, sem saber do trabalho da Andréa de Mayo. E a gente precisa lembrar dela. Acaba havendo um apagamento, e a peça, no fundo, quer celebrar a presença de todos esses corpos à margem — diz a atriz.

Valéria joga nas 11. Aprendeu “por imposição”, como diz, a fazer humor e drama

— e a pintar, a fotografar, a “discotecar” e a realizar curadoria em artes visuais. O que mais? Nas últimas semanas, deixou temporariamente o elenco de “Meu filho é um musical” — superprodução sobre o humorista Paulo Gustavo, em cartaz no Teatro Renault, em São Paulo — para voltar a ensaiar, logo no dia seguinte, a “Ópera do malandro”. No fim deste mês, o movimento será inverso: findada a montagem buarquiana, retornará a “Meu filho...”. Depois, ingressará, então, no espetáculo “Titanique”.

No meio disso, ela mantém acesos projetos independentes. No dia 26, subi-

rá ao palco do Solar de Botafogo, na Zona Sul carioca, para apresentar o novo show “Minha risada ainda vai tocar no rádio”, em que mescla “causos” pessoais a hits do cancionero nacional e internacional e composições autorais, alguns deles gravados no disco “Saravali”, de 2024 (que inclui uma versão de “Geni e o zepe- lim”). Será uma espécie de reedição das performances que ela fazia, há dez anos, na antiga casa noturna Galeria Café, em Ipanema.

— Só sou uma “multiartista” porque fui atrás de aprender um monte de coisas para que conseguisse trabalhos e espaço — conta.

— É ruim ter que ser assim. Mas precisava começar de algum jeito, né?

Valéria se lançou profissionalmente aos 18 anos, numa “banda de baile”, como são chamados, no Rio Grande do Sul, os grupos que embalam festas de debutantes, comemorações em clubes, festejos de Ano Novo... Nesse período, ela deu largada ao gradual processo de transição de gênero. Passou a despertar olhares tortos (“Era estranha para aquela população: uma pessoa com a voz muito aguda vestida num terno”, recorda-se). Com o tempo, o canto alcançou outras plateias — a artista criou a persona Valéria Houston, cover de Whitney Houston —, “e aí as coisas mudaram da água para o vinho”, como relata:

— Depois que consegui ser plenamente quem sou hoje, comecei a “cantar brincando”. Antes, tinha muita dificuldade. Era algo físico, como se me fechasse e não conseguisse cantar a plenos pulmões. Eu já era o que sou. Mas faltava um entendimento — diz. — Sabia que não seria fácil. Nunca é. Mas passei a cultivar até a possibilidade de sonhar. E aí fui me enfiando nos espaços, porque é assim que a vida funciona.

ALTOS E BAIXOS

Ela não gosta de enfatizar os percalços. Prefere exaltar louros e láureas. Exemplos: o surpreendente êxito da personagem Luana Shine na novela da TV Globo “Terra e paixão” (2023), “um novo ponto de partida na carreira”, e a participação no recém-lançado álbum visual “Equilibrivm II”, de Anitta. Sim, sobram motivos para comemorar alegrias. Mas o mundo é cruel.

Em 2015, enquanto passeava com um namorado na Rua da República, em Porto Alegre, onde mora, a atriz e cantora foi agredida com uma chave de fenda por um senhor que a chamava de “aberração” e vociferava que ela “tinha que morrer”. O crime, registrado em delegacia, nunca foi solucionado. Nas costas de Valéria, a cicatriz decorrente da violência está coberta agora por uma tatuagem: um desenho de uma rosa e um microfone.

— Até esse episódio, tinha a visão de que meu trabalho era só cantar umas musiquinhas, e pronto. De repente, entendi que tinha a nobreza obrigatória de devolver algo maior para os outros — afirma. — E aí passei a tentar trazer, sempre, alguma coisa que conscientizasse. E, principalmente, que celebrasse o meu e tantos outros nomes que estão num cartaz de teatro, e não só em lápides.

TURCO AUTODIDATA MANTÉM VIVA UMA LÍNGUA MORTA

MEHMET KUSMAN, DE 86 ANOS, DEDICA VIDA À FORTALEZA DE CAVUSTEPE E AO ESTUDO DA LÍNGUA DO EXTINTO REINO DE URARTU



Ontem e hoje. Pannel com inscrição: escavações permitiram descoberta

rou com sua primeira estela:

— Era muito bonita. Mas o responsável pelas escavações o desaconselhou a aprender essa escrita “muito difícil”, que havia tomado emprestado seu alfabeto cuneiforme do assírio: — Ouvir um “não” me magoou. Fiquei obstinado. Apesar de não ter formação acadêmica, Kusman começou a copiar as inscrições encontradas durante escavações em Turquia, Irã e Armê-

nia — regiões que, outrora, integraram o reino de Urartu. Em três anos, segundo ele, dominou o alfabeto, mas “leveei 22 anos para dominar 650 palavras” de vocabulário. Acadêmicos contatados pela AFP elogiaram o entusiasmo e a dedicação de Kusman. Ele se tornou um personagem local, descrevendo-se como “uma das últimas sete pessoas na Turquia que falam a língua urartiana”.

Erkan Konyar, professor de história antiga na Universidade de Istambul, descreve o reino como “um dos estados mais poderosos do

antigo Oriente Próximo, entre os séculos IX e VII a.C.”

Apesar de ter se aposentado em 2005, Kusman continua a zelar por Cavustepe, afirmou Konyar, especialista em Tuspa, a capital fundadora do reino:

— Há 60 anos, ele vive em meio às escavações e apresenta a história de Urartu a milhares de visitantes.

A paixão pelo idioma fez dele uma celebridade local. Suas palestras o levaram aos EUA, à Alemanha, aos Países Baixos, à Bélgica:

— Agora, estou pensando em ir ao Japão. (Da AFP)



ASHLEY SPENCER
Do New York Times

Rapaz conhece moça. Eles trocam provocações bem-humoradas. Eles passeiam por Nova York. Estão tentando encontrar o amor... sob o jugo de uma opressão totalitária? Esta é a premissa da nova comédia romântica “Só por uma noite” (*que chega aos cinemas brasileiros no dia 20*).

Dirigido por Will Gluck (“Todos menos você”, “A mentira”), o filme se passa em uma versão da cidade quase idêntica à realidade, com um detalhe: o sexo antes do casamento é ilegal, exceto por uma noite por ano, quando pessoas solteiras têm permissão para transar à vontade. Na elaborada construção de mundo do filme, a lei é fruto de um governo conservador dos EUA e é aplicada por meio de biossensores, embora exista resistência ativa.

Nesse cenário, a romântica incurável Allie (Monica Barbaro) e Owen (Callum Turner), recém-abandonado pela namorada, acabam se cruzando repetidamente em meio a uma série de eventos caóticos.

Para que ela entendesse o tipo de filme que ele pretendia fazer, Gluck pediu a Barbaro que assistisse a “Jóias brutas”, “Depois de horas” e “Fuga à meia-noite” — filmes com tensão crescente.

— Eu pensei: “Beleza, não tem nenhuma comédia romântica aí, mas sei que você é o cara das comédias românticas.” Parecia estranho, mas também era empolgante — disse a atriz, cuja atuação como Joan Baez em “Um completo desconhecido” lhe rendeu uma indicação ao Oscar.

Para Turner, ator britânico mais conhecido por trabalhos dramáticos como “Remando para o ouro” e “Mestres do ar”, o filme permitiu explorar seu lado mais divertido e brincalhão.

— Adorei o absurdo da situação — disse ele. — Sempre quis fazer uma comédia romântica clássica. Fiz “Eternidade”, mas foi uma atuação mais realista; já este personagem é um bobalhão.

Fora das telas, os atores, ambos com 36 anos, vivem seus próprios romances: Turner se casou com a cantora Dua Lipa em junho, e Barbaro tem sido apontada como namorada de Andrew Garfield, seu colega de elenco em “Artificial”.

Em uma entrevista conjunta por vídeo realizada em julho, as estrelas falaram sobre “Só por uma noite”, suas memórias de Nova York e suas visões sobre o amor. A seguir, trechos editados da conversa.

Esta é uma comédia romântica explicitamente política. Toda a premissa do filme gira em torno disso. O que vocês acharam dessa linha narrativa central?
MONICA BARBARO: Embora tenha esse tom político, no fundo acho que o filme é apenas uma alegoria sobre namoro. Você pode estar vivendo sob um governo com o qual não concorda, mas, no fim das contas, só quer encontrar o amor — e isso pode significar ter de conviver com muito desconforto e dificuldades.
CALLUM TURNER: O filme é sobre amor. No fundo, não é sobre política. Para mim, nunca prestei atenção nisso. O que eu realmente gostei, na verdade, foi o fato de não ser um futuro distópico. É uma Nova York que reconhecemos, só que com



Outros tempos.
Callum Turner e Monica Barbaro: no filme, sexo antes do casamento é ilegal, exceto uma noite por ano

ENTREVISTA MONICA BARBARO E CALLUM TURNER

NÃO VALE TUDO ENTRE 4 PAREDES

À FRENTE DA COMÉDIA ROMÂNTICA ‘SÓ POR UMA NOITE’, QUE ESTREIA ESTE MÊS, ATORES FALAM SOBRE AMOR EM TEMPOS CONSERVADORES, ALMAS GÊMEAS E NOVA YORK, CIDADE QUE É QUASE UM PERSONAGEM DO FILME

uma pequena mudança. Também é uma ideia absurda essa de o governo impedir as pessoas de fazerem sexo.
BARBARO: Bom, algumas pessoas acham absurdo, e outras pensam: “Isso poderia acontecer.” É aí que está o interessante.

Vocês acham que é algo absurdo ou algo que poderia acontecer?

TURNER: Acho que é uma ideia absurda. Esse é o ponto, certo? Na verdade, é algo tão distante da nossa realidade que nós, como público, conseguimos nos colocar nessa situação. Você pensa: “Bom, o que eu faria se tivesse essa única noite? Eu me casaria cedo? Eu esperaria?”
BARBARO: Acho que a ideia dos biossensores nunca vingaria, mas, na verdade, cheguei a um ponto em que não faço ideia. Acho que já passamos do limite do ab-

surdo de muitas maneiras hoje em dia. Fico constantemente chocada com o que leio nas notícias, então, quem sabe?

Seus personagens fazem piadas sobre as características físicas um do outro. (Allie diz a Owen: “Suas orelhas parecem portas de carro.” Owen diz a Allie: “Seu nariz é pequeno demais para o seu rosto.”) Como vocês criaram essas falas?

TURNER: A Monica improvisou essas falas. Eu não conseguia acreditar.
BARBARO: Eu pensei: “Tenho mais algumas.”
TURNER: Monica e Will são obcecados pelas minhas orelhas; foi daí que surgiu aquela piada. Quando eu era mais novo, todo mundo zoava minhas orelhas porque acho que já nasci com o tamanho que tenho hoje, e depois minha cabeça cres-

ceu e acabou acompanhando o tamanho delas.

Will Gluck é conhecido por incluir momentos musicais em suas comédias românticas. Aqui, Allie é uma cantora que grava versões pop para comerciais de medicamentos. Como foram as conversas sobre as músicas?

BARBARO: Tive a oportunidade de trabalhar com o mesmo preparador vocal de “Um completo desconhecido”, mas, naquele caso, eu estava totalmente empenhada em honrar a artista que interpretava. Neste filme, eu também estava preocupada com a qualidade do trabalho, mas, quando cantava a música sobre psoríase, agente não conseguia parar de rir. Este Haim (*compositora do filme*) foi fundamental para me ajudar a abraçar a carga emocional

dessas músicas. Aí, tudo fica muito mais engraçado.

Callum, você conhecia o conceito de jingles de medicamentos? (A publicidade de medicamentos voltada diretamente ao consumidor é proibida na maioria dos outros países.)

TURNER: Não, no começo eu não entendia muito bem. Eu conheço os comerciais, mas não os jingles.

BARBARO: Fico pensando se isso vai fazer sentido para o público no exterior.

TURNER: Quer dizer, eu ainda não ouvi um jingle de remédio na vida real. Os seus são os únicos que conheço. (*Cantando e falando*) “Psoríase, diga o que quiser dizer e deixe sua pele limpa aparecer.” Eu não sou cantor.

BARBARO: Era o que eu costumava dizer.

Este é um filme muito nova-iorquino. A cidade é quase personagem no filme. Vocês se lembram da primeira vez que visitaram a cidade?

BARBARO: Eu tinha 12 anos; foi uma viagem da escola para Nova York e Washington. Lembro-me de ficar encantada. Depois, voltei um ano mais tarde com minha mãe e meu irmão; passamos pela NYU e eu pensei: “Quero estudar lá.” Acabei indo para a NYU, e foi um sonho realizado. Eu não tinha interesse em ser uma estudante num campus com time de futebol americano.

TURNER: Eu tinha 10 anos. Vim com minha mãe e uma amiga dela, naquele período entre o Natal e o Ano Novo. Estava nevando e fazia frio; ficamos hospedados ao norte da Times Square. Lembro-me de que parecia coisa de filme. Era mágico. Fomos patinar no gelo no Central Park. Tudo é maior, mais barulhento e mais brilhante. Fiquei realmente maravilhado com aquilo.
BARBARO: Foi assim que me senti em relação a Londres, para ser sincera. Pensei: “Isso não tem nada a ver com a América. Isso é muito legal.”
TURNER: Também me lembro de estar no quarto de

hotel e assistir a “America’s Most Wanted”. Eu pensava: “Que diabos é isso?” Na Inglaterra, tínhamos o “Crimewatch”, que era tipo: “Um texugo foi roubado de sua toca. Precisamos encontrar o culpado.” Já o “America’s Most Wanted” era: “Assassino que matou seis pessoas...”

Quais comédias românticas clássicas vocês mais reassistiram?

TURNER: Conheço os da Monica: “Dez coisas que eu odeio em você”, “Como perder um homem em dez dias” e “O casamento do meu melhor amigo”.

BARBARO: Muito bem. O seu é “Um lugar chamado Notting Hill”.

TURNER: É. Já aconteceu de eu estar saindo de casa e acabar sentando no sofá para assistir ao filme inteiro em vez de ir.

Você acredita na ideia de almas gêmeas?

TURNER: Acredito, com certeza. Acredito que existem tantos tipos diferentes de amor. Existe aquele que cresce aos poucos. Existem as amizades. Existe o amor dos pais. Uma alma gêmea não precisa ser necessariamente um parceiro amoroso; pode ser qualquer coisa. Algumas das minhas almas gêmeas são minhas melhores amigas.
BARBARO: Concorro com isso. Também existem muitas formas de chegar ao amor e a relacionamentos duradouros, mas acho que há algo de especial e cômico em certos relacionamentos.

No filme, Allie se preocupa em encontrar algo “real” em meio ao caos. Como você, que vive sob os holofotes, consegue manter um relacionamento real apesar de todo esse barulho?

TURNER: É como qualquer outro. É um relacionamento muito normal. Essa é a verdade.

BARBARO: No fim das contas, é um relacionamento muito normal; proteger a privacidade o máximo possível para não se expor... é, proteger a privacidade é uma parte importante disso.



Sedução.
Allie (Monica Barbaro) e Owen (Callum Turner): par romântico

